

DOUGLAS PRESTON & LINCOLN CHILD

O VÍRUS DO APOCALIPSE

Tradução de Jorge Colaço

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

O Vírus do Apocalipse é uma obra de ficção. A empresa GeneDyne, a Fundação para a Política Genética, o Fundo para a Memória do Holocausto, a Fundação para a Pesquisa sobre o Holocausto, Hemocyl, PurBlood, X-FLU — e, claro, o próprio Mount Dragon — são todos produto da imaginação dos autores. Qualquer semelhança destas ou de outras entidades presentes no romance com entidades existentes é pura coincidência. Todas as personagens e acontecimentos nele retratados são fictícios. Nada deverá ser interpretado como sendo a expressão ou a representação dos procedimentos de qualquer empresa, instituição, universidade, departamento ou agência governamental.

A Jerome Preston, Sénior
— D. P.

A Luchie; aos meus pais; e a Nina Soller
— L. C.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, queremos agradecer aos nossos agentes, Harvey Klinger e Matthew Snyder da Creative Artists Agency. Meus senhores, erguemos os nossos copos de uísque de malte escocês em vossa honra: este projeto nunca teria sido posto em prática não fosse a ajuda e o encorajamento que nos deram.

Gostaríamos também de agradecer às seguintes pessoas da Tor/Forge: Tom Doherty, cuja visão e apoio foram infatigáveis do princípio ao fim; Bob Gleason, por acreditar em nós desde o início; Linda Quinton, pela franqueza revigorante dos seus conselhos sobre marketing; e Natalia Aponte, Karen Lovell, e Stephen de las Heras, pela sua diversificada ação de auxílio autoral.

Do ponto de vista técnico, queremos agradecer a Lee Suckno, Bry Benjamin, Frank Calabrese e Tom Benjamin.

Lincoln Child gostaria de agradecer a Denis Kelly: camarada, em tempos patrão, caixa de ressonância e sofredor. Agradecimentos a Juliette, alma paciente e compreensiva. Agradecimentos também a Chris England pelas suas explicações acerca da gíria antiga. Salve, Chris!

Uma Gibson Granada de antes da guerra, juntamente com um generoso punhado de bolachas com pedaços de chocolate para Tony Trischka: divindade do banjo, confidente e sempre boa companheira.

Douglas Preston gostaria de agradecer à sua mulher, Christine, que atravessou com ele o Jornada del Muerto nada menos do que quatro vezes, bem como Selene, que foi útil de muitas e variadas formas. Aletheia foi

uma grande companheira, acampando no Jornada conosco quando tinha apenas três semanas. Agradecimentos ao meu irmão Dick, autor de *The Hot Zone*, pela sua ajuda. Agradecimentos também às revistas *Smithsonian* e *New Mexico*, que ajudaram a financiar a nossa exploração da antiga Rota Espanhola através do Jornada, conhecida como Camino Real de Tierra Adentro.

Walter Nelson, Roeliff Annon e Silvio Mazzaresse acompanharam-nos a cavalo pelo Jornada e foram encantadores companheiros de viagem. Agradecemos também muito às seguintes pessoas, que gentilmente nos autorizaram a viajar através dos seus ranchos: Ben e Jane Cain do Rancho Bar Cross; Evelyn Fite do Rancho Fite; Shane Shannon, antigo capataz do Rancho Armandaris; Tom Waddell, atual dirigente do Armandaris; Ted Turner e Jane Fonda, proprietários do Armandaris; e Harry F. Thompson Jr. dos Ranchos Thompson. Gabrielle Palmer ajudou imenso, como sempre, no que se refere à informação histórica.

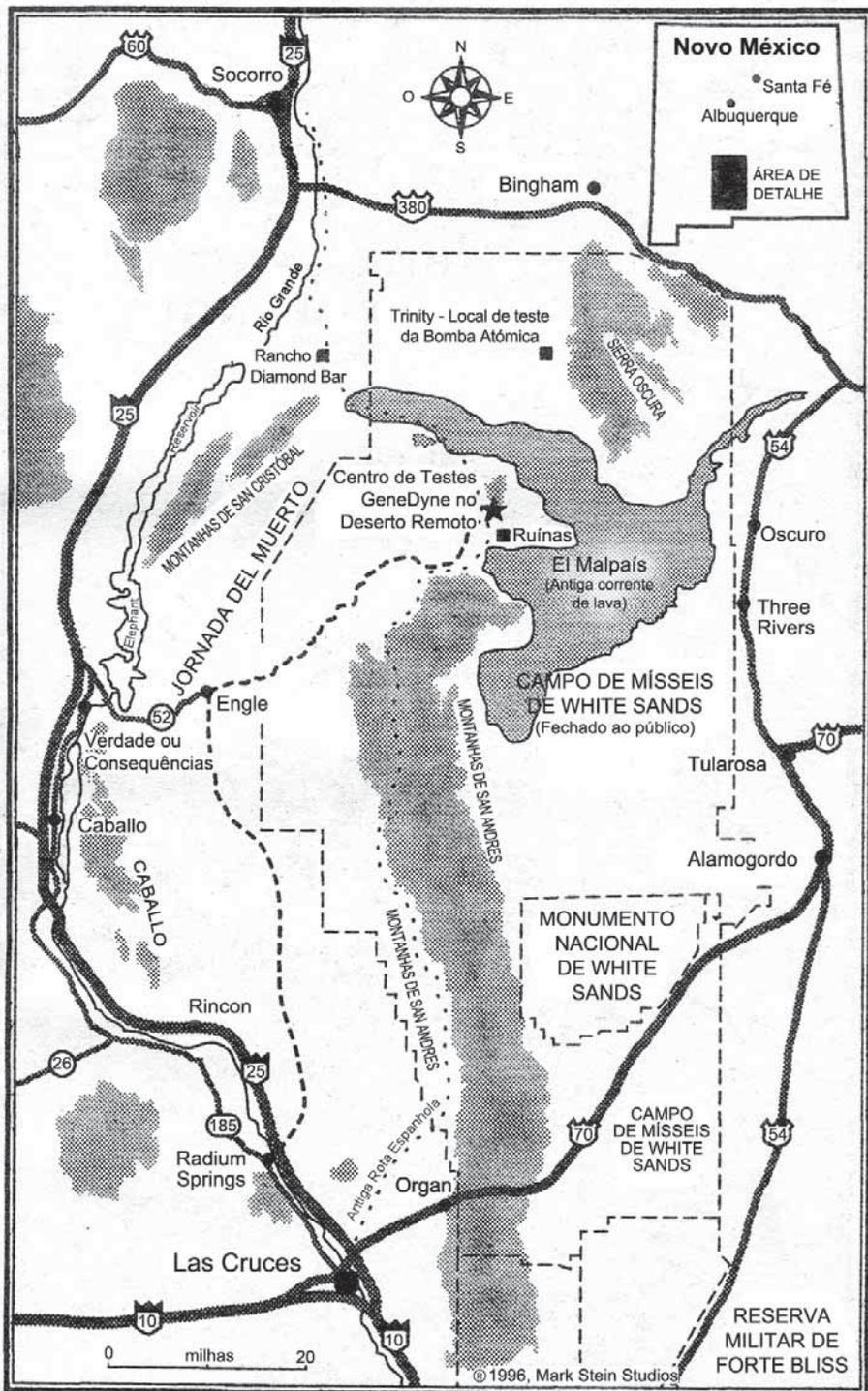
Um agradecimento especial a Jim Eckles do Campo de Mísseis de White Sands pela memorável viagem ao longe de mais de 8000 quilómetros quadrados. Gostaríamos de pedir desculpa pelas liberdades que tomámos na descrição de White Sands, que é sem dúvida um dos centros de testes mais bem dirigidos (e ambientalmente conscientes) do Exército, no país. Obviamente, não existe nenhum lugar chamado Mount Dragon no terreno do Campo de Mísseis.

Finalmente, os nossos agradecimentos a todas as outras pessoas que nos ajudaram em relação a *O Vírus do Apocalipse*, em particular, e em relação aos nossos romances, em geral: Jim Cush, Larry Bern, Mark Gallagher, Chris Yango, David Thomson, Bay e Ann Rabinowitz, Bruce Swanson, Ed Semple, Alain Montour, Bob Wincott; aos operadores do CompuServe's Literary Forum; e a outros, demasiado numerosos para mencionar. O vosso entusiasmo ajudou a tornar este livro possível.

*Os nossos símbolos gritam ao universo,
Desaparecem como as flechas dos caçadores
No céu noturno.
Ou como pontas de flecha quebradas na carne.*

*Correm como incêndios pelas planícies,
Guiando os búfalos.*
— Franklin Burt

Uma janela sobre o Apocalipse é mais do que suficiente.
— Susan Wright/Robert L. Sinsheimer,
Bulletin of Atomic Scientists



Los Charcos
del Caballo
(Áreas movediças)



Trinity



JORNADA DEL MUERTO

CAMPO DE MÍSSEIS DE WHITE SANDS

Área cedida pelo
Campo de Mísseis
de White Sands

Mount
Dragon

Centro de
Testes GeneDyne
no Deserto Remoto

Kin Klizhini
(Ruínas Anasazi)

Cerritos
Escondidos

Para
Engle

Estrada de terra

Velho Caminho Real
(Rota Espanhola)

Buraco na
parede
(Sem lava)

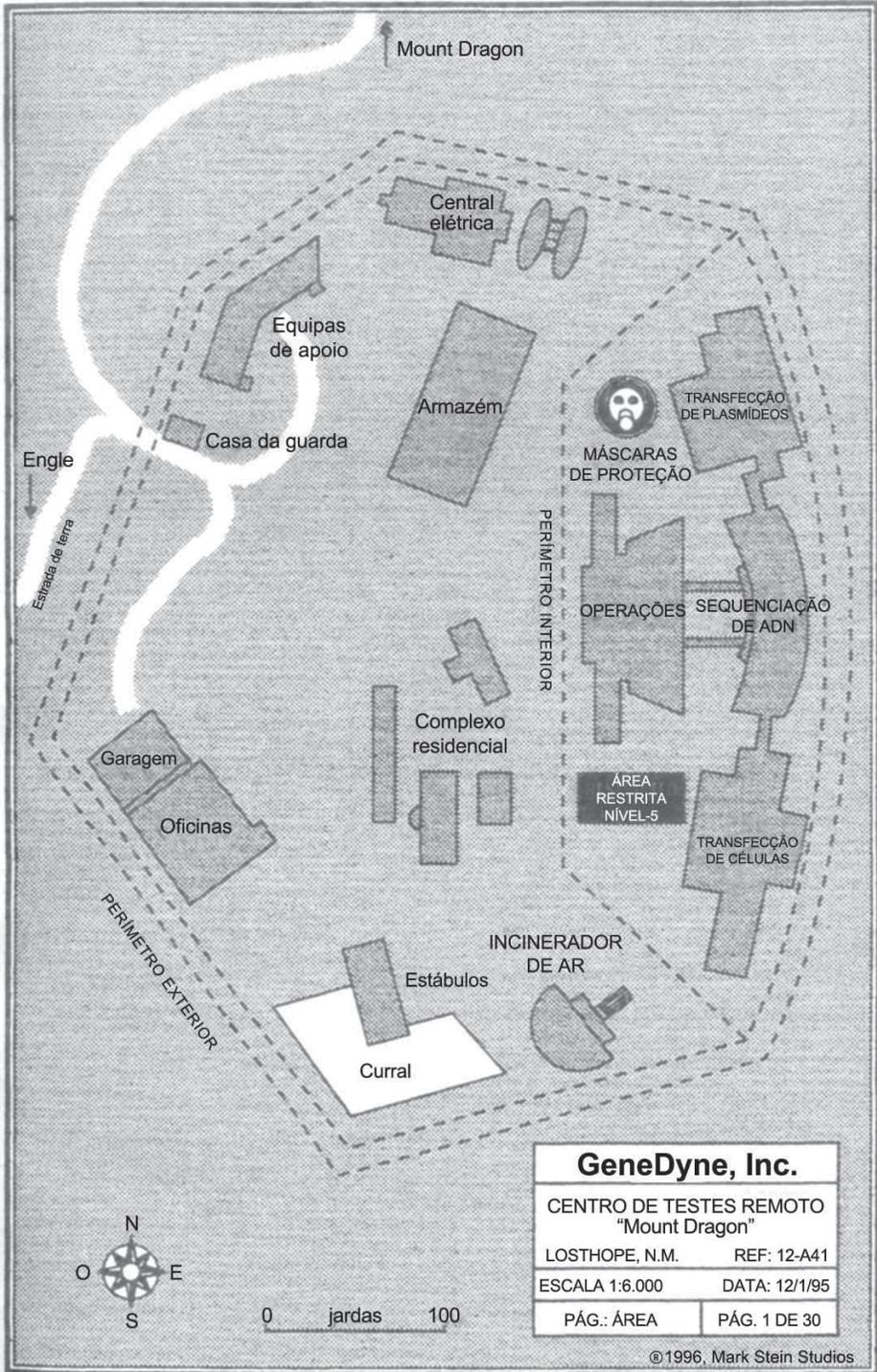
El Malpaís
(Antiga corrente de lava)

Montanhas de San Andres

Grutas dos
moregos

0 milhas 3

©1996, Mark Stein Studios



GeneDyne, Inc.	
CENTRO DE TESTES REMOTO "Mount Dragon"	
LOSTHOPE, N.M.	REF: 12-A41
ESCALA 1:6.000	DATA: 12/1/95
PÁG.: ÁREA	PÁG. 1 DE 30

INTRODUÇÃO



Os sons flutuaram sobre o grande relvado verde, tão débeis que poderiam ter sido apenas o crocitar dos corvos no bosque ali próximo, ou o zurrar distante de uma mula na quinta do outro lado do rio barrento. A paz da manhã primaveril era quase imperturbável. Tinha de se escutar com toda a atenção os ruídos para ter a certeza que se tratava de gritos.

O vulto enorme do edifício administrativo de Featherwood Park ficava meio escondido por baixo de velhos choupos. Na entrada principal, uma ambulância particular afastou-se lentamente do pátio coberto e a gravilha saltou no caminho. Algures, uma porta pneumática fechou-se com um silvo.

Uma pequena porta, não assinalada, estava mergulhada na lateral do edifício para uso do pessoal. Quando Lloyd Fossey se aproximou, estendeu a mão automaticamente para a frente, alcançando o painel de botões de acesso. Estivera a lutar para conservar vivo na sua cabeça o som do trio com piano em *Mi menor*, de Dvořák, mas franziu o sobrolho e desistiu. Ali, na sombra do edifício, os gritos soavam muito mais alto.

O posto da enfermeira estava cheio de telefones a tocar e de papéis espalhados.

— ‘Dia, Dr. Fossey — disse a enfermeira.

— Bom-dia — retorquiu ele, satisfeito quando ela conseguiu dirigir-lhe um claro sorriso por entre a confusão. — Isto hoje parece a Estação Central.

— Chegaram dois logo cedo, pás, um a seguir ao outro — disse ela, preenchendo formulários com uma mão e passando-lhe registos médicos com a outra. — Agora há este. Suponho que já sabe sobre ele.

— Não pude deixar de ouvir, sem querer. — Fossey abriu um dos registos, procurou uma caneta no bolso, hesitou. — O nosso amigo barulhento é meu?

— O Dr. Garriot ficou com ele — retorquiu a enfermeira. Levantou os olhos. — O primeiro era seu.

Abriu-se uma porta algures e, subitamente, ouviram-se os gritos de novo, agora muito mais sonoros, com várias vozes urgentes servindo de contraponto. Depois a porta fechou-se outra vez e apenas ficaram ruídos de escritório.

— Gostaria de ver o internado — disse Fossey, devolvendo os registos e pegando na prancheta metálica. Observou rapidamente os sinais vitais, dando conta do sexo e idade, tentando ao mesmo tempo reconstituir mentalmente os constrangimentos do andamento de Dvořák. Os olhos pararam quando chegaram às palavras *Unidade de Involuntários*.

— Viu o primeiro a entrar? — perguntou ele, calmamente.

A enfermeira abanou a cabeça.

— Deverá falar com Will. Ele levou o doente para baixo há cerca de uma hora.

Havia apenas uma janela na Unidade de Involuntários em Featherwood Park. Dessa janela via-se desde o posto de vigilância até à escadaria que levava até à Enfermaria Dois, na cave. Ao premir a campainha, o Dr. Fossey viu a cabeça pálida e desgrenhada de Will Hartung aparecer do outro lado do painel de *plexiglas*. Will desapareceu e a porta destrancou-se mecanicamente com um ruído de disparo.

— Como vai isso, Sotôr? — disse ele, deslizando por trás da secretária e pondo de lado um exemplar dos sonetos de Shakespeare.

— Sr. W. H., tudo é felicidade — replicou Fossey, olhando de relance para o livro.

— Muito engraçado, Dr. Fossey. Está a desperdiçar os seus talentos na profissão médica. — Will passou-lhe o registo de entradas, fungando ruidosamente. Na outra extremidade do balcão, a nova auxiliar de enfermagem preenchia impressos médicos.

— Fale-me sobre o primeiro a chegar — disse Fossey, assinando o registo e devolvendo-o, enfiando a prancheta debaixo do braço enquanto o fazia.

Will encolheu os ombros.

— Do tipo reformado. Não muito conversador. — Encolheu os ombros de novo. — Não surpreendente, dado a sua recente dieta de *Haldol*.

Fossey carregou o sobrolho e abriu a prancheta novamente, desta vez analisando os dados de internamento.

— Meu Deus. Cem miligramas num período de doze horas.

— Suponho que adoram os medicamentos no Hospital de Albuquerque — disse Will.

— Bem, escreverei o que fazer depois da avaliação inicial — disse Fossey. — Entretanto, nada de *Haldol*. Não consigo fazer uma avaliação a uma beringela.

— Ele está no seis — disse Will. — Eu levo-o até lá.

Um letreiro sobre a porta interior dizia ATENÇÃO: RISCO DE EVASÃO em grandes letras vermelhas. A nova auxiliar deixou-os entrar, inspirando o ar por entre os seus grandes dentes da frente.

— Sabe o que acho sobre pôr recém-chegados nos Involuntários antes de ser feito um diagnóstico de internamento — disse Fossey quando começaram a atravessar o átrio despovoado. — Isso pode influenciar toda a perspectiva de um paciente sobre as instalações, fazer-nos recuar antes de termos sequer começado.

— A política não é minha, Sotôr, lamento — ripostou Will, parando junto a uma porta negra cheia de marcas. — Albuquerque foi bastante específica nesse ponto. — Destrancou a porta, fazendo girar o pesado ferro-lho. — Quer-me lá dentro? — perguntou ele, hesitante.

Fossey abanou a cabeça.

— Eu chamo se ele ficar agitado.

O paciente jazia de barriga para cima sobre a enorme maca de transporte, de braços estendidos ao longo do corpo, pernas esticadas até aos tornozelos. Da perspectiva que tinha da entrada, Fossey não foi capaz de distinguir as feições, exceto um nariz proeminente e o arco protuberante do queixo, com barba de alguns dias. O médico fechou a porta silenciosamente e avançou, nunca se habituando à forma como o chão almofadado se erguia amavelmente em volta dos seus sapatos. Manteve os olhos na figura prostrada. Por baixo das grossas correias de lona que cruzavam a maca, ao estilo bandoleiro, o peito erguia-se lenta e ritmadamente. Na extremidade havia outra correia apertadamente esticada sobre as algemas de couro dos tornozelos.

Fossey firmou-se bem, aclarou a garganta, esperou por uma reação.

Deu um passo em frente, depois outro, fazendo cálculos mentalmente. Catorze horas depois da saída do Hospital Geral de Albuquerque. Não poderia ser o *Haldol* a mantê-lo quieto.

Aclarou a garganta novamente.

— Bom-dia, senhor... — começou a dizer, depois baixou os olhos para a prancheta à procura do nome.

— Dr. Franklin Burt — emanou uma voz calma da maca. — Peça desculpa de não me levantar para lhe apertar a mão, mas como pode ver... — A frase foi deixada incompleta.

Fossey, surpreendido, aproximou-se para observar o rosto do paciente. Dr. Franklin Burt. Ele conhecia aquele nome.

Deu de novo uma olhadela à prancheta, passando a primeira página. Ali estava: Dr. Franklin Burt, biólogo molecular, Mestre/Doutor pela Faculdade de Medicina da Universidade Johns Hopkins. Cientista Sênior no Centro de Testes GeneDyne no Deserto Remoto. Alguém colocara pontos de interrogação na margem, a seguir ao espaço reservado à ocupação.

— Dr. Burt? — disse Fossey com incredulidade, olhando de novo para o rosto do homem.

Os olhos cinzentos focaram-se com surpresa.

— Eu conheço-o?

O rosto era o mesmo — um pouco mais velho, claro, mais bronzeado do que ele se recordava, mas ainda notavelmente livre da gradual justaposição de cuidados e preocupações que tendiam para a testa e os cantos dos olhos. Tinha uma ligadura de gaze sobre uma têmpora e os olhos estavam injetados de sangue.

Fossey estava abalado. Ouvira uma conferência daquele homem. De certo modo, o curso da sua própria carreira fora moldado pela admiração por aquele professor carismático e perspicaz. Como era possível que ele estivesse ali, tolhido por quatro correias de couro, rodeado por paredes acolchoadas?

— Sou Lloyd Fossey, doutor — disse Fossey. — Ouvi-o falar na Faculdade de Medicina em Yale. Falámos um pouco depois disso. Sobre hormonas sintéticas...?

Fossey deu conta da sua mente alcançar o homem sobre a maca, desejando que Burt se lembrasse.

Passou um momento. Burt suspirou, assentiu devagar com a cabeça.

— Sim. Perdoe-me. Eu lembro-me. Você questionou-me sobre a relação entre a eritropoietina e a metastização.

Alguma coisa relaxou dentro de Fossey.

— Lisonjeia-me que se lembre disso — disse ele.

Burt pareceu hesitar, como se ponderasse.

— Fico contente por vê-lo a praticar — disse ele por fim, contraindo os lábios como se estivesse vagamente divertido pela situação embaraçosa.

Agora, mais do que nunca, Fossey queria olhar para a prancheta que tinha na mão. Queria ler e reler a informação médica e as considerações

para encontrar alguma explicação. Mas sentiu os olhos de Burt sobre ele e soube que o homem, mais velho do que ele, lhe seguia o curso dos pensamentos.

Os seus olhos decidiram por si mesmos dar uma olhadela, perscrutando as colunas datilografadas do registo. Levantou-os logo de seguida, mas não sem que tivesse percebido as palavras *psicose fulminante... extremamente delirante... neuroleptização rápida*.

O Dr. Burt estava brandamente a olhar para ele. Sentindo um estranho embaraço, Fossey estendeu uma mão e encontrou-lhe o pulso sob as correias.

Burt pestanejou, humedeceu os lábios secos. Encheu longamente o peito de ar da cave.

— Ia de carro de Albuquerque para norte — disse ele. — Você sabe onde é que agora estou a trabalhar.

Fossey assentiu. Quando Burt fora para a indústria privada e parara de publicar, houvera a habitual conversa sobre «fuga de cérebros» para o setor empresarial.

— Estamos a experimentar influenciar padrões de comportamento de chimpanzés. São pequenas instalações, sabe, somos nós que andamos de um lado para o outro a fazer as coisas. Pegara em equipamento de laboratório e alguns compostos patenteados na sede da GeneDyne, em Albuquerque. Incluindo um derivado da fenilciclidina, suspenso num meio gasoso.

Fossey assentiu de novo. PCP em estado gasoso. Pó de anjo que pode ser inalado como gás hilariante. Estranha utilização de fundos para investigação.

Burt observou os olhos de Fossey, sorriu um pouco, ou talvez tenha tido um estremeamento, Fossey não estava certo.

— Estamos a medir a taxa de inspiração através do tecido pulmonar *versus* a absorção capilar. Em todo o caso, eu vinha de regresso. Estava cansado e sem prestar muita atenção. Saí da estrada e fui parar a um ribeiro pedregoso mesmo a seguir a Los Lunas. Nada de grave. Exceto que a proveta se partiu no acidente.

Fossey emitiu um grunhido. Isso provocaria aquela reação, sim senhor. Sabia o que mesmo a variedade hortícola de pó de anjo poderia fazer a uma pessoa normal. Em doses elevadas, estimulava comportamentos agressivos e lunáticos. Observara isso em primeira mão. Isso explicaria também os olhos injetados.

Houve um silêncio. Pupilas normais, dilatação nula, registou Fossey. Boa cor. Alguma taquicardia remanescente, mas Fossey sabia que se *ele* estivesse amarrado a uma maca num quarto forrado a borracha, o seu coração

poderia estar a bater também um pouco depressa. Não havia absolutamente nenhuns sinais de psicose, mania, de nada.

— Não me lembro de uma porção de pormenores sobre o que se passou depois — disse Burt, com um ar de profunda exaustão a passar-lhe, pela primeira vez, pelo rosto. — Não tinha quaisquer credenciais, claro, apenas a carta de condução. A minha mulher, Amiko, está em Veneza com a irmã. Não tenho qualquer outra família. Mantiveram-me sobre-carregado de medicação. Suponho que não estava num estado de grande coerência.

Fossey não ficava surpreendido. Um homem desconhecido, desgastado pelo acidente, sem peruca, talvez violento, tresvariando sobre ser um biólogo molecular importante. Que sala de urgências cheia de trabalho acreditaria nele? Era mais fácil arranjar uma transferência para a psiquiatria. Fossey franziu os lábios e abanou a cabeça. *Idiotas*.

— Graças a Deus que dei consigo, Lloyd — disse Burt. — Tem sido um pesadelo, nem consigo *começar* a contar-lhe. Onde estou, de qualquer maneira?

— Featherwood Park, Dr. Burt — respondeu ele.

— Pensei que fosse isso. — Burt assentiu. — Tenho a certeza que vai esclarecer tudo isto. Pode ligar para a GeneDyne agora, se quiser. Estou atrasado e sem dúvida que estão preocupados comigo.

— Faremos isso brevemente, Dr. Burt, prometo — disse Fossey.

— Obrigado, Lloyd — disse Burt, com um ligeiro estremecimento. Não havia lugar para dúvidas desta vez.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Fossey imediatamente.

— São os meus ombros — disse Burt. — Não é nada, realmente. Estão um pouco doridos de estarem imobilizados contra esta maca.

Fossey hesitou apenas um instante. O PCP dissipara-se, tal como a maior parte do *Haldol*. Mais importante ainda: os olhos cinzentos de Burt continuavam a olhá-lo calmamente. Não havia nenhum daquele nervosismo interior que se vê na falsa sanidade.

— Deixe-me tirar-lhe essas correias do peito, vamos lá sentá-lo — disse ele.

Burt sorriu de alívio.

— Obrigadíssimo. Não queria ser eu a pedir, você compreende. Eu sei como funciona o protocolo.

— Desculpe, não podia fazê-lo de imediato, Dr. Burt — disse Fossey, debruçando-se sobre a correia do peito, tentando desapertá-la com um puxão. Esclareceria aquele engano com uns quantos telefonemas. Depois diria umas palavrinhas ao médico das Urgências do Hospital de Albuquerque. A correia estava apertada e considerou a hipótese de chamar Will para o

ajudar, mas decidiu que não. Will era muito rigoroso com o cumprimento das regras.

— Está muito melhor — disse Burt, sentando-se cautelosamente e abraçando-se a si mesmo, movimentando os músculos dos ombros para desfazer as câibras. — Não pode imaginar o que é estar deitado durante horas, imobilizado. Já tive de o fazer uma vez, durante dez horas, depois de uma angioplastia, há uns anos. Um verdadeiro inferno. — Moveu as pernas, ainda presas.

— Temos de fazer alguns exames antes de o podermos libertar, doutor — disse Fossey. — Vou chamar aqui, imediatamente, o psiquiatra que o internou. A menos que queira descansar primeiro.

— Não, obrigado — disse Burt, erguendo uma mão da maca para esfregar a nuca. — Agora está bem. Um dia que voltarmos todos para o Leste, tem de ir jantar connosco e conhecer a Amiko. — Moveu a mão para a frente, arrastando-a pela face.

De pé, junto da maca, fazendo uma anotação no registo, Fossey ouviu uma pequena inspiração aguda, como o raspar de um fósforo numa lixa. Virou-se e viu Burt a arrancar a ligadura de gaze da têmpora.

— Deve ter-se cortado na cabeça no acidente — disse Fossey, fechando vivamente a prancheta. — Vamos arranjar-lhe um novo penso num minuto.

— Pobre alfa — murmurou Burt, olhando atentamente para a ligadura ensanguentada.

— Perdão? — perguntou Fossey. Avançou para examinar o ferimento.

Franklin Burt disparou para cima num movimento explosivo, arremessando a cabeça contra o queixo de Fossey antes de cair para trás pesadamente de novo sobre a maca. Os dentes da frente de Fossey cravarão-se-lhe na língua e ele recuou a cambalear, enquanto um líquido cálido lhe inundava a boca.

— *Pobre alfa!* — gritou Burt, tentando despedaçar as correias dos tornozelos. — *POBRE ALFA!*

Fossey caiu no chão e rastejou para trás, chamando por Will com um grito gargarejado, inútil sob a pressão da onda de gritos. Will irrompeu quando Burt fazia nova investida, lançando-se a si e à maca contra o chão. Sacudiu-se, estalando os dentes, tentando libertar-se das correias da maca tombada.

Tudo continuava a acontecer tão rapidamente à sua volta, mas Fossey estava a abrandar. Viu Will e a auxiliar a lutarem com Burt, tentando endireitar a maca, Burt roendo agora os seus próprios pulsos, um golpe de cabeça como um cão a afligir um coelho e um súbito jorro de sangue salpicou

os óculos da auxiliar como tabaco cuspidor. Agora estavam a fixar os braços de Burt à maca, inclinados firmemente sobre a forma que se contorcia, lutando para sacudir grossas correias, Will tateando à procura do seu *beeper* de alarme. Mas a gritaria continuou sem diminuir, como Fossey sabia que aconteceria.



PRIMEIRA PARTE



Guy Carson, emperrado em mais um semáforo, olhou para o relógio do tabliê. Estava já atrasado para o trabalho, a segunda vez nessa semana. À sua frente, a Estrada Nacional n.º 1 corria como um sonho mau através de Edison, New Jersey. O sinal ficou verde, mas quando já se aproximara bastante, ficou vermelho de novo.

— Filho de uma *puta* — murmurou ele, batendo no tabliê com a parte mais gorda da palma da mão. Olhou enquanto a chuva salpicava o para-brisas, escutou a batida e o gemido dos limpa-para-brisas. As fileiras cerradas de luzes de travões formaram uma onda na sua direção à medida que o tráfego abrandava uma vez mais. Sabia que não se habituaria nunca àquele engarrafamento, do mesmo modo que não se habituava a toda aquela maldita chuva.

Arrastando-se penosamente sobre uma elevação, Carson viu, a uns meros oitocentos metros, ao fundo da estrada, a nítida fachada branca do complexo GeneDyne Edison, uma obra-prima pós-moderna que se elevava sobre campos de relva verde e lagos artificiais. Algures lá dentro, Fred Peck estava à espera.

Carson ligou o rádio, e a pulsação do som dos Gangsta Muthas encheu o ar. Quando girava o botão, a voz estridente de Michael Jackson destacou-se do ruído estático. Carson desligou-o impetuosamente, com repugnância. Algumas coisas eram ainda piores do que pensar em Peck. Porque não conseguiam ter uma estação de jeito com música *country* naquele buraco?

...

O laboratório estava em grande atividade quando ele chegou, não avistando Peck em lado nenhum. Carson puxou a bata sobre a sua figura esguia e sentou-se no seu terminal, sabendo que a sua ligação ao servidor lhe daria acesso automático ao seu ficheiro pessoal. Se por algum milagre Peck estivesse doente, seguramente que teria dado conta quando entrou. A menos que tivesse morrido, claro. Aí estava uma coisa boa para ser pensada. O homem parecia, de facto, um ataque de coração andante.

— Ah, Sr. Carson — disse uma voz trocista vinda de trás dele. — Que simpatia a sua honrar-nos com a sua presença esta manhã. — Carson fechou os olhos e respirou fundo, depois virou-se.

A forma suave do supervisor estava aureolada de luz fluorescente. A gravata castanha de Peck ainda exibia testemunho dos ovos mexidos do pequeno-almoço, e os seus generosos maxilares estavam pintalgados com ferimentos de lâmina. Carson expirou pelo nariz, travando uma batalha perdida com o cheiro intenso a *Old Spice*.

Fora um choque, no primeiro dia de Carson na GeneDyne, uma das principais empresas de biotecnologia do mundo, encontrar lá um homem como Fred Peck, à sua espera. Durante os dezoito meses que se seguiram, Peck fizera tudo para manter Carson ocupado com trabalho de laboratório subalterno. Carson supunha que isso teria alguma coisa a ver com o modesto mestrado dele na Universidade de Syracuse e com o seu próprio doutoramento no MIT. Ou talvez Peck apenas não gostasse de tipos rústicos do Sudoeste.

— Desculpe, atrasei-me — disse ele num tom que esperava poder passar por sinceridade. — Fiquei preso no trânsito.

— Trânsito — disse Peck, como se a palavra fosse nova para ele.

— Sim — disse Carson. — Estiveram a redirecionar...

— Redirecionar — repetiu Peck, imitando o sotaque nasalado do Oeste de Carson.

— ... desviar, quero eu dizer, o trânsito da portagem de Jersey...

— Ah, a portagem — disse Peck.

Carson ficou em silêncio.

Peck aclarou a garganta.

— Trânsito em New Jersey à hora de ponta. Que choque inesperado deve ter sido para si, Carson. — Cruzou os braços. — Quase falhava a sua reunião.

— Reunião? — disse Carson. — Que reunião? Não sabia...

— Claro que não sabia. Eu próprio acabei de saber. Essa é uma das muitas razões por que tem de chegar a horas, Carson.

— Sim, Sr. Peck — disse Carson, levantando-se e seguindo Peck por um labirinto de cubículos iguais uns aos outros. O Sr. Fred Picapau.

O Senhor Frederick Penca Grossa. Ardia por dar uma tarefa naquele filho da mãe gorduroso. Mas não era assim que as coisas se passavam por ali. Se Peck fosse maioral num rancho, já teria mordido o pó havia muito tempo.

Peck abriu uma porta com o letreiro SALA DE VIDEOCONFERÊNCIA II e mandou-o entrar com um gesto. Foi só quando Carson olhou em redor da grande mesa vazia que percebeu que ainda estava com a bata suja do laboratório vestida.

— Sente-se — disse Peck.

— Onde estão os outros? — perguntou Carson.

— É só você — retorquiu Peck. Começou a retroceder em direção à porta.

— Não vai ficar? — Carson sentiu uma crescente incerteza, perguntando-se se perdera alguma mensagem importante por *e-mail*, se deveria ter preparado alguma coisa. — De que se trata, de qualquer modo?

— Não faço ideia — retorquiu Peck. — Carson, quando isto aqui tiver terminado, vá diretamente ao meu escritório. Precisamos de falar sobre a sua atitude.

A porta fechou-se com um sólido clique de aço a encaixar-se na madeira de carvalho.

Carson ocupou cuidadosamente um lugar à mesa de cerejeira e olhou em volta. Era uma bela sala, com acabamentos de madeira clara envernizada. Uma parede envidraçada dava para os prados e lagos do complexo da GeneDyne. Para além dele, estendia-se um infinito lixo urbano. Carson tentou recompor-se para enfrentar a provação que estava para vir. Provavelmente, Peck enviara apreciações negativas suficientes para merecerem uma admoestação solene do departamento de pessoal, ou pior.

De certo modo, supunha ele, Peck tinha razão: a sua atitude poderia certamente ser melhorada. Tinha de se ver livre daquele lado de duro teimoso que acabou com o seu pai. Carson nunca se esqueceria daquele dia no rancho em que o seu pai esmurrara um banqueiro de surpresa. Esse incidente fora o início dos trabalhos de encerramento. O seu pai fora o pior inimigo de si próprio, e Carson estava determinado a não repetir os seus erros. Havia uma grande quantidade de Pecks no mundo.

Mas era uma maldita vergonha a forma como o último ano e metade da sua vida tinham praticamente desaparecido pelo cano abaixo. No momento em que lhe propuseram emprego na GeneDyne, parecera o grande momento da sua vida, a única coisa pela qual saíra de casa e pela qual trabalhara tão duramente. E ainda, mais do que qualquer outra coisa, a GeneDyne afigurava-se-lhe como o lugar onde ele poderia realmente fazer a diferença, talvez fazer alguma coisa importante. Mas cada dia em que acordava naquela odiosa Jersey — para enfrentar o apartamento limitado e

pouco familiar, o céu cinzento e industrial, e Peck —, isso parecia-lhe cada vez menos provável.

As luzes da sala de conferência diminuíram de intensidade e apagaram-se. As persianas das janelas foram automaticamente fechadas e um grande painel deslizou pela parede, deixando a descoberto um conjunto de teclados e um grande ecrã de projeção.

O ecrã tremeluziu e um rosto flutuou até ficar focado. Carson imobilizou-se. Ali estavam elas: as orelhas de abano, o cabelo cor de areia, o impenitente arrepio, os óculos grossos, a t-shirt preta de marca, a expressão cínica. Todos os traços que em conjunto constituíam o rosto de Brentwood Scopes, fundador da GeneDyne. O número da *Time* cuja capa era dedicada a Scopes ainda estava sobre o sofá da sala de Carson. O administrador executivo que dirigia a sua empresa do ciberespaço. Entronizado em Wall Street, idolatrado pelos seus empregados, temido pelos seus rivais. De que se tratava aquilo, algum género de filme para incutir motivação em casos difíceis?

— Olá — disse a imagem de Scopes. — Como passa, Guy?

Por um momento, Carson ficou sem palavras. *Meu Deus*, pensou ele, *isto não é realmente um filme.*

— Aaa, olá, Sr. Scopes. Ótimo. Desculpe, na verdade não estou vestido...

— Chame-me Brent, por favor. E olhe para o ecrã quando fala. Desse modo, consigo vê-lo melhor.

— Sim, senhor.

— Senhor não, Brent.

— Certo. Obrigado, Brent. — Chamar o chefe supremo da GeneDyne apenas pelo seu primeiro nome era dolorosamente difícil.

— Gosto de pensar nos meus empregados como colegas — disse Scopes. — Afinal, quando ingressou na empresa, tornou-se um elemento essencial na equipa, tal como toda a gente. Você detém parte da empresa, o que significa que todos ascendemos juntos e caímos juntos.

— Sim, Brent. — No fundo, por trás da imagem de Scopes, Carson conseguia distinguir o vago contorno do que parecia um cofre maciço e multifacetado.

Scopes sorriu, desavergonhadamente agradado ao ouvir o som do seu nome e, ao sorrir, pareceu a Carson que ele se assemelhava quase a um adolescente, apesar de ter trinta e nove anos. Observou a imagem de Scopes com um crescente sentimento de irrealidade. Porque queria Scopes, o génio precoce, o homem que construiu uma empresa de quatro biliões de dólares a partir de uns poucos grãos de milho velho, falar com ele? *Merda, devo ter-me lixado mais do que pensei.*

Scopes baixou os olhos por um momento, e Carson ouviu o tilintar de chaves a serem tateadas.

— Estive a ver os seus antecedentes, Guy — disse ele. — Muito impressionantes. Vejo por que razão o contratámos. — Mais ruído de chaves. — Apesar de que não consigo compreender bem porque está a trabalhar como, vejamos, Técnico de Laboratório de terceira.

Scopes levantou novamente os olhos.

— Guy, perdoe-me se for direto ao assunto. Há um lugar importante nesta empresa que está atualmente vago. Acho que é a pessoa indicada para ele.

— Qual é? — disse Carson abruptamente, arrependendo-se no mesmo instante da sua própria excitação.

Scopes sorriu outra vez.

— Gostaria de lhe poder dar pormenores, mas trata-se de um projeto altamente confidencial. Estou certo de que compreenderá se apenas lhe descrever o cargo em termos gerais.

— Sim, senhor.

— Acha-me com cara de «senhor», Guy? Não foi assim há tanto tempo que eu era apenas um miúdo sabichão a quem chateavam no pátio da escola. O que posso dizer-lhe é que este cargo envolve o produto mais importante que a GeneDyne alguma vez produziu. Um produto que será de valor incalculável para a espécie humana.

Scopes viu a expressão do rosto de Carson e sorriu.

— É ótimo — disse ele — quando conseguimos ajudar as pessoas e ficar ricos ao mesmo tempo. — Aproximou o rosto da câmara. — O que lhe estamos a oferecer é um novo contrato de seis meses no Centro de Testes GeneDyne no Deserto Remoto. O Laboratório de Mount Dragon. Irá trabalhar com uma pequena equipa dedicada, os melhores microbiólogos da empresa.

Carson sentiu uma onda de excitação. Apenas as palavras *Mount Dragon* eram como um talismã mágico em toda a GeneDyne: um templo da ciência.

Uma caixa de piza foi pousada junto do cotovelo de Scopes por alguém fora do ecrã. Ele olhou-a, abriu-a, fechou a tampa.

— Ah! Anchovas. Sabe o que Churchill disse sobre as anchovas: «Um azeite preferido por lordes ingleses e putas italianas».

Houve um breve silêncio.

— Então teria de ir para o Novo México? — perguntou Carson.

— Exato. É o lugar de onde você é, certo?

— Cresci no Tação da Bota¹. Num lugar chamado Cottonwood Tanks.

¹ Referência à configuração da extremidade sudoeste do Estado do Novo México. [N. do T.]

— Eu sabia que tinha um nome pitoresco. Provavelmente não achará Mount Dragon tão duro como alguns outros acharam. O isolamento e o cenário desértico podem tornar aquilo um local difícil para trabalhar. Mas, na realidade, até poderá gostar. Temos lá estábulos e cavalos. Suponho que, tendo crescido num rancho, deva montar bastante bem.

— Sei um pouco de cavalos — disse Carson. Scopes fizera seguramente as suas pesquisas.

— Não que vá ter muito tempo para cavalgar, claro. Vão fazê-lo dar o litro, não vale a pena negá-lo. Mas será muito bem recompensado por isso. Um ano de salário pela viagem de seis meses, mais um bônus de cinquenta mil dólares depois da conclusão bem-sucedida. E, claro, terá a minha gratidão pessoal.

Carson debateu-se com o que estava a ouvir. Só o bônus era igual ao seu salário atual.

— Provavelmente sabe que os meus métodos de gestão não são muito ortodoxos — continuou Scopes. — Vou ser muito franco consigo, Guy. Há um lado mau nisto. Se falhar a conclusão da sua parte do projeto no prazo necessário, será dispensado. — Sorriu, exibindo os enormes dentes da frente. — Mas tenho toda a confiança em si. Não o colocaria nesta posição se achasse que não era capaz de a desempenhar.

Carson tinha de fazer a pergunta.

— Não posso deixar de me perguntar por que razão me escolheu de entre um tão vasto número de talentos.

— Nem isso lhe posso dizer. Quando receber instruções em Mount Dragon, tudo se tornará claro, prometo.

— Quando começaria?

— Hoje. A empresa precisa deste produto, Guy, e não nos resta mais tempo, pura e simplesmente. Pode estar no nosso avião antes do almoço. Arranjarei alguém para tratar do seu apartamento, carro, todos esses pormenores aborrecidos. Tem namorada?

— Não — disse Carson.

— Isso torna as coisas mais fáceis. — Scopes tentou alisar o arrepio de cabelo, sem êxito.

— E o meu supervisor, Fred Peck? Eu deveria...

— Não há tempo. Agarre no seu portátil e vá. O condutor levá-lo-á a casa para pôr alguma coisa na mala e telefonar a quem quiser. Enviarei uma nota explicativa da situação a, como é que ele se chama, Peck?

— Brent, quero que saiba...

Scopes ergueu uma mão.

— Por favor. A expressão da gratidão embaraça-me. «A esperança

tem boa memória, a gratidão tem má». Pondere seriamente na minha oferta durante dez minutos, Guy, e não vá a lado nenhum.

O ecrã tremeluziu antes de encerrar com a imagem de Scopes a abrir de novo a caixa da piza.

Quando a luz regressou, a sensação de irrealidade de Carson foi substituída por uma vaga de júbilo. Não fazia ideia da razão por que Scopes o escolhera entre os quinhentos doutorados da GeneDyne, a ele, tão ocupado com as suas titulações e controlos de qualidade. Mas, de momento, isso não interessava. Pensou em Peck a ouvir pela boca de terceiros que Scopes o nomeara pessoalmente para Mount Dragon. Pensou no ar do seu rosto gordo, nas bochechas caídas a estremecerem de consternação.

Ouviu-se um ruído surdo quando as cortinas se afastaram das janelas, expondo uma paisagem sombria tapada por cortinas de chuva. Na cinza da distância, Carson conseguia distinguir as linhas elétricas, as chaminés das fábricas e os eflúvios químicos que constituíam a parte central de New Jersey. Algures mais para ocidente ficava um deserto, com um céu eternamente azul e distantes montanhas azuis e o cheiro acre dos catos, onde se podia cavalgar durante o dia e a noite sem ver qualquer outro ser humano. Algures nesse deserto ficava Mount Dragon, e, no seu interior, a sua oportunidade secreta de fazer algo de importante.

Dez minutos depois, quando as cortinas se fecharam e o ecrã de vídeo voltou de novo à vida, Carson tinha a resposta na ponta da língua.

h

Carson subiu para o alpendre inclinado, largou as malas junto da porta e sentou-se numa cadeira de baloiço comida pelo tempo. A cadeira rangeu quando a madeira velha absorveu, contra vontade, o seu peso. Encostou-se, distendendo os nós musculares, e esprou o olhar sobre o vasto deserto de Jornada del Muerto.

O Sol erguia-se na sua frente, a erupção de uma fornalha ardente de hidrogénio sobre o vago contorno azul das Montanhas de San Andres. Sentia a pressão da radiação solar na face à medida que a luz da manhã invadia o alpendre. Ainda estava fresco — quinze, dezoito graus — mas Carson sabia que dali a menos de uma hora a temperatura estaria acima dos trinta e oito graus. O profundo ultravioleta do céu estava a tornar-se gradualmente azul; em breve estaria branco do calor.

Baixou os olhos para a estrada de terra que passava em frente da casa. Engle era uma cidade típica do deserto do Novo México, não já moribunda,

mas morta. Havia uns quantos edifícios de adobe dispersos, com telhados de zinco; uma escola abandonada e uma estação de correios; uma fiada de choupos que o vento despojara de folhas havia muito. O único tráfego que passava pela casa eram os redemoinhos de poeira. Num certo sentido, Engle era atípica: toda a cidade fora comprada pela GeneDyne e, agora, era somente usada como ponto de partida para Mount Dragon.

Carson virou a cabeça na direção do horizonte. Longe, para nordeste, através de cento e cinquenta poeirentos quilômetros de areia e rocha cozidas pelo sol a que só um nativo poderia chamar estrada, ficava o complexo oficialmente rotulado como Centro de Testes GeneDyne no Deserto Remoto, mas conhecido por todos pelo nome da velha colina vulcânica que se elevava acima dele: Mount Dragon. Era a última palavra da GeneDyne em matéria de laboratórios de engenharia genética e manipulação de vida microbiana perigosa.

Inspirou profundamente. Fora do cheiro que mais sentira a falta, a fragrância da poeira e das algarobeiras, o odor nítido e penetrante da aridez. New Jersey parecia já irreal, algo do passado longínquo. Sentia-se como se tivesse sido libertado da prisão, de uma prisão verde, apinhada de gente, ensopada de água. Embora os bancos tivessem ficado com o que restava das terras do pai, ainda sentia aquilo como a sua terra. Apesar disso, era um estranho regresso a casa: um regresso não para trabalhar com gado, mas para trabalhar num projeto não especificado, nos confins da ciência.

Apareceu uma mancha nos limites brumosos onde o horizonte toca o céu. Ao fim de sessenta segundos, a mancha clarificou-se como coluna de fumo distante. Carson olhou-a durante vários minutos antes de se levantar. Depois voltou para a casa decrépita, atirou fora os restos do café frio e passou a chávena por água.

Quando olhava em volta à procura de algum objeto por emalar, ouviu lá fora um veículo a chegar. Saindo para o alpendre, viu os contornos brancos e atarracados de um *Hummer*, a versão civil do *Humvee*. Uma rabanada de poeira passou-lhe por cima quando o veículo se imobilizou. A janela de vidro fosco permaneceu fechada até o poderoso motor a *diesel* parar.

Uma figura saiu de dentro dele: cheia, com cabelo preto que começava a rarear, vestindo polo e calções brancos. O rosto franco e suave estava bronzeado, mas as pernas pareciam brancas em contraste com as botas pesadas e incongruentes. O homem aproximou-se apressadamente, atarefado e animado, e estendeu a mão roliça.

— É o meu condutor? — perguntou Carson, surpreendido pela sua vivacidade do aperto de mão. Pôs ao ombro o saco de lona.

— De certo modo sou, Guy — retorquiu o homem. — Chamo-me Singer.

— Dr. Singer! — disse Carson. — Não estava à espera de apanhar boleia do próprio diretor.

— Por favor, chame-me John — disse Singer vivamente, tirando o saco de lona a Carson e abrindo o compartimento de armazenagem do *Hummer*. — Toda a gente se trata pelo nome próprio aqui no Mount Dragon. Exceção feita a Nye, claro. Dormiu bem?

— Foi a noite mais descansada do último ano e meio — sorriu Carson.

— Peço desculpa, não poderíamos ter vindo buscá-lo mais cedo — retorquiu Singer, suspendendo o saco de lona — mas é contra as regras viajar para fora do complexo depois de escurecer. E os aviões não podem sobrevoar o interior do Campo, exceto em caso de emergência. — Pousou os olhos no estojo aos pés de Carson. — Isso é um banjo de cinco cordas?

— É. — Carson ergueu-o e desceu os degraus.

— Qual é o seu estilo: três dedos? Rítmico? Melódico?

Carson parou de acondicionar o banjo e olhou para Singer, que riu deliciado em resposta.

— Isto vai ser mais divertido do que eu pensava — disse ele. — Salte lá para dentro.

Uma baforada de ar gélido recebeu Carson quando se instalou no *Hummer*, surpreendido pela fundura dos assentos. Singer estava quase à distância de um braço.

— Sinto-me como se estivesse a viajar num tanque — disse Carson.

— É a melhor coisa que encontrámos para o terreno desértico. É preciso uma escarpa vertical para o parar. Vê este mostrador? É um calibrador de pneus. O veículo tem um sistema central de enchimento de pneus, alimentado por um compressor. Carregando no botão, enche-se ou esvazia-se os pneus, dependendo do terreno. E todos os *Hummers* de Mount Dragon estão equipados com pneus de esvaziamento limitado. Podem andar cinquenta quilómetros mesmo depois de terem sido furados.

Afastaram-se do aglomerado de casas e deram um solavanco sobre uma barreira canadiana. Carson viu arame farpado estendendo-se sem fim para ambos os lados da barreira, com letreiros de trinta em trinta metros que diziam: AVISO: HÁ UMA BASE MILITAR DO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS PARA LESTE. ENTRADA ESTRITAMENTE PROIBIDA. CMWS.

— Estamos a entrar no Campo de Mísseis de White Sands — disse Singer. — Sabe que arrendamos o território de Mount Dragon ao Departamento de Defesa. Um resquício do tempo do nosso contrato militar.

Singer apontou o veículo na direção do horizonte e acelerou sobre o trilho pedregoso, fazendo os pneus traseiros deixarem uma grande nuvem de pó a rodopiar atrás de si.

— Sinto-me muito honrado por me ter vindo buscar pessoalmente — disse Carson.

— Não sinta. Gosto de sair daquele sítio quando posso. Lembre-se de que sou apenas o diretor. Todos os outros estão a fazer o trabalho importante. — Olhou para Carson. — Além disso, ainda bem que tenho oportunidade de falar consigo. Sou provavelmente uma das cinco pessoas no mundo que leu e percebeu a sua dissertação. «Revestimentos com Estilo: Transformações Estruturais nas Proteínas do Terciário e do Quaternário de um Invólucro Viral». Brillhante.

— Obrigado — disse Carson. Não era pequeno elogio vindo de um antigo Professor Morton de Biologia na CalTech.

— Claro que apenas a li ontem — disse Singer com uma piscadela de olho. — Scopes enviou-a, juntamente com o resto do ficheiro sobre si. — Recostou-se, com a mão direita caída sobre o volante. A viagem tornou-se crescentemente agitada, à medida que o *Hummer* acelerava para os cem, derrapando ao longo de uma língua de areia. Carson sentiu o pé direito a carregar num pedal de travão imaginário até ao fundo. O homem conduzia como o pai de Carson.

— O que me pode dizer sobre o projeto? — disse Carson.

— Que quer saber, exatamente? — disse Singer, voltando-se para Carson, desviando os olhos da estrada.

— Bom, deram-me uma hora para largar tudo e vir para aqui — disse Carson. — Suponho que se poderia dizer que estou curioso.

Singer sorriu.

— Vai haver tempo de sobra quando chegarmos a Mount Dragon. — Os seus olhos voltaram à estrada no momento em que rasavam uma iúca, suficientemente perto para lhe bater com o espelho do lado do condutor. Singer obrigou o *Hummer* a voltar à estrada com uma guinada.

— Isto, para si, deve ser como um regresso a casa — disse ele.

Carson assentiu, pegando na deixa.

— A minha família está por aqui há muito tempo.

— Há mais tempo do que a maior parte, segundo sei.

— Tem razão. Kit Carson é meu antepassado. Conduziu gado ao longo da Rota Espanhola² quando era adolescente. O meu bisavô comprou um título de uma velha propriedade no Condado de Hidalgo.

— E você fartou-se da vida de rancho? — perguntou Singer.

Carson abanou a cabeça.

— O meu pai era um péssimo homem de negócios. Se tivesse ficado

² Rota comercial histórica que, ao longo de cerca de 1900 quilómetros, ligava o Novo México à Califórnia. [N. do T.]

apenas pela simples exploração do rancho, teria singrado, mas estava cheio de grandes ideias. Uma delas envolvia o cruzamento de gado. Foi assim que me interessei pela genética. Fracassou, como tudo o resto, e o banco ficou com o rancho.

Ficou em silêncio, observando o deserto sem fim desdobrar-se à sua volta. O Sol erguia-se agora mais alto no céu, e a luz amarela tornava-se branca. Ao longe, um par de *antilicapras*³ corria mesmo abaixo do horizonte. Mal se viam, uma mancha de cinzento sobre cinzento. Singer, absorto, cantarolava alegremente para si mesmo «Alegria de Soldado»⁴.

A seu tempo, o cume escuro de uma colina começou a erguer-se no horizonte adiante deles, um cone de cinzas vulcânico encimado por uma cratera plana. Ao longo da orla da cratera erguia-se um aglomerado de torres de rádio e antenas de micro-ondas. À medida que se aproximavam, Carson viu um complexo de edifícios angulosos espalhados abaixo da colina, brancos e esparsos, cintilando ao sol da manhã como um cacho de cristais de sal.

— Aí está ele — disse Singer orgulhosamente, abrandando. — Mount Dragon. A sua casa durante os próximos seis meses.

Em breve avistaram uma cerca metálica encimada por grossos rolos de arame farpado. Uma torre de vigia elevava-se acima do complexo, imóvel contra o céu, flutuando ligeiramente ao calor.

— Não está lá ninguém neste momento — disse Singer, com uma risada abafada. — Oh, há pessoal da segurança, claro. Em breve os conhecerá. E são muito eficientes quando querem. Mas a nossa verdadeira segurança é o deserto.

Quando se aproximaram, os edifícios lentamente tomaram forma. Carson esperara um feio conjunto de edifícios de cimento e compridos barracões semicirculares; em vez disso, o complexo quase parecia belo, branco, fresco e limpo de encontro ao céu.

Singer abrandou mais, rodeou uma barreira de betão e parou junto de uma casa da guarda anexa. Um homem — à paisana, sem qualquer espécie de uniforme — abriu a porta e aproximou-se. Carson reparou que caminhava com uma perna rígida.

Singer baixou o vidro da janela, e o homem colocou dois antebraços musculosos no cimo da porta e introduziu a cabeça rapada dentro do

³ Mamífero da ordem dos artiodáctilos e família dos *antilicapridae*, de que é o único representante. É uma espécie endógena do oeste e centro dos EUA. Não é um antílope, embora seja por vezes referido como tal. [N. do T.]

⁴ *Soldier's Joy*: velha melodia do repertório popular americano para violino, cujas origens escocesas remontam ao século XVIII. [N. do T.]

veículo. Sorriu, os músculos dos maxilares ocupados numa pastilha elástica. Dois olhos verdes, brilhantes, incrustavam-se profundamente num rosto bronzeado, que quase parecia de couro.

— Como está, John? — disse ele, enquanto movia os olhos pelo interior para, finalmente, os pousar em Carson. — Quem temos aqui?

— É o nosso novo cientista. Guy Carson. Guy, este é Mike Marr, segurança.

O homem acenou com a cabeça, os olhos deslizando novamente pelo interior do carro. Devolveu a identificação a Singer.

— Documentos? — disse ele, falando na direção de Carson, de forma quase sonhadora. Carson entregou-lhe os documentos que lhe tinham dito para levar: passaporte, certificado de nascimento, e o cartão de identificação da GeneDyne.

Marr folheou-os sem interesse.

— A carteira, se faz favor.

— Quer a carta de condução? — perguntou Carson, franzindo a testa.

— A carteira toda, se não se importa. — Marr sorriu muito brevemente e Carson viu que o homem não estava afinal a mascar pastilha elástica, mas sim uma grande fita de borracha. Entregou-lhe a carteira com irritação.

— Também lhe vão levar as malas — disse Singer. — Não se preocupe, vai ter tudo de volta antes do jantar. Exceto o passaporte, claro. Esse, ser-lhe-á devolvido no fim da sua estada de seis meses.

Marr soergueu-se, afastou-se da janela e regressou ao ar condicionado da casamata com os pertences de Carson. Tinha uma forma estranha de andar, arrastando a perna direita como se ela corresse perigo de ficar deslocada. Momentos depois, levantou a cancela e acenou-lhes para que entrassem. Carson viu-o, através do grosso vidro azulado, a espalhar o conteúdo da sua carteira.

— Receio que aqui não haja lugar para segredos, exceto aqueles que se guardam na cabeça — disse Singer com um sorriso, fazendo deslizar o *Hummer* para diante. — E cuidado com esses também.

— Porque é preciso tudo isto? — perguntou Carson.

Singer encolheu os ombros.

— O preço de trabalhar num perímetro de alta segurança. Espionagem industrial, publicidade inconveniente, e por aí adiante. Na verdade, é aquilo a que você está habituado na GeneDyne Edison, mas multiplicado por dez.

Singer entrou no parque de viaturas e desligou o motor. Quando Carson saiu, sentiu uma lufada de ar do deserto passar por ele e inspirou profundamente. Soube-lhe maravilhosamente. Levantando os olhos, podia ver a massa de Mount Dragon a erguer-se quatrocentos metros acima

do complexo. Uma estrada de gravilha recentemente aplanada serpenteava acrobaticamente, de um dos lados, até às torres de micro-ondas.

— Em primeiro lugar — disse Singer — a visita completa. Depois, voltaremos para o meu gabinete para tomar um refresco e ter uma conversa. — Seguiu para a frente.

— Este projeto...? — começou Carson a dizer.

Singer parou e virou-se.

— Scopes não estava a exagerar? — perguntou Carson. — É realmente assim tão importante?

Singer semicerrou os olhos, voltando-os para o deserto vazio.

— Para além de tudo o que possa sonhar — disse ele.

h

O Auditório Percival da Universidade de Harvard estava cheio até ao limite. Duzentos estudantes sentavam-se nas filas de lugares descendentes, alguns debruçados sobre cadernos de apontamentos, outros a olhar atentamente para a frente. O Dr. Charles Levine andava de um lado para o outro diante da turma, uma pequena figura seca e nervosa com uma orla de cabelo à volta da cabeça prematuramente calva. Havia vestígios de giz nas suas mangas e os seus sapatos ainda tinham manchas de sal do inverno anterior. Contudo, nada na sua aparência diminuía a intensidade que irradiava dos seus rápidos movimentos e expressão. À medida que falava, gesticulava com um pedaço de giz perante complexas fórmulas bioquímicas e sequências de nucleotídeos espalhadas pelos enormes quadros deslizantes, tão indecifráveis como cuneiformes.

Na parte de trás do auditório estava um pequeno grupo de pessoas armado com microgravadores e câmaras de vídeo. Não estavam vestidos como estudantes e exibiam ostensivamente cartões de imprensa na lapela ou no cinto. Mas a presença da comunicação social fazia parte da rotina; as lições de Levine, professor de Genética e diretor da Fundação para a Política Genética, tornavam-se frequentemente controversas sem aviso prévio. E *Política Genética*, o jornal da fundação, garantira que aquela lição tivesse ampla divulgação prévia.

Levine parou de andar e subiu ao estrado.

— Isto envolve a nossa discussão na constante de Tuitt, na medida em que ela se aplica à mortalidade por doença na Europa Ocidental — disse ele. — Mas tenho mais coisas para discutir convosco hoje. — Aclarou a garganta.

— Podem baixar o ecrã, por favor? — As luzes diminuíram de intensidade e um retângulo branco desceu do teto, obscurecendo os quadros negros.

— Dentro de sessenta segundo vou mostrar uma fotografia neste ecrã — disse Levine. — Não estou autorizado a mostrar-vos essa fotografia. Na verdade, ao fazê-lo, sou tecnicamente culpado de infringir diversas leis abrangidas pela Lei dos Segredos Oficiais. Ao ficarem, incorrerão no mesmo. Estou habituado a este tipo de coisas. Se alguma vez leram o *Política Genética*, saberão o que quero dizer. Isto é informação que tem de ser tornada pública a qualquer preço. Mas ela vai para além do âmbito da lição de hoje, e não posso pedir-vos para ficarem. Quem deseje ir-se embora pode fazê-lo agora.

Pela sala obscurecida, ouviram-se sussurros e o ruído de virar páginas dos cadernos de apontamentos. Mas ninguém se levantou.

Levine olhou em volta, satisfeito. Depois fez um gesto de assentimento para o projecionista. Uma imagem a preto e branco encheu o ecrã.

Levine levantou os olhos para a imagem, e o cimo da sua cabeça cintilou à luz do projetor como a tonsura de um monge. Depois voltou-se para encarar a audiência.

— Isto é uma fotografia tirada no dia 1 de julho de 1985 pelo satélite de recolha de imagens TB-17, a partir de uma órbita hélio-síncrona a cerca de duzentos e setenta quilómetros — começou ele a dizer. — Tecnicamente, ainda não foi desclassificada. Mas merece sê-lo. — Sorriu. Um riso nervoso encheu o auditório por breves instantes.

— Estão a olhar para a cidade de Novo-Druzhina, na Sibéria Ocidental. Como podem ver pelo comprimento das sombras, foi tirada de manhã cedo, o momento preferido para análise de imagens. Notem a posição dos dois carros estacionados, aqui, e as searas de trigo a amadurecerem.

Apareceu um novo diapositivo.

— Graças à técnica de vigilância de cobertura comparativa, este diapositivo mostra exatamente o mesmo lugar três meses mais tarde. Repararam em alguma coisa estranha?

Houve um silêncio.

— Os carros estão estacionados exatamente no mesmo local. E a seara está visivelmente muito madura, pronta para ser ceifada.

Apareceu um outro diapositivo.

— Aqui está o mesmo local em abril do ano seguinte. Repararam que os dois carros ainda lá estão. O campo de cultivo não foi obviamente semeado, o cereal não foi ceifado. Foram imagens como estas que tornaram esta área *muito* interessante para alguns técnicos de fotogrametria da CIA.

Fez uma pausa, olhando para a turma.

— Os militares dos Estados Unidos perceberam que toda a Área Restrita Catorze — meia dúzia de cidades, numa área de duzentos quilómetros quadrados à volta de Novo-Druzhina — foi afetada de uma forma idêntica. Toda a atividade humana cessou. Por isso, decidiram ver mais de perto.

Apareceu mais um diapositivo.

— Isto é uma ampliação do primeiro diapositivo, digitalmente potenciada, suprimido o brilho e compensada a dispersão espectral. Se olharem com atenção para a rua de terra batida em frente da igreja, vão ver uma imagem difusa que se parece com um tronco cortado. Isso é um cadáver humano, como qualquer amador de fotografia do Pentágono lhes poderá dizer. Agora, aqui está a mesma cena seis meses depois.

Tudo parecia estar na mesma, exceto o tronco que agora parecia branco.

— O cadáver está agora transformado em esqueleto. Quando os militares examinaram uma grande quantidade destas imagens aumentadas, descobriram inúmeros esqueletos semelhantes nas ruas e nos campos. De início, estavam iludidos. Foram avançadas teorias sobre loucura em massa, uma outra Jonestown⁵. Porque...

Surgiu um novo diapositivo.

— ... como podem ver, tudo o mais continua vivo. Os cavalos continuam a pastar nos campos. E, ali, no canto superior esquerdo está um grupo de cães, aparentemente ferozes. O diapositivo seguinte mostra gado. As únicas coisas mortas são seres humanos. Porém, fosse o que fosse que os matou era tão perigoso, tão instantâneo, ou tão espalhado, que ficaram insepultos no sítio onde pereceram.

Fez uma pausa.

— A questão é: *o que foi que os matou?*

O auditório ficou em silêncio.

— A cozinha da Cafeteria Lowell? — arriscou alguém.

Levine juntou-se à risota geral. Depois, acenou e apareceu uma outra vista aérea, mostrando um extenso complexo, devastado e em ruínas.

— Era bom que fosse, meu amigo. A seu tempo, a CIA descobriu que a causa foi algum tipo de elemento patogénico, criado no laboratório aqui fotografado. Podem ver pelas crateras que o local foi bombardeado.

»Os pormenores exatos não foram conhecidos fora da Rússia até ao princípio desta semana, quando um desencantado coronel russo desertou para a Suíça, levando com ele um grosso volume de arquivos do Exército

⁵ Referência à cidade da Guiana onde, em 1978, o fanatismo religioso conduziu cerca de novecentas pessoas ao suicídio. [N. do T.]

Soviético. O mesmo contacto que me forneceu estas imagens alertou-me para a presença deste coronel na Suíça. Fui o primeiro a examinar os seus ficheiros. Os acontecimentos que estou prestes a relatar-vos nunca antes foram tornados públicos.

»O que têm, em primeiro lugar, de compreender é que isto foi uma experiência inicial. Não havia qualquer utilização política, económica, ou até militar, em mente. Lembrem-se de que, há dez anos, os Russos estavam a ficar para trás em matéria de investigação genética e debatiam-se para conseguirem acompanhá-la. Nas instalações secretas nos arredores de Novo-Druzhina, faziam experiências na área da engenharia viral. Usavam um vírus comum, herpes simplex Ia+, o vírus que produz feridas nos lábios. É um vírus relativamente simples, bem compreendido, fácil de trabalhar. Começaram a intervir na sua composição genética, introduzindo genes humanos no seu ADN viral.

»Ainda não sabemos bem como o fizeram. Mas, subitamente, tinham nas mãos um novo elemento patogénico horrível, um flagelo com que não estavam preparados para lidar. A única coisa que sabiam, na altura, era que parecia ter uma longevidade incomum e que se transmitia através de contacto aerossol.

»A 23 de maio de 1985 houve uma pequena brecha na segurança do laboratório soviético. Aparentemente, um funcionário que trabalhava no laboratório celular caiu, danificando o fato de contenção biológica. Como sabem, desde Chernobyl, os padrões de segurança soviéticos podem chegar a ser execráveis. O funcionário não contou a ninguém o incidente e, depois, foi para casa, para junto da família, no complexo destinado aos trabalhadores.

»Durante três semanas o vírus esteve em incubação no seu peritoneu, duplicando-se e disseminando-se. A 14 de junho, este funcionário caiu doente e ficou de cama com febre alta. Ao cabo de algumas horas, queixava-se de uma pressão estranha no estômago. Libertou uma grande quantidade de gás nauseabundo. Cada vez mais nervosa, a mulher mandou chamar o médico.

»Porém, antes que o médico conseguisse chegar, o homem esvaziara — perdoar-me-ão pela descrição tão visual — a maior parte dos intestinos através do ânus. Eles tinham supurado no interior do corpo, ficando em pasta. Ele defecara, literalmente, as suas entranhas. É inútil dizer que, quando o médico chegou, o homem estava morto.

Levine fez uma nova pausa, olhando em volta da sala como se estivesse à procura de mãos levantadas. Não houve nenhuma.

— Uma vez que este incidente permaneceu secreto para a comunidade científica, o vírus não tem um nome oficial. É conhecido apenas por

Constritor 232. Sabemos agora que uma pessoa exposta a ele torna-se contagiosa quatro dias após a exposição, embora os sintomas demorem várias semanas a aparecer. A taxa de mortalidade do Constritor 232 está perto dos cem por cento. Quando o funcionário morreu, expusera já dezenas, ou mesmo centenas, de pessoas. Poderíamos chamar-lhe vetor zero. Ao fim de setenta e duas horas após a sua morte, dezenas de pessoas queixavam-se da mesma pressão gastrointestinal, e em breve sofriam o mesmo destino horrendo.

»A única coisa que impediu uma pandemia mundial foi a localização do surto. Em 1985, a movimentação de entrada e saída da Área Restrita Catorze era altamente controlada. Apesar disso, quando a notícia correu, seguiu-se o pânico generalizado. As pessoas da zona começaram a carregar carros, camiões, e até carroças, com os seus pertences. Muitos tentaram fugir de bicicleta, ou mesmo a pé, abandonando tudo no seu desespero de irem para longe.

»A partir dos papéis que o coronel trouxe com ele da Rússia, podemos reconstituir a reação do Exército Soviético. Um grupo especial, equipado com fatos de proteção contra ameaças biológicas, colocou uma série de bloqueios rodoviários, impedindo que alguém abandonasse a área afetada. Isso foi relativamente fácil, uma vez que a Área Catorze era já vedada por uma cerca e possuía pontos de controlo. À medida que a epidemia ribombava através das povoações vizinhas, famílias inteiras morriam nas ruas, nos campos, nos mercados. Quando uma pessoa sentia os primeiros sintomas alarmantes, esperava-o uma morte dolorosa ao cabo de três horas. O pânico era tão grande que nos pontos de controlo os soldados tinham ordens para atirar a matar sobre qualquer pessoa, qualquer pessoa, assim que estivesse ao alcance do tiro. Velhos, crianças e mulheres grávidas foram mortos a tiro. Minas antipessoais atiradas do ar foram espalhadas por grandes faixas através dos bosques e dos campos. O que estas medidas não cobriram, cobriu o arame farpado e as barreiras antitanque.

»O laboratório foi depois arrasado por um tapete de bombas. Não, claro, para destruir o vírus — as bombas não teriam qualquer efeito sobre ele. Mas sim para apagar os vestígios, para esconder do Ocidente o que realmente aconteceu.

»Ao fim de oito semanas, todos os seres humanos no interior da área em quarentena estavam mortos. As povoações estavam desertas, os porcos e os cães devoravam os cadáveres, as vacas vagueavam por ordenhar, um fedor imenso pairava sobre os edifícios abandonados.

Levine bebeu um gole de água, depois continuou.

— Esta é uma história chocante, o equivalente biológico de um holocausto nuclear. Mas receio que o último capítulo ainda esteja por escrever.

As cidades que foram irradiadas com bombas atômicas podem ser evitadas. Mas a herança de Novo-Druzhina é mais difícil de evitar. Os vírus são oportunistas e não gostam de ficar parados. Embora os hospedeiros humanos estejam mortos, existe a possibilidade de o Constritor 232 continuar a viver algures naquela zona devastada. Os vírus encontram, por vezes, reservatórios secundários onde esperam, pacientemente, pela próxima oportunidade de infetar. O Constritor 232 poderá estar extinto. Ou pode ainda subsistir numa bolsa viável. Amanhã, algum coelho desafortunado de patas enlameadas poderá escapular-se do perímetro por um buraco. Um agricultor poderá matar esse coelho e levá-lo para o mercado. E, então, o mundo, tal como o conhecemos, poderá muito bem acabar.

Fez uma pausa.

— *E essa* — gritou ele subitamente — *é a promessa da engenharia genética!*

Interrompeu-se, deixando que o silêncio crescesse no auditório. Por fim, levou a mão à testa e falou de novo, mais calmamente.

— Não vamos precisar mais do projetor.

A imagem do projetor desapareceu, deixando o auditório na escuridão.

— Meus amigos — continuou Levine. — Atingimos um ponto crítico de viragem como guardiães do planeta, e estamos tão cegos que nem conseguimos ver isso. Caminhamos sobre a terra há cinco mil séculos. Mas, nos últimos cinquenta anos, aprendemos o suficiente para realmente fazermos mal a nós próprios. Primeiro com as armas nucleares e agora, infinitamente mais perigoso, com a reengenharia da natureza.

Abanou a cabeça.

— Há um provérbio antigo: «A Natureza é um juiz suspenso». O incidente de Novo-Druzhina quase enforcou a raça humana. E, ainda assim, no momento em que estou a dizer isto, outras empresas à volta do globo estão a mexer em vírus, trocando indiscriminadamente material genético entre vírus, bactérias, plantas e animais, sem pensarem nas últimas consequências.

»Claro que os laboratórios avançados de hoje, na Europa e na América, estão muito longe da Sibéria em 1985. Deverá isso tranquilizar-nos? Bem pelo contrário.

»Os cientistas em Novo-Druzhina faziam manipulações simples de um vírus simples. Acidentalmente, criaram uma catástrofe. Hoje, ao alcance de uma pedra atirada deste auditório, estão a ser feitas experiências muito mais complicadas com vírus infinitamente mais exóticos e infinitamente mais perigosos.

»O virologista Edwin Kilbourne postulou, uma vez, um vírus patogénico a que chamou Vírus Maximamente Maligno. O VMM teria, segundo

a sua teoria, a estabilidade ambiental da poliomielite, a mutabilidade antigénica da gripe, a gama irrestrita de hospedeiros da raiva, a latência do herpes.

»Uma tal ideia, quase risível na época, é agora mortalmente séria. Um tal vírus patogénico poderia ser, e talvez *esteja a ser*, criado num laboratório, algures neste planeta. Seria de longe mais devastador do que uma guerra nuclear. Porquê? Uma guerra nuclear é autoconfinada. Mas com a disseminação de um VMM, *todas as pessoas infetadas se tornam novas bombas volantes*. E, hoje, as rotas de transmissão estão tão disseminadas, são tão rapidamente realizadas por viajantes internacionais, que umas quantas viagens bastam para que o vírus se torne global.

Levine desceu do estrado e encarou a audiência.

— Os regimes vêm e vão. As fronteiras políticas mudam. Os impérios crescem e caem. Mas estes agentes de destruição, uma vez libertados, duram para sempre. Pergunto-vos: devemos permitir que experiências de engenharia genética não regulamentadas e não controladas continuem a ser feitas em laboratórios por este mundo fora? *Esta é a verdadeira questão levantada pelo Constritor 232.*

A um aceno de cabeça, as luzes regressaram.

— Vai haver um relatório completo sobre o incidente de Novo-Druzhina no próximo número de Política Genética — disse ele, virando-se para reunir os seus papéis.

Quebrado o encantamento, os estudantes levantaram-se e começaram a juntar as suas coisas, movendo-se como uma maré ruidosa em direção às portas de saída. Os repórteres, que estavam na parte de trás da sala, já tinham saído para limar os seus artigos.

Um jovem surgiu ao cimo do auditório, abrindo caminho através da multidão trituradora. Lentamente, conseguiu descer pelos degraus centrais em direção ao estrado.

Levine levantou os olhos, depois olhou cuidadosamente para a esquerda e para a direita.

— Pensei que te tinham dito para nunca me abordes em público — disse ele.

O jovem aproximou-se, pegou no cotovelo de Levine e sussurrou-lhe ao ouvido com urgência. Levine parou de enfiar papéis na pasta.

— Carson? — perguntou ele. — Aquele *cowboy* brilhante que estava sempre a interromper as aulas para discutir comigo?

O homem anuiu com um aceno de cabeça.

Levine ficou em silêncio, com a mão sobre a pasta. Depois fechou-a com um estalido.

— Meu Deus — disse ele, simplesmente.

h

Carson olhou através do parque de veículos para o extenso aglomerado de edifícios brancos que se erguiam abruptamente das areias do deserto: curvas, planos e cúpulas irrompiam do chão. A resoluta colocação dos edifícios no meio do deserto, juntamente com a total ausência de arranjos paisagísticos, dava ao laboratório uma sensação de pureza e despojamento ao estilo Zen. Muitos dos edifícios eram ligados por passagens envidraçadas, formando padrões entrecruzados.

Singer conduziu Carson ao longo de uma das passagens cobertas.

— Brent acredita imenso na arquitetura como forma de inspiração para o espírito humano — disse ele. — Nunca esquecerei quando aquele arquiteto, como é que ele se chama... Guareschi, veio de Nova Iorque para ter a «experiência» do lugar.

Singer deu uma suave risada.

— Chegou de fato e sapatos de borlas e um chapéu de palha idiota. Mas o tipo era corajoso, concedo-lhe isso. Na verdade acampou aqui durante quatro dias antes de apanhar um golpe de sol e regressar rapidamente a Manhattan.

— É muito belo — disse Carson.

— É. Apesar da sua má experiência, o homem conseguiu captar a escassez do deserto. Insistiu para que não houvesse arranjos paisagísticos. Por um lado, não tínhamos água para isso. Mas ele também queria que o complexo tivesse o ar de fazer parte do deserto e não de lhe ter sido imposto. Obviamente, nunca se esqueceu do calor. Acho que é por isso que tudo é branco: a loja das máquinas, os barracões de armazenagem, até a central elétrica. — Indicou com a cabeça um edifício comprido com o telhado graciosamente curvo.

— Aquilo é a central elétrica? — pergunto Carson, manifestando incredulidade. — Parece mais um museu de arte. Este lugar deve ter custado uma fortuna.

— Várias fortunas — disse Singer. — Mas em 1985, quando a construção começou, o dinheiro não era um problema. — Conduziu Carson na direção do complexo residencial, uma série de estruturas curvilíneas reunidas como se fossem peças de um puzzle. — Obtivéramos um contrato de novecentos milhões de dólares através da ATADID.

— Quem?

— Administração da Tecnologia Avançada de Defesa, Investigação e Desenvolvimento.

— Nunca ouvi falar — disse Carson.

— Era uma agência secreta do Departamento de Defesa. Dissolvida após os anos Reagan. Tivemos todos de assinar uma porção de documentos de lealdade e coisas assim. Habilitação de segurança secreta, habilitação de segurança ultrassecreta, tudo o que imaginar. Depois investigaram-nos — caramba, se investigaram. Recebi telefonemas de ex-namoradas de há vinte anos: «Um grupo de tipos de fato esteve aqui a fazer uma quantidade de perguntas sobre ti. Que diabo fizeste tu agora, Singer?» — Riu-se.

— Então está aqui desde o início — disse Carson.

— Exatamente. Apenas os cientistas têm estadas de seis meses. Suponho que eles imaginam que não faço trabalho a sério que chegue para ficar estorricado. — Riu-se. — Sou quem está aqui há mais tempo, eu e Nye. E alguns mais, o velho Pavel e o tipo que conheceu há pouco, Mike Marr. De qualquer modo, tudo tem sido mais simpático desde que passámos a ser civis. A rapaziada militar era muito chata.

— Como se deu essa mudança? — perguntou Carson.

Singer guiou-o através da porta de vidro fumado de uma estrutura na extremidade mais distante do complexo residencial. Um jorro de ar condicionado inundou-os quando a porta se fechou com um silvo. Carson achou-se num vestíbulo, com chão de ardósia, paredes brancas e mobiliário cinzento-acastanhado. Singer conduziu-o até outra porta.

— Inicialmente, fizemos estritamente investigação na área da Defesa. Foi assim que obtivemos estes terrenos no Centro de Mísseis. A nossa tarefa era procurar vacinas, contramedidas e antitoxinas para presumíveis armas biológicas soviéticas. Quando a União Soviética se desmoronou, aconteceu o mesmo com as nossas instruções. Perdemos o contrato em 1990. Quase perdemos também o laboratório, mas Scopes fez rapidamente algum trabalho de pressão nos bastidores. Deus sabe como o conseguiu, mas ficámos na posição de obter um arrendamento de trinta anos no âmbito da Lei da Conversão Industrial.

Singer abriu uma porta que dava para um comprido laboratório. Uma série de mesas negras cintilavam sob as luzes fluorescentes. Bicos de Bunsen, balões de Erlenmeyer, tubagem de vidro, microscópios estereoscópios e diversos outros equipamentos de baixa tecnologia estavam arrumados em fila, sem uma mancha.

Carson nunca vira um laboratório com um ar tão limpo.

— Isto são as instalações de nível inferior? — perguntou ele, incrédulo.

— Nada disso — disse Singer. — A maior parte do trabalho a sério é realizada lá dentro, na nossa próxima paragem. Isto é apenas para encher o olho de congressistas e altas patentes militares. Eles estão à espera de ver

uma versão melhorada do seu velho laboratório de química da universidade, e é isso que lhes damos.

Passaram para outra sala, muito mais pequena. Um grande e reluzente instrumento estava colocado no seu centro. Carson reconheceu-o instantaneamente.

— O melhor micrótomo do mundo: a «Máquina de Barbear» de Precisão Científica — disse Singer. — É assim que lhe chamamos, de qualquer modo. É totalmente controlado por computador. Uma lâmina de diamante que corta um cabelo humano em vinte e cinco partes. Transversalmente. Este é apenas para mostrar, claro. Temos duas unidades idênticas a operar lá dentro.

Regressaram ao calor abrasador. Singer lambeu um dedo e ergueu-o.

— O vento sopra de sudeste — disse ele. — Como sempre. Foi por isso que escolheram este sítio, sopra sempre de sudeste. A primeira cidade que encontramos na direção do vento é Claunch, Novo México, com uma população de vinte e duas pessoas. A duzentos e vinte e cinco quilómetros de distância. O lugar de Trinity, onde fizeram explodir a primeira bomba H, fica apenas a quarenta e oito quilómetros a noroeste daqui. Um bom sítio para esconder uma explosão atómica. Não se poderia encontrar um lugar mais isolado no território contíguo dos Estados Unidos.

— Chamamos a esse vento o Zéfiro Mexicano — disse Carson. — Quando era miúdo, a coisa que mais odiava era andar na rua com esse vento. O meu pai costumava dizer que ele causava mais problemas que um cavalo de cauda pelada preso a uma rédea curta em tempo de moscas.

Singer voltou-se.

— Guy, não faço ideia do que acabou de dizer.

— Um cavalo de cauda pelada é um cavalo com a cauda curta. Se o prender com pouca rédea e as moscas começarem a atormentá-lo, ele vai enlouquecer, partir a cerca e fugir.

— Estou a ver — disse Singer sem convicção. Apontou sobre o ombro de Carson. — Ali ficam as instalações recreativas: ginásios, campos de ténis, curral de cavalos. Tenho uma forte aversão à atividade física, por isso deixá-lo-ei explorá-las por sua conta. — Afagou a barriga afetuosamente e riu-se. — E aquele edifício com ar horroroso é o incinerador de ar para o Tanque da Febre.

— Tanque da Febre?

— Desculpe — disse Singer. — Refiro-me ao laboratório de Biossegurança de Nível-5, onde se trabalha com os verdadeiros organismos de alto risco. Estou certo de que já ouviu falar do sistema de classificação da Biossegurança. O Nível-1 é o padrão normal de segurança para trabalhar com os micróbios menos infecciosos e menos perigosos. O Nível-4 é para

os mais perigosos. Existem dois laboratórios de Nível-4 no país: o CDC tem um em Atlanta e o Exército tem um em Fort Detrick. Estes laboratórios de Nível-4 são concebidos para lidar com os vírus e bactérias mais perigosos que existem na natureza.

— Mas que é este Nível-5? Nunca ouvi falar dele.

Singer sorriu.

— O orgulho e a alegria de Brent. Mount Dragon tem o único laboratório de Nível-5 do mundo. Foi concebido para lidar com vírus e bactérias *mais* perigosos do que alguma coisa que exista naturalmente na natureza. Por outras palavras, micróbios criados através de engenharia genética. Alguém o batizou como Tanque da Febre há uns anos e o nome ficou. De qualquer modo, todo o ar da instalação de Nível-5 é feito circular através do incinerador e aquecido a mil graus centígrados antes de ser arrefecido e recuperado. Completamente esterilizado.

O incinerador de ar de aspeto estranho era a única estrutura que Carson vira em Mount Dragon que não era branco puro.

— Então estão a trabalhar com um elemento patogénico transportado pelo ar?

— Esperto. Sim, estamos, e um bastante mau, já agora. Gostava muito mais disto quando estávamos a trabalhar no PurBlood. É o nosso produto de sangue artificial.

Carson olhou de relance na direção dos currais. Conseguiu ver um celeiro, estábulos, diversos ramais, e uma grande pastagem vedada para lá da cerca do perímetro.

— Pode-se montar fora das instalações? — perguntou ele.

— Claro. Só tem de acionar a saída e depois a entrada. — Singer olhou em redor e limpou a testa com as costas da mão. — Cristo, está muito calor. Não me consigo habituar a isto. Vamos lá para dentro.

«Dentro» queria dizer a parte mais interior do perímetro, uma grande área vedada por uma cerca, no coração de Mount Dragon. Carson apenas conseguiu ver uma quebra na cerca mais interior, uma pequena portaria mesmo na frente deles. Singer passou à frente pela cancela e foi mostrando o caminho até um edifício grande na extremidade mais distante. As portas davam para um vestíbulo fresco. Através de uma porta aberta, Carson viu uma fiada de terminais de computador sobre compridas mesas brancas. Dois funcionários com cartões de identificação suspensos do pescoço, vestindo calças de ganga sob a bata branca do laboratório, estavam atarefadamente a digitar alguma coisa nos terminais. Carson percebeu com surpresa que, exceto os guardas, aqueles eram os primeiros funcionários que vira naquele sítio.

— Este é o edifício das operações — disse Singer, fazendo um gesto para o interior quase vazio. — Administração, processamento de dados, o

que quiser. Não temos muito pessoal. Nunca houve mais de trinta cientistas aqui ao mesmo tempo, mesmo na época dos militares. Agora o número é metade desse, todos focados no projeto.

— Isso é bastante pouco — disse Carson.

Singer encolheu os ombros.

— A abordagem do gênero onda-humana não funciona em engenharia genética.

Indicou com um gesto a saída do vestibulo, que dava para um grande átrio pavimentado com granito negro e coberto por vidro fortemente colorido. O sol forte do deserto, reduzido a uma luz pálida, caía sobre um pequeno conjunto de palmeiras ao centro. A partir do átrio derivavam três corredores.

— Levam aos laboratórios de transfeção e às instalações onde se sequencia o ADN — disse ele. — Não vai passar muito tempo ali, mas pode arranjar alguém para ir lá mostrar-lhe, quando e se quiser. A nossa próxima paragem é acolá. — Apontou para uma janela. Através dela, Carson distinguiu uma estrutura baixa, rômbrica, que se erguia do deserto.

— Nível-5 — disse Singer, sem entusiasmo. — O Tanque da Febre.

— Parece bastante pequeno — disse Carson.

— Sente-se como pequeno, acredite. Mas o que está a ver é apenas o alojamento dos filtros HEPA⁶. O verdadeiro laboratório fica por baixo dele, subterrâneo. Proteção acrescida para o caso de terramoto, incêndio, explosão. — Hesitou. — Suponho que poderemos também ir lá.

Uma descida lenta num elevador estreito depositou-os num corredor comprido coberto com azulejos brancos e iluminado por luzes cor de laranja. Do teto suspendiam-se câmaras de vídeo que acompanhavam o seu avanço. No fim do corredor, Singer parou junto de uma porta de metal cinzenta, cuja borda era arredondada de modo a encaixar na moldura e vedada com uma grossa borracha preta.

À direita havia uma pequena caixa mecânica. Singer debruçou-se e disse o seu nome para o dispositivo. Uma luz verde surgiu por cima da porta e produziu-se um som.

— Reconhecimento de voz — disse Singer, abrindo a porta. — Não é tão bom como os leitores da geometria da mão ou analisadores da retina, mas esses não funcionam através dos fatos de proteção. E este, pelo menos este, não pode ser enganado por um gravador. Você vai ser codificado esta tarde, como parte da sua entrevista de entrada.

Passaram a uma sala grande, escassamente decorada com mobiliário moderno. Ao longo de uma parede havia uma série de armários de metal. Na outra extremidade havia outra porta de aço, cujo extremo polimento

⁶ Iniciais de *High-Efficiency Particulate Air* (Ar Particulado de Alto Rendimento). [N. do T.]

lhe dava um brilho intenso, assinalada com um vivo símbolo amarelo e vermelho. Por cima da moldura da porta, um letreiro dizia: RISCO BIOLÓGICO EXTREMO.

— Aqui é a sala dos preparativos — disse Singer. — Os fatos azuis estão nesses armários.

Avançou para um dos armários, depois parou. De repente, voltou-se para Carson.

— Tenho uma ideia. Porque não arranjo eu alguém que conheça este lugar realmente bem para fazer uma visita guiada?

Carregou num botão do armário. Ouviu-se um silvo quando a porta metálica deslizou para cima, revelando um volumoso fato azul de borracha, cuidadosamente embalado num contentor moldado que se assemelhava a um pequeno caixão.

— Nunca entrou nas instalações de BSN-4, certo? — perguntou Singer. — Então preste muita atenção. O Nível-5 é bastante parecido com o Nível-4, mas mais exigente. A maior parte das pessoas usam vestuário leve de algodão por baixo dos fatos de corpo inteiro para ser mais confortável, mas não é obrigatório. Se usar a roupa normal de sair à rua, tem de tirar dos bolsos todas as canetas, lápis, relógios, canivetes. Tudo o que possa furar o fato. — Carson virou rapidamente os bolsos do avesso.

— Tem unhas compridas? — perguntou Singer.

Carson olhou para as mãos.

— Não.

— Isso é bom. Estou sempre a cortar as minhas rentes à pele, para que não tenha nenhum problema. — Riu-se. — Encontrará um par de luvas de borracha nesse compartimento em baixo, à esquerda. Não tem anéis, pois não? Ótimo. Vai ter de tirar as botas e calçar esses chinelos. E nada de unhas grandes nos dedos dos pés. Encontrará corta-unhas num dos compartimentos do armário, se precisar.

Carson tirou as botas.

— Agora ponha-se dentro do fato, a perna direita primeiro, depois a perna esquerda, e agora componha o resto até cima. Mas não feche todo. Deixe o visor aberto por agora para podermos falar mais facilmente.

Carson debateu-se com o fato volumoso, puxando-o sobre as suas roupas com dificuldade.

— Esta coisa pesa uma tonelada — disse ele.

— É completamente pressurizado. Está a ver essa válvula de metal na cintura? Vai ficar por conta do oxigénio enquanto estiver lá dentro. Mostrar-lhe-ão a forma de ir de um posto para outro. Mas o próprio fato contém dez minutos de ar, em caso de emergência. — Caminhou até um intercomunicador e carregou numa série de botões.

— Rosalind? — perguntou ele.

Houve uma curta pausa.

— O que é? — zombiou a resposta.

— Poderia incomodá-la para fazer uma visita guiada do BSN-5 ao nosso novo cientista, Guy Carson?

Houve um silêncio mais longo.

— Estou a meio de uma coisa — ouviu-se a voz dizer.

— Tomar-lhe-ei apenas alguns minutos.

— Aah, por amor de Deus. — A voz interrompeu-se imediatamente. Singer virou-se para Carson.

— Esta é Rosalind Brandon-Smith. Acho que se poderia dizer que é um pouco excêntrica. — Inclinou-se conspirativamente para o visor aberto de Carson. — Na verdade, é extremamente bruta, mas não ligue. Ela foi preciosa para o desenvolvimento do nosso sangue artificial. Agora está a concluir a parte dela no novo projeto. Trabalhou bastante com Frank Burt, e eram muito chegados, por isso pode não ser muito amistosa em relação ao seu substituto. Irá encontrar-se com ela lá dentro, não há razão para ela passar pela descontaminação duas vezes.

— Quem é Frank Burt? — perguntou Carson.

— Era um verdadeiro cientista. E um ser humano excelente. Mas deparou aqui com condições um pouco pressionantes de mais. Teve uma espécie de colapso recentemente. Não é incomum, sabe? Cerca de um quarto das pessoas que vêm para Mount Dragon não consegue terminar a comissão.

— Não sabia que estava a substituir alguém — disse Carson, franzindo o sobrolho.

— Está. Falar-lhe-ei disso depois. Vai calçar uns sapatos bem grandes. — Retrocedeu. — Muito bem, acabe de correr os fechos. Assegure-se de que ficam os três bem apertados e fechados. Aqui trabalhamos com um sistema de dupla verificação. Depois de se ter vestido o fato, alguém tem de voltar a verificar tudo.

Fez uma inspeção cuidadosa ao fato, depois mostrou a Carson como se usava o intercomunicador do visor.

— A menos que esteja mesmo junto de alguém, é muito difícil ouvir o que quer que seja. Carregue neste botão no antebraço para falar pelo intercomunicador.

Indicou com um gesto a porta assinalada com RISCO BIOLÓGICO EXTREMO.

— Na outra extremidade da câmara de descontaminação está um chuveiro químico. Assim que estiver lá dentro, ele inicia automaticamente. Habitue-se a ele, haverá outro mais longo quando sair. Quando a porta

interior se abrir, entre. Seja especialmente cuidadoso até se habituar ao fato. Rosalind estará à sua espera do outro lado. Espero eu.

— Obrigado — disse Carson, elevando a voz para se assegurar de que ela passava através da grossa borracha do fato.

— De nada — ouviu-se a voz abafada. — Peço desculpa de não entrar consigo. É que... — Singer hesitou. — Ninguém entra no Tanque da Febre, a menos que tenha mesmo de o fazer. Verá porquê.

Quando a porta se fechou com um silvo, Carson avançou para um gradeamento metálico. Ouviu-se um súbito rumor e uma solução química amarela jorrou de saídas de chuveiro no teto, das paredes e do chão. Carson sentiu a solução tamborilar sonoramente sobre o fato. Ao cabo de um minuto cessou; a outra porta abriu-se e ele entrou numa pequena antecâmara. Um motor começou a troar e ele sentiu o ar da poderosa máquina de pressão soprá-lo de todas as direções. Dentro do fato, o dispositivo de secagem parecia um vento estranho e distante: era incapaz de dizer se o ar era quente ou frio. Depois, a porta interior abriu-se com um silvo e Carson deu consigo diante de uma mulher baixa que olhava para ele com impaciência pelo painel do visor. Mesmo descontando o volume do fato, Carson calculou que ela pesasse mais de cem quilos.

— Venha atrás de mim — disse bruscamente uma voz no interior do capacete, e a mulher virou-se, caminhando por um corredor com azulejos tão estreito que os seus ombros roçavam contra ambas as paredes. As paredes eram lisas e escorregadias, sem saliências ou instrumentos protuberantes que pudessem rasgar um fato de proteção. Tudo — chãos, azulejos da parede, tetos — estava pintado de um branco brilhante.

Carson carregou no botão da esquerda no antebraço, ativando o intercomunicador.

— Sou Guy Carson — disse ele.

— Fico feliz por saber — foi a resposta. — Agora tome atenção. Vê essas mangueiras de ar por cima da cabeça?

Carson olhou para cima. Uma porção de mangueiras azuis pendia do teto com válvulas de metal fixadas nas extremidades.

— Agarre uma e ligue-a à válvula do seu fato. Cuidado. Rode para a esquerda para fechar. Quando anda de uma estação para outra, terá de desligar uma e ligar a outra. O seu fato tem uma provisão de ar limitada, por isso não perca tempo entre ligações.

Carson seguiu as suas instruções, sentiu o estalido quando a válvula assentou e ouviu o silvo tranquilizador do fluxo de ar. Dentro do fato, sentiu uma sensação estranha de distanciamento do mundo. Os seus movimentos pareciam lentos, desajeitados. Devido às luvas múltiplas, mal conseguia sentir a mangueira ao guiá-la de encontro à ligação.

— Meta na cabeça que este local é como um submarino — ouviu a voz de Brandon-Smith dizer. — Pequeno, estreito, e perigoso. Tudo e todos têm o seu lugar.

— Estou a ver — disse Carson.

— Está mesmo?

— Sim.

— Ótimo, porque o desleixo aqui em baixo, no Tanque da Febre, é a morte do artista.

— Sim — repetiu Carson. *Cabra.*

Continuaram a percorrer o átrio estreito. À medida que seguia Brandon-Smith, tentando aclimatar-se à pressão do fato, Carson pensou ouvir um ruído estranho de fundo: um vago martelar, quase mais uma sensação do que um som. Decidiu que deveria ser o gerador do Tanque da Febre.

O enorme vulto de Brandon-Smith passou de lado por uma comporta estreita. No laboratório que ficava para além dela, figuras vestidas com fatos de proteção trabalhavam em grandes mesas cobertas por caixas de *plexiglas*, estendendo as mãos através de buracos de borracha feitos nas caixas. Eram como placas de Petri do tipo esfregão. A luz era afluente e brilhante, dando a cada um dos objetos do laboratório um forte relevo. Ao lado de cada mesa de trabalho estavam pequenos recipientes para lixo com rótulos indicativos de risco biológico e incineradores instantâneos anexos. Mais câmaras de vídeo instaladas no teto giravam, monitorizando os cientistas.

— Atenção a todos — soou a voz de Brandon-Smith pelo intercomunicador. — Este é Guy Carson. O substituto de Burt.

Os visores inclinaram-se para cima quando as pessoas se voltaram para o verem, e um coro de saudações crepitou no capacete de Carson.

— Isto é a produção — disse ela, terminantemente. Não era uma afirmação que convidasse a fazer perguntas, e Carson não fez nenhuma.

Brandon-Smith levou Carson através de um viveiro de outros laboratórios, corredores estreitos e câmaras, todos cruamente banhados pela mesma luz brilhante. *Ela tem razão*, pensou Carson, olhando em volta. *Isto é como um submarino*. No chão, todo o espaço disponível estava ocupado por equipamento fabulosamente caro: microscópios eletrónicos de transmissão e de varrimento, autoclaves, incubadores, espectrómetros de massa, até um pequeno ciclotrão, todos adaptados de modo a permitir que os cientistas trabalhassem neles com os volumosos fatos azuis. Os tetos eram baixos, intensamente raiados por canalizações e pintados de branco como tudo o resto no Tanque da Febre. A cada dez metros, Brandon-Smith parava para se ligar a uma nova mangueira de ar, e depois esperava que Carson fizesse o mesmo. O percurso era dolorosamente lento.

— Meu Deus — disse Carson. — Estas medidas de segurança são inacreditáveis. De qualquer forma, que têm vocês aqui dentro?

— Escolha — soou a voz. — Peste bubónica, peste pneumónica, vírus de Marburgo, Hantavírus, Dengue, Ébola, antrax. Sem falar de uns quantos agentes biológicos soviéticos. Todos congelados, atualmente, claro.

Os espaços apertados, o fato volumoso, o ar abafado, tudo tinha um efeito desorientador sobre Carson. Deu por si a engolir golfadas de oxigénio, lutando contra uma vontade de abrir os fechos e dar a si mesmo espaço para respirar.

Finalmente, pararam numa pequena abertura circular de onde partiam diversos corredores estreitos, como os raios de uma roda.

— Que é aquilo? — perguntou Carson, apontando para um enorme tubo de distribuição acima das suas cabeças.

— É o tubo de captação do ar — disse Brandon-Smith, ligando uma nova mangueira ao fato. — Isto é o centro do Tanque da Febre. Existe em toda a instalação um controlo do fluxo de ar negativo. A pressão do ar diminui à medida que se avança mais. Todo o ar flui para este ponto, depois é levado para o incinerador e posto de novo em circulação. — Fez um gesto na direção de um dos corredores. — O seu laboratório é ali ao fundo.irá vê-lo muito em breve. Não tenho tempo de lhe mostrar tudo.

— E ali em baixo? — disse Carson, apontando para um tubo estreito, junto aos pés deles, contendo uma brilhante escada de metal.

— Existem três níveis abaixo de nós. Laboratórios de reserva, posto de segurança, congeladores CRYLOX, geradores, o centro de controlo.

Avançou uns metros por uma das alas, parando em frente de outra porta.

— Carson? — disse ela.

— Sim.

— Última paragem. O Zoo. Mantenha-se bem afastado das jaulas. Não deixe que o agarrem. Se lhe rasgarem um pedaço do fato, não mais verá a luz do dia. Ficarà fechado aqui até morrer.

— O Zoo...? — começou Carson a dizer, mas Brandon-Smith estava já a abrir a porta. De súbito, o martelar ficou mais forte e Carson percebeu que não era, afinal, um gerador. Eram gritos e vaias abafados, filtrados pelo seu fato pressurizado. Ao virar uma esquina, Carson viu que uma das paredes do interior da sala estava forrada de jaulas do chão ao teto. Olhos negros como contas espreitavam por entre a rede metálica. A chegada dos visitantes fez o nível de ruído aumentar dramaticamente. Muitos dos prisioneiros estavam agora a bater com os pés e as mãos na base das jaulas.

— Chimpanzés? — perguntou Carson.

— Boa!

Ao fundo da fileira de jaulas, uma pequena figura enfiada num fato azul virou-se para eles.

— Carson, este é Bob Fillson. É quem trata dos animais.

Fillson fez um breve aceno com a cabeça. Por trás do painel do rosto, Carson viu uma frente carregada, um nariz bulboso e um lábio descaído e húmido. O resto estava na sombra. O homem voltou-se e regressou ao trabalho.

— Porquê tantos? — perguntou Carson.

Ela parou e olhou-o.

— São os únicos animais com o mesmo sistema imunológico do homem. Deveria saber isso, Carson.

— Claro, porquê precisamente...

Mas Brandon-Smith estava a espreitar com muita atenção uma das jaulas.

— Oh, por amor de Deus — disse ela.

Carson aproximou-se, mantendo uma distância respeitosa dos dedos incontáveis que surgiam por entre a rede. Um chimpanzé estava estendido de lado, a tremer, indiferente ao tumulto que havia à sua volta. Parecia haver alguma coisa de errado com as suas feições. Depois Carson percebeu que os globos oculares da criatura pareciam anormalmente dilatados. Observando de mais perto, viu que na realidade eles quase lhe saíam das órbitas, com os vasos sanguíneos a romperem-se e a hemorragia a espalhar-se na esclerótica. Subitamente, o animal foi sacudido por um estremeção, abriu as mandíbulas peludas e gritou.

— Bob — ouviu Carson Brandon-Smith dizer pelo intercomunicador. — O último dos chimpanzés de Burt está quase a ir-se.

Com uma falta de pressa notável, Fillson arrastou-se até eles. Era um homem muito baixo, mal chegava a ter metro e meio, e movia-se com uma deliberação lenta que fazia lembrar a Carson um mergulhador debaixo de água.

Virou-se para Carson e falou com voz rouca.

— Vai ter de sair. Você também, Rosalind. Não posso abrir uma jaula quando estão outras pessoas na sala.

Carson viu com horror que um dos globos oculares saltou, de repente, da órbita, seguido de um jorro de um fluido ensanguentado. O chimpanzé agitou-se silenciosamente, batendo os dentes e sacudindo os braços.

— Que diabo...? — começou Carson a dizer, encolhendo-se de horror.

— Adeus — disse Fillson com firmeza enquanto entrava num gabinete atrás de si.

— Adeus, Bob — disse Brandon-Smith. Carson deu conta de uma nítida mudança de tom na sua voz quando ela falou para o tratador dos animais.

A última coisa que Carson viu quando trancaram a porta foi o chimpanzé, hirtó de dor, a passar desesperadamente a mão pelo rosto destruído enquanto Fillson pulverizava o interior da jaula com um aerossol.

Brandon-Smith avançou pesadamente por outro corredor, sem falar.

— Vai dizer-me o que se passou com aquele chimpanzé? — disse Carson, por fim.

— Pensei que era óbvio — ripostou ela. — Edema cerebral.

— Causado pelo quê?

A mulher virou-se e olhou para ele. Parecia surpreendida.

— De verdade que não sabe, Carson?

— Não, não sei. E daqui em diante, o nome é Guy. Ou Dr. Carson, se preferir. Não aprecio ser chamado pelo último nome.

Houve um silêncio.

— Muito bem, Guy — retorquiu ela. — Aqueles chimpanzés são todos X-FLU positivos. Aquele que viu está no estado terciário da doença. O vírus estimula uma sobreprodução maciça de líquido cefalorraquidiano. A seu tempo, a pressão cria uma hérnia cerebral através do *foramen magnum*. É quando os que têm mais sorte morrem. Uns quantos aguentam-se até os globos oculares serem empurrados para fora das órbitas.

— X-FLU? — perguntou Carson. Sentia o suor escorrer-lhe pela testa e debaixo dos braços, humedecendo o interior do fato.

Desta vez, Brandon-Smith ficou muda e queda. Houve um zumbido estático e ouviu a voz dela:

— Singer, pode esclarecer-me sobre a razão pela qual este tipo não sabe o que é X-FLU?

A voz de Singer soou.

— Ainda não o instruí sobre o projeto. É o que vem a seguir.

— O carro à frente dos bois, como de costume — disse ela, depois virou-se para Carson. — Vamos embora, Guy, a visita terminou.

Deixou Guy à porta da câmara de saída. Ele atravessou a câmara e foi submetido a outro chuveiro químico, esperando os sete minutos requeridos enquanto a solução de alta-pressão lhe ensopava o fato. Alguns minutos depois estava de volta à sala dos preparativos. Ficou vagamente aborrecido por ver Singer, fresco e relaxado, a fazer as palavras cruzadas do jornal local.

— Gostou da visita? — perguntou Singer, levantando os olhos do jornal.

— Não — disse Carson, inspirando profundamente para tentar sacudir a sensação opressiva do Tanque da Febre. — Aquela Brandon-Smith é pior que uma cascavel-de-chifres numa frigideira quente.

Singer desatou a rir às gargalhadas, abanando a cabeça calva.

— É uma forma pitoresca de colocar a questão. Ela é a cientista mais

brilhante que temos presentemente. Se conseguirmos que este projeto chegue ao fim, vamos todos ficar ricos. Você incluído. Vale a pena aturar uma Rosalind Brandon-Smith, não acha? Na verdade, sob aquela montanha de tecido adiposo, ela é apenas uma rapariga assustada e insegura.

Ajudou Carson a sair do fato e mostrou-lhe como voltar a empacotá-lo e guardá-lo de novo no armário.

— Acho que chegou o momento de ouvir falar deste misterioso projeto — disse Carson, fechando o armário.

— Absolutamente. Regressamos ao meu gabinete para tomar uma bebida fresca?

Carson anuiu.

— Sabe que havia lá dentro um chimpanzé que os...

Singer ergueu uma mão.

— Eu sei o que você viu.

— Então que raio de coisa era aquilo?

Singer fez uma pausa.

— *Influenza.*

— O quê? — disse Carson. — Gripe?

Singer assentiu.

— Não conheço nenhuma gripe que faça saltar os globos oculares para fora do crânio.

— Bem — disse Singer — é um tipo de gripe muito especial.

Apertando o cotovelo de Carson, conduziu-o através dos corredores exteriores do laboratório de segurança máxima de volta ao acolhedor sol do deserto.

h

Exatamente quando faltavam dois minutos para as três da tarde, Charles Levine abriu a porta e acompanhou uma mulher jovem, vestida com calças de ganga e camisola, até ao exterior do seu gabinete.

— Obrigado, Menina Fields — disse ele, sorrindo. — Nós avisamo-la se abrir alguma vaga no próximo período.

Enquanto a aluna se virava para partir, Levine consultou o relógio.

— É tudo, não é, Ray? — disse ele, virando-se para o seu secretário.

Com esforço, Ray desviou os olhos do rabo em afastamento da Menina Fields para a agenda sobre a secretária. Passou a mão suavemente sobre o seu imaculado penteado à Buddy Holly, descendo os dedos para coçar o peito extremamente musculado, por baixo da camisola vermelha de alças.

— É tudo, Dr. Levine — disse ele.

— Alguma mensagem? Ajudantes do Xerife com intimações? Ofertas de casamento?

Ray sorriu e esperou até que a porta da rua se fechasse para responder.

— Borucki ligou duas vezes. Aparentemente, aquela empresa farmacêutica em Little Rock não ficou impressionada com o artigo do mês passado. Vão pôr um processo por difamação.

— Quanto?

Ray encolheu os ombros.

— Um milhão.

— Diz aos nossos amigos juristas para tomarem as medidas habituais — disse Levine, afastando-se. — Nada de interrupções, Ray.

— Certo.

Levine fechou a porta.

Com a sua notoriedade crescente como porta-voz da Fundação para a Política Genética, Levine deparava com uma crescente dificuldade para manter uma existência rotineira como professor de Teoria Genética. A natureza da fundação atraía, como um para-raios, um certo tipo de estudantes: solitários, idealistas, em busca de uma causa ardente. Isso também o tornava, a si e ao seu gabinete, alvo de uma grande quantidade de raiva devido a questões relacionadas com a atividade.

Quando o seu antigo secretário se despediu, depois de receber um certo número de telefonemas de ameaça, Levine tomou duas medidas de precaução. Mandou instalar uma nova fechadura na porta do escritório, e contratou Ray. As competências burocráticas de Ray deixavam muito a desejar. Mas como antigo membro do corpo de operações especiais da Marinha (SEAL), passado à reserva devido a um sopro cardíaco, era muito bom a manter as coisas em paz. Ray parecia passar a maior parte do seu tempo livre atrás de mulheres, mas no escritório era serenamente indiferente a todas as formas de intimidação, e, só por isso, Levine achava que ele era indispensável.

O pesado canhão da fechadura deslizou para o seu lugar com um tranquilizante caráter definitivo. Levine puxou a maçaneta da porta, depois, satisfeito, avançou rapidamente até à sua secretária por entre pilhas de relatórios de fim de período, jornais científicos, e números antigos de *Política Genética*. O ar afável e despreocupado que mantivera durante o seu horário de consulta rapidamente se dissipou. Varrendo o centro da secretária com a mão, puxou o teclado do computador para ficar ao alcance

dos seus dedos. Depois procurou na bolsa da sua pasta e retirou de lá um objeto negro do tamanho de um maço de cigarros. Numa das extremidades havia um pedaço de fino cabo cinzento pendente. Inclinando-se para a frente, Levine desligou o telefone e conectou a linha telefónica a um dos lados da caixa negra, introduzindo o fino cabo cinzento no painel de trás do seu portátil.

Ainda antes de a sua cruzada centrada na regulação da engenharia genética ter tornado o seu nome uma palavra abominável para uma dúzia de laboratórios de topo em todo o mundo, Levine aprendera duras lições sobre segurança. A caixa negra era um dispositivo criptográfico destinada a embaraçar transmissões por computadores ligados a uma linha telefónica. Utilizando algoritmos de chave pública patenteados, de longe mais sofisticados do que o DES⁷ normal, era supostamente impossível de descodificar até pelos supercomputadores do governo. A simples posse de um tal dispositivo era legalmente questionável. Mas Levine fora ativista do movimento estudantil clandestino contra a guerra antes de se graduar na Universidade da Califórnia, Irvine, em 1971. Não lhe eram estranhos os métodos pouco ortodoxos, ou mesmo ilegais, para atingir os seus fins.

Levine ligou o PC, tamborilando os dedos sobre o tampo da secretária enquanto a máquina se despertava para um estado consciente. Premindo rapidamente as teclas, iniciou o programa de comunicações que haveria de ligar, através das linhas telefónicas, a outro computador e outro utilizador. Um utilizador muito especial.

Esperou enquanto a chamada era redirecionada, depois direcionada de novo através das longas linhas telefónicas, tecendo um caminho complexo, cujo rasto era impossível de seguir. Por fim, o assobio de outro *modem* respondeu à chamada. Ouviu-se um guincho estridente à medida que os dois computadores se entendiam; depois, o ecrã de Levine dissolveu-se dando lugar a uma imagem, agora familiar: uma figura, com um fato de mimo, fazendo oscilar a terra na ponta de um dedo. Quase imediatamente, o dispositivo de acesso desapareceu e surgiram palavras no ecrã de Levine: incorpóreas, como se escritas por um fantasma.

Professor! Que se passa?

Preciso de uma linha na rede da GeneDyne, teclou Levine.

A resposta foi imediata.

⁷ Iniciais de *Data Encryption Standard*. [N. do T.]

É bastante simples. Que procuramos hoje? Números de telefone dos empregados? Relações de Ganhos e Perdas? As últimas pontuações no registo de jogadores de mata-mata?

Preciso de um canal privado nas instalações de Mount Dragon, datilografou Levine.

A resposta seguinte surgiu um pouco mais lentamente.

Uau!_Uau!_ De quem é o par de tomates que traz hoje atarraxado, monsieur le professor?

Não consegue?, picou Levine.

Eu disse que não conseguia? Lembre-se com quem está a falar, patife! Não encontrará a expressão «não consigo» no meu corretor ortográfico. Não estou preocupado comigo: estou preocupado consigo, consigo, meu velho. Ouço dizer que esse tipo, Scopes, é má onda. Ele adoraria apanhá-lo a surripiar-lhe uma sensação debaixo das saias. Tem a certeza que está pronto a entrar no horário nobre, professor?

Está preocupado comigo?, escreveu Levine. Isso é difícil de acreditar.

Ora, professor. A sua insensibilidade magoa-me.

Quer dinheiro, desta vez? É isso?

Dinheiro? Agora insultou-me. Exijo uma satisfação. Vá ter comigo ao meio-dia em ponto, em frente ao Cyberspace Saloon.

Mimo, isto é uma coisa séria.

Estou sempre sério. Claro que consigo tratar do seu pequeno problema. Além disso, ouvi rumores sobre um programa verdadeiramente bojudado em que Scopes tem estado a trabalhar. Algo muito à frente, muito interessante. Mas ele é, supostamente, um tipo ciumento, conserva um cinto de castidade à volta disso. Enquanto estiver a tratar do nosso assunto, talvez eu possa fazer uma pequena visita ao seu servidor privativo. É esse o género de desfloramento que aprecio mais.

O que faz no seu tempo livre é assunto seu, escreveu Levine com irritação. Trate de garantir que o canal é absolutamente seguro. Avise-me quando estiver tudo a postos, por favor.

ECSJEF.

Mimo, não percebo. ECSJEF?

Ai de mim, estou sempre a esquecer-me como você é novato. Por aí, no éter eletrônico, usamos acrónimos para ajudar a manter as nossas trocas epistolares curtas e agradáveis. ECSJEF: «É como se já estivesse feito». Vocês, académicos palavrosos, não conseguem fazer como nós. Aqui está outro: «TTFN»⁸. Isto é «adeusinho, até já». Sendo assim, TTFN, Herr Professor.

O ecrã ficou branco.

h

O gabinete de John Singer, que ocupava o canto sudoeste do edifício administrativo, tinha mais de sala de estar do que de escritório de diretor. Num dos cantos, fora colocada uma lareira *kiva*⁹, rodeada por um sofá e duas poltronas forradas a couro. Encostado a uma parede, havia um *trastero* mexicano, antigo, no qual estava pousada uma guitarra *Martin*, muito amassada, e um sujo maço de pautas musicais. Um tapete navajo, da marca *Two Gray Hills*, estava estendido no chão, e as paredes estavam forradas com litografias do século XIX da região fronteira americana, incluindo seis imagens de Bodmer dos Índios Mandan e Hidatsa, no Mississipi Superior. Não havia qualquer secretária — apenas um terminal de computador e telefone.

As janelas davam para o deserto de Jornada, por onde a estrada de terra se perdia de vista, vagueando em direção à eternidade. O sol passava pelo vidro fosco da janela, atravessando a sala e enchendo-a de luz.

Carson sentou-se numa das cadeiras de couro, ao passo que Singer foi até um pequeno bar no outro extremo da sala.

⁸ «Ta-Ta For Now». [N. do T.]

⁹ Lareira rústica ao estilo das populações Pueblo, descendentes do povo Anasazi, que habitou regiões do Sudoeste dos EUA. [N. do T.]

— Alguma coisa para beber? — perguntou ele. — Cerveja, vinho, martini, sumo?

Carson deu uma olhadela ao relógio. Eram 11:45 da manhã. Ainda se sentia um pouco maldispuesto do estômago.

— Vou beber um pouco de sumo.

Singer voltou com um copo de *Cranapple* numa mão e um martini na outra. Instalou-se no sofá e estendeu os pés sobre a mesa.

— Eu sei — disse ele. — Beber antes do meio-dia. É muito mau. Mas esta é uma ocasião especial. — Ergueu o copo. — Ao X-FLU.

— X-FLU — disse Carson entre dentes. — Isso foi o que Brandon-Smith disse que matou o chimpanzé.

— Correto — disse Singer, bebendo um gole e expirando com satisfação.

— Perdoe-me a minha rudeza — disse Carson — mas gostaria realmente de saber sobre que é todo este projeto. Ainda não consigo compreender por que razão o Sr. Scopes me escolheu entre, quê?, cinco centenas de cientistas? E porque tive de largar tudo e vir para aqui cinco minutos depois?

Singer recostou-se.

— Deixe-me começar pelo princípio. Está familiarizado com um animal chamado bonobo?

— Não.

— Costumávamos chamar-lhes chimpanzés pigmeus até percebermos que constituíam uma espécie completamente diferente. Os bonobos estão até mais próximos dos seres humanos do que os chimpanzés mais comuns. São mais inteligentes, formam relações monogâmicas e partilham connosco noventa e dois por cento do nosso ADN. Ainda mais importante, apanham todas as nossas doenças. Exceto uma.

Fez uma pausa e sorveu a bebida.

— Não apanham gripe. Todos os outros chimpanzés, assim como os gorilas e os orangotangos, apanham gripe. Mas não o bonobo. Esse facto chamou a atenção de Brent há cerca de dez meses. Enviou-nos diversos bonobos e fizemos algum sequenciamento genético. Deixe-me mostrar-lhe o que descobrimos.

Singer abriu um caderno de apontamentos que estava sobre a mesa do café, afastando um ovo de malaquite para fazer espaço. No seu interior, as folhas de papel estavam cobertas com fiadas de letras dispostas em arranjos complexos com forma de escada.

— O bonobo tem um gene que o torna imune à gripe. Não apenas a uma ou duas variedades, mas a *todas* as sessenta estirpes conhecidas. Chamámos-lhe o gene X-FLU.

Carson examinou a cópia impressa. Era um gene curto, chegando apenas a várias centenas de pares de base.

— Como funciona o gene? — perguntou Carson.

Singer sorriu.

— Na verdade, não sabemos. Levaria anos para descortinar isso. Mas Brent colocou a hipótese de que, se conseguíssemos introduzir este gene no ADN humano, isso também tornaria os humanos imunes à gripe. Os testes iniciais que realizámos *in vitro* confirmaram isso.

— Interessante — replicou Carson.

— Diria o mesmo. Retire o gene ao bonobo e introduza-o em si próprio. *Presto*, nunca mais apanha gripe. — Singer debruçou-se e baixou o tom de voz. — Guy, quanto é que você sabe sobre a gripe?

Carson hesitou. Na verdade, sabia bastante. Mas Singer não parecia do género que apreciaria qualquer alarde.

— Não tanto como deveria. Para começar, as pessoas são demasiado complacentes em relação a ela.

Singer concordou com um aceno.

— Tem razão. As pessoas tendem a pensar nela como uma coisa aborrecida. Mas não é uma coisa aborrecida. É uma das piores doenças virais do mundo. Mesmo hoje, morre um milhão de pessoas por ano com gripe. Continua a ser umas das dez causas principais de morte nos Estados Unidos. Durante a estação da gripe, *um quarto* da população fica doente. E isso num ano bom. As pessoas esquecem que a epidemia de gripe suína de 1918 matou uma pessoa por cada cinquenta, em todo o mundo. Essa foi a pior pandemia de que temos registo na História, pior do que a Peste Negra. E isso aconteceu *neste século*. Se voltasse a acontecer hoje, seríamos quase tão impotentes como éramos antes.

— Mutações da gripe verdadeiramente virulentas podem matar em horas — disse Carson. — Mas...

— Só um momento, Guy. Essa palavra, *mutação*, é uma palavra-chave. As pandemias graves ocorrem quando o vírus da gripe sofre mutações significativas. Já aconteceu três vezes neste século, a mais recente foi a gripe de Hong-Kong, em 1968. Estamos atrasados, estamos *maduros*, para outra pandemia, neste preciso momento.

— E porque o revestimento da partícula viral não para de sofrer mutações — disse Carson — não existe uma vacina permanente. Uma vacina contra a gripe é apenas um coquetel de três ou quatro estirpes, uma aposta dos epidemiologistas sobre que estirpe poderá estar a caminho nos próximos seis meses. Certo? A suposição deles pode estar errada e nós ficamos doentes de qualquer modo.

Singer sorriu.

— Muito bem, Guy. Estamos bem conscientes do trabalho que realizou com os vírus da gripe, no MIT. Isso é parte da razão por que o escolhemos.

Terminou a sua bebida com um gole curto e decidido.

— Uma coisa de que talvez não tenha consciência é que a economia mundial perde, para a gripe, quase um *trilião* de dólares por ano em produtividade irrealizada.

— Não sabia disso.

— Aqui está outra coisa que poderá não saber: a gripe causa um número estimado em duzentos mil defeitos de nascença por ano. Quando uma mulher grávida tem febre acima dos quarenta graus, toda a espécie de desenvolvimentos infernais podem ser desencadeados no ventre.

Inspirou devagar.

— Guy, estamos a trabalhar no último grande avanço médico do século xx. E agora você faz parte dele. Está a ver, com o gene X-FLU introduzido no corpo, um ser humano será imune a todas as estirpes da gripe. E além disso, os seus filhos herdarão a imunidade.

Carson pousou lentamente a sua bebida e olhou para Singer.

— Meu Deus — disse ele. — Você está a falar de uma terapia genética dirigida às células reprodutoras?

— Exatamente. Vamos alterar permanentemente a linha das células germinativas da raça humana. E você, Guy, é central para esse esforço.

— Mas o meu trabalho com a gripe foi apenas preliminar — disse Carson. — O foco principal estava noutro lado.

— Eu sei — replicou Singer. — Tenha paciência comigo durante um pouco mais de tempo. O nosso maior obstáculo tem sido introduzir o gene X-FLU no ADN humano. Isso tem de ser feito, claro, utilizando um vírus.

Carson assentiu. Sabia que os vírus funcionavam introduzindo o seu próprio ADN no ADN do hospedeiro. Isso tornava os vírus o vetor ideal para trocar genes entre espécies longinquamente aparentadas. Em resultado disso, a maior parte dos trabalhos de engenharia genética utilizava vírus para esse fim.

— Eis como isto vai funcionar — continuou Singer. — Introduzimos o gene X-FLU no próprio vírus da gripe. Usamos o vírus como um cavalo de Troia, se quiser. Como em qualquer vacina da gripe, a pessoa desenvolverá um caso suave de gripe. Entretanto, o vírus inseriu o ADN do bonobo no ADN da pessoa. Quando recuperar, já terá o gene X-FLU. E nunca mais apanhará gripe.

— Terapia genética — disse Carson.

— Absolutamente — replicou Singer. — É uma das coisas mais escaldantes que hoje existe. As terapias genéticas prometem curar todos os

tipos de doenças genéticas. Como a doença de Tay-Sachs, a síndrome PKU, a hemofilia, o que quiser. Um dia destes, qualquer um que nasça com um defeito genético será capaz de obter o gene certo e viver uma vida normal. Só que, neste caso, o «defeito» é a suscetibilidade em relação à gripe. E a mudança é hereditária.

Singer limpou a testa.

— Fico um bocado excitado quando estou a falar disto — disse ele, arreganhando um sorriso. — Nunca sonhei que poderia mudar o mundo quando era professor na CalTech. O X-FLU fez-me acreditar de novo em Deus, é verdade que sim. — Aclarou a garganta. — Estamos quase lá, Guy. Mas há um pequeno problema. Quando introduzimos o gene X-FLU no vírus comum da gripe, isso torna o vírus comum virulento. Infinitamente mais virulento. E brutalmente contagioso. Em vez de ser um mensageiro inócuo, a proteína do revestimento do vírus parece imitar uma hormona que estimula a sobreprodução de líquido cefalorraquidiano. O que viu no Tanque da Febre foi o efeito do vírus num chimpanzé. Não sabemos bem o que fará a um ser humano, mas sabemos que não será agradável.

Ergueu-se e foi até uma janela próxima.

— A sua tarefa é redesenhar o revestimento viral do vírus «mensageiro» do X-FLU. Para o tornar inofensivo. Para permitir que ele infete o seu hospedeiro humano sem o matar, para que assim ele possa transportar o gene X-FLU para o ADN humano.

Carson abriu a boca para falar, mas fechou-a abruptamente. Subitamente compreendeu a razão pela qual Scopes o arrancara à massa de talentos da GeneDyne. Até Fred Peck o ter posto a fazer trabalho de rotina, a sua especialidade fora alterar os invólucros de proteína que rodeiam um vírus. Sabia que o revestimento de proteína de um vírus poderia ser alterado ou atenuado utilizando calor, várias enzimas, radiação, até pelo desenvolvimento de estirpes diferentes. Fizera tudo isso, ele próprio. Havia muitas maneiras de neutralizar um vírus.

— Parece ser um problema simples — disse ele.

— Deveria ser. Mas não é. Por alguma razão, faça você o que fizer, o vírus sofre sempre uma mutação e regressa à sua forma mortal. Quando Burt estava a trabalhar nele, deve ter inoculado uma colónia inteira de chimpanzés com, supostamente, estirpes seguras do vírus X-FLU. Edema cerebral súbito. Burt era um cientista brilhante. Se não fosse ele, nunca teríamos sido capazes de estabilizar e pôr lá fora PurBlood, o nosso sangue artificial. Mas o X-FLU deu com ele... — Singer fez uma pausa. — Não aguentou a pressão.

— Estou a ver porque as pessoas evitam o Tanque da Febre — disse Carson.

— É horrível. E eu tenho sérias dúvidas sobre a utilização dos chimpanzés. Mas quando se considera os benefícios para a humanidade... — Singer ficou em silêncio, olhando para a paisagem lá fora.

— Porquê o secretismo? — perguntou Carson, por fim.

— Por duas razões. Acreditamos que pelo menos uma outra empresa está a trabalhar numa linha de investigação similar, e não queremos abrir o jogo prematuramente. Mas, ainda mais importante do que isso é o facto de haver uma grande quantidade de gente que tem medo da tecnologia. Na verdade, não os censuro. Com armas nucleares, radiação, Three Mile Island e Chernobyl, estão desconfiados. E não gostam da ideia da engenharia genética. — Virou-se para Carson. — Encaremos o facto, aquilo de que estamos a falar é de uma alteração permanente do genoma humano. Isso poderá ser *muito* controverso. E se as pessoas têm objeções em relação a vegetais geneticamente modificados, o que farão em relação a isto? Enfrentamos o mesmo problema com o PurBlood. Por isso queremos ter o X-FLU pronto a ser utilizado quando for anunciado ao mundo. Dessa forma, não vai haver tempo para se desenvolver uma oposição. As pessoas irão ver que os benefícios ultrapassam de longe qualquer alarido de medo irracional por parte de um pequeno segmento do público.

— Esse segmento pode ser bastante sonoro. — Carson passara, por vezes, por grupos de manifestantes fora das instalações da GeneDyne a caminho do trabalho ou de casa.

— Sim. Há gente por aí como Charles Levine. Conhece a fundação dele para a Política Genética? Uma organização muito radical que está aí para destruir a engenharia genética em geral e Brent Scopes em particular.

Carson fez um aceno de concordância.

— Levine e Scopes eram amigos na faculdade. Meu Deus, essa é uma história e peras. Um dia destes, lembre-me de lhe contar o que sei sobre ela. De qualquer forma, Levine é um pouco desequilibrado, um verdadeiro Dom Quixote. Fazer o progresso científico andar para trás tornou-se o objetivo da sua vida. Ficou pior desde a morte da mulher, segundo me dizem. E há vinte anos que leva a cabo uma *vendetta* contra Brent Scopes. Infelizmente, há muita gente nos média que na verdade lhe dão ouvidos e imprimem as suas porcarias. — Afastou-se da janela. — É muito mais fácil destruir uma coisa do que construí-la, Guy. Mount Dragon é o laboratório de engenharia genética mais seguro do mundo. Ninguém, absolutamente ninguém, está mais interessado na segurança dos seus empregados e dos seus produtos do que Brent Scopes.

Carson esteve quase a mencionar o facto de Charles Levine ter sido um dos seus professores no curso, mas pensou duas vezes. Talvez Singer já soubesse.

— Então quer apresentar a terapia X-FLU como *fait accompli*. E essa é a razão desta pressa toda?

— É, parcialmente, essa a razão. — Singer hesitou, depois continuou. — Na realidade, a verdade é que o X-FLU é muito importante para a GeneDyne. É, na verdade, crítico. Os direitos sobre a patente do milho de Scopes, a base financeira da GeneDyne, expiram dentro de poucas semanas.

— Mas Scopes apenas faz quarenta este ano — disse Carson. — A patente não pode ser assim tão antiga. Porque não a renova ele, pura e simplesmente?

Singer encolheu os ombros.

— Não sei todos os pormenores. Apenas sei que está a expirar e que não pode ser renovada. Quando isso acontecer, todos esses direitos cessarão. PurBlood não será distribuído durante alguns meses, e, de qualquer forma, serão precisos anos para amortizar os custos em Investigação e Desenvolvimento. Os nossos outros produtos novos estão ainda presos em processos de aprovação. Se o X-FLU não surgir em breve, a GeneDyne terá de cortar os seus generosos dividendos. Isso teria um efeito catastrófico no preço das ações. O seu rendimento e o meu.

Virou-se e fez um aceno.

— Venha aqui, Guy — disse ele.

Carson foi até onde Singer estava. A janela oferecia uma vista avassaladora sobre o deserto Jornada del Muerto, que se estendia na direção do horizonte, dissolvendo-se numa tempestade de luz intensa onde o céu tocava a terra. Para sul, Carson mal conseguia distinguir os restos do que pareciam umas antigas ruínas índias, várias paredes despedaçadas erguidas da areia que se amontoara.

Singer colocou uma mão sobre o ombro de Carson.

— Estes assuntos não o devem preocupar neste momento. Pense no potencial que temos entre mãos. O médico mediano, se tiver sorte, pode salvar centenas de vidas. Um investigador médico pode salvar milhares. Mas você, eu, a GeneDyne — nós vamos salvar milhões. Milhares de milhões.

Apontou na direção de uma baixa cadeia montanhosa para nordeste que se erguia sobre o deserto claro como uma série de dentes escuros.

— Há cinquenta anos, a humanidade fez explodir o primeiro dispositivo atómico no sopé daquelas montanhas. Trinity fica a uns meros cinquenta quilómetros daqui. Isso foi o lado negro da ciência. Agora, meio século depois, neste mesmo deserto, temos a oportunidade de redimir a ciência. É realmente tão simples e profundo como isto.

O aperto da sua mão acentuou-se.

— Guy, isto vai ser a maior aventura da sua vida. Acho que lhe posso garantir isso.

Ficaram ali a olhar para o deserto, e, enquanto olhava, Carson sentiu a sua vasta intensidade, uma sensação quase religiosa pela sua força. E sabia que Singer tinha razão.

h

Carson levantou-se às cinco e meia. Balançou os pés sobre o lado da cama e olhou pela janela aberta para as Montanhas de San Andres. O ar fresco da noite entrava, trazendo com ele a intensa quietude da manhã pré-auroral. Inspirou profundamente. Em New Jersey, tudo o que conseguia fazer era arrastar-se para fora da cama às oito. Agora, na sua segunda manhã no deserto, regressara já ao seu velho horário.

Olhou à medida que as estrelas desapareciam, deixando apenas Vénus no céu limpo de leste. O peculiar verde do nascer do Sol no deserto alastrou pelo céu e depois desvaneceu-se gradualmente até ficar amarelo. Lentamente, o contorno das plantas emergiu do vago azul do solo do deserto. O emaranhado eriçado das algarobeiras e os tufos de erva tobose estavam largamente espalhados; a vida no deserto, pensou Carson, era um assunto solitário e disperso.

O quarto estava escassa mas confortavelmente mobilado: cama, sofá e cadeira a condizerem, uma secretária muito grande, estantes. Tomou um duche, barbeou-se e vestiu roupa leve branca, sentindo-se alternadamente excitado e apreensivo acerca do dia que tinha pela frente.

Passara a tarde do dia anterior a ser integrado na força de trabalho de Mount Dragon: a preencher impressos, a fazer registo de voz e a ser fotografado, e a ser submetido ao mais extenso exame médico por que alguma vez passara. O médico do local, Lyle Grady, era um homem pequeno e magro, com uma voz esganiçada. Mal sorrira enquanto inseria anotações no seu terminal. Após um breve jantar com Singer, Carson recolhera-se cedo. Queria estar bem dormido.

O dia de trabalho na GeneDyne começava às oito em ponto. Carson não tomava pequeno-almoço — resquícios dos dias em que o seu pai o fazia levantar-se cedo e o mandava selar o cavalo no escuro — mas descobriu o caminho para a cafetaria, onde agarrou numa chávena de café antes de se dirigir ao seu novo laboratório. A cafetaria estava deserta, e Carson lembrou-se de uma observação que Singer fizera ao jantar, na noite anterior. «Por aqui comemos bem ao jantar», dissera ele. «O pequeno-almoço

e o almoço não são muito populares. Há qualquer coisa relacionada com trabalhar no Tanque da Febre que realmente nos tira o apetite.»

As pessoas estavam a apertar-se dentro dos fatos, rapidamente e em silêncio, quando Carson chegou ao Tanque da Febre. Toda a gente se virou para observar o recém-chegado, alguns amistosamente, outros francamente curiosos, outros com indiferença. Depois Singer apareceu na sala de preparação, com um largo sorriso no seu rosto redondo.

— Dormiu bem? — perguntou ele, batendo amigavelmente no ombro de Carson.

— Razoavelmente bem — disse Carson. — Estou ansioso por começar.

— Ótimo. Quero apresentar-lhe a sua assistente. — Olhou em redor. — Onde está a Susana?

— Ela já está lá dentro — disse um dos técnicos. — Teve de entrar mais cedo para verificar umas culturas.

— Você está no Laboratório C — disse Singer. — Rosalind mostrou-lhe o caminho, certo?

— Mais ou menos — disse Carson, tirando o fato azul do armário.

— Ótimo. Vai provavelmente querer começar por ver as notas laboratoriais de Frank Burt. A Susana encarregar-se-á de ver se tem tudo o que precisa.

Depois de acabar de se vestir com a ajuda de Singer, Carson seguiu os outros até aos chuveiros químicos, depois entrou de novo no viveiro de corredores estreitos e comportas do Laboratório de Segurança de Nível-5. Uma vez mais, achou difícil habituar-se ao fato apertado e a confiar nos tubos de ar. Depois de se enganar umas quantas vezes, encontrou-se diante de uma porta metálica assinalada como LABORATÓRIO C.

Lá dentro, uma volumosa figura de fato estava debruçada sobre uma mesa de bioprofilaxia, percorrendo uma pilha de placas de Petri. Carson premiu um dos botões do intercomunicador que havia no fato.

— Olá. É a Susana?

A figura endireitou-se.

— Sou Guy Carson — continuou ele.

Uma pequena voz aguda crepitou no intercomunicador.

— Susana Cabeza de Vaca.

Apertaram desajeitadamente as mãos.

— Estes fatos são uma grande chatice — disse de Vaca com irritação. — Então você é o substituto de Burt.

— É verdade — disse Carson.

Ela espreitou para o interior do visor dele.

— *Hispânico?* — perguntou ela.

— Não, sou anglo — replicou Carson, um pouco mais apressadamente do que tencionara.

Houve uma pausa.

— Hmm — disse de Vaca, olhando atentamente para ele. — Bem, de qualquer modo ia jurar que me soava a que poderia ser daqui.

— Cresci no Tação da Bota.

— Eu sabia! Bem, Guy, você e eu somos os únicos nativos aqui.

— É do Novo México? Quando veio? — perguntou Carson.

— Cheguei aqui há cerca de duas semanas, transferida da fábrica de Albuquerque. Estava originalmente ligada à Medical, mas agora irei substituir a assistente do Dr. Burt. Ela saiu alguns dias depois dele.

— De onde é? — perguntou Carson.

— De uma pequena cidade de montanha chamada Truchas. A cerca de cinquenta quilómetros a norte de Santa Fé.

— Originalmente, quero eu dizer.

Houve outra pausa.

— Eu nasci em Truchas — disse ela.

— Muito bem — disse Carson, surpreendido pelo seu tom cortante.

— Quando é que nadámos até à outra margem do Rio Grande, é isso que queria dizer?

— Bem, não, claro que não. Sempre tive muito respeito pelos Mexicanos...

— Mexicanos?

— Sim. Alguns dos melhores homens no nosso rancho eram mexicanos, e cresci com uma porção de amigos mexicanos...

— A minha família — interrompeu de Vaca, friamente — veio para a América com Don Juan de Oñate. De facto, Don Alonzo Cabeza de Vaca e a mulher quase morreram de sede ao atravessarem este mesmo deserto. Isso foi em 1598, muito antes, tenho a certeza, de a sua família de pobretanas cheios de pó¹⁰ se ter instalado no Tação da Bota. Mas estou profundamente emocionada pelo facto de ter crescido com amigos mexicanos.

Ela afastou-se e começou de novo a ordenar as placas de Petri, escrevendo os números num computador *PowerBook*.

Meu Deus, pensou Carson, *Singer não estava a brincar quando disse que aqui toda a gente era stressada.*

— Menina de Vaca — disse ele — espero que compreenda que eu estava apenas a tentar ser amistoso.

Carson esperou. De Vaca continuou a ordenar e a escrever.

¹⁰ Intensas tempestades de pó (*Dust Bowl*) obrigaram à migração de milhares de trabalhadores na década de 1930. [N. do T.]

— Não que isso interesse, mas não venho de uma família de pobres cheios de pó. O meu antepassado foi Kit Carson e o meu bisavô estabeleceu o rancho onde cresci. Os Carson estão no Novo México há quase duzentos anos.

— O Coronel Christopher Carson? Bem, quem diria — disse ela sem levantar os olhos. — Uma vez fiz um trabalho sobre o Carson na escola. Diga-me, você descende da esposa espanhola ou da índia?

Fez-se silêncio.

— Tem de ser de uma ou de outra — continuou ela — porque você a mim não me parece um branco. — Empilhou as placas de Petri e guardou-as, fazendo-as deslizar por uma abertura de aço inoxidável na parede.

— Eu não me defino pelos meus traços raciais, Menina de Vaca — disse Carson, tentando manter um tom neutro.

— É Cabeza de Vaca, não «de Vaca» — respondeu ela, começando a ordenar outra pilha.

Carson carregou com ira no botão do intercomunicador.

— Quero lá saber se é Cabeza ou Kowalski. Não vou aturar este tipo de grosserias de merda de si ou daquela carroça de mantimentos andante da Rosalind ou de quem quer que seja.

Fez-se um silêncio momentâneo. Depois de Vaca desatou a rir às gargalhadas.

— Carson? Olhe para os dois botões no painel do intercomunicador. Um é para conversas privadas através de um canal local e o outro é para difusão geral. Não os misture mais nenhuma vez ou toda a gente no Tanque da Febre vai ouvir o que está a dizer.

Ouviu-se um silvo no intercomunicador.

— Carson? — soou a voz de Brandon-Smith. — Só quero que saiba que ouvi isso, seu labrego de pernas tortas.

De Vaca sorriu maliciosamente.

— Menina *Cabeza* de Vaca — disse Carson, tateando atrapalhadamente os botões do intercomunicador. — Eu apenas quero fazer o meu trabalho. Percebeu? Não estou interessado em questiúnculas ou em resolver os seus problemas de identidade. Por isso, comece a portar-se como assistente e mostre-me como posso consultar as notas laboratoriais do Dr. Burt.

Houve uma pausa gélida.

— Certo — disse por fim de Vaca, apontando para um portátil cinzento guardado num nicho retangular junto da comporta de entrada. — Esse era o *PowerBook* de Burt. Agora é seu. Se quiser ver as anotações, os cabos de rede estão naquele recetáculo junto do seu cotovelo esquerdo. Conhece as regras sobre notas, não conhece?

— Está a referir-se à diretiva do papel-e-lápis? — De onde ele viera,

em New Jersey, a GeneDyne seguia uma política de desencorajamento da gravação de quaisquer informações que não fosse em computadores da empresa.

— Aqui, foram um pouco mais longe — disse de Vaca. — Não há cópias em qualquer tipo de disco, ponto final. Não há canetas ou lápis, nem papel. Todos os resultados dos testes, *todo* o trabalho de laboratório, tudo o que fizer ou pensar, têm de ser registados no seu *PowerBook* e carregados na unidade central pelo menos uma vez por dia. Deixar apenas uma mensagem na secretária de alguém é o suficiente para se ser despedido.

— Qual é o drama?

De Vaca encolheu os ombros, confinados ao interior do fato.

— Scopes gosta de pesquisar as nossas anotações, ver o que estamos a fazer, dar sugestões. Vagueia pelo ciberespaço da empresa durante a noite toda, desde Boston, bisbilhotando e intrometendo-se no trabalho de toda a gente. O tipo nunca dorme.

Carson sentiu uma nota de pouca consideração na sua voz. Virando-se para o portátil e ligando o cabo de rede à ficha da parede, entrou no sistema, deixando depois que de Vaca lhe mostrasse onde estavam guardados os ficheiros de Burt. Digitou alguns comandos — irritado com a imensa falta de agilidade dos seus dedos enluvados — e esperou, enquanto os ficheiros eram copiados para o disco rígido do portátil. Depois abriu as notas de Burt no processador de texto.

18 de fevereiro. Primeiro dia no laboratório. Fui instruído por Singer sobre o PurBlood com outra recém-chegada, R. Brandon-Smith. Passei a tarde na biblioteca a estudar os antecedentes de encapsulamento de hemoglobina «nua». O problema, do meu ponto de vista, é essencialmente o de...

— Não é esse o material que quer — disse de Vaca. — Isso é do último projeto, antes de eu chegar. Passe as páginas até encontrar o X-FLU.

Carson rolou sobre três meses de anotações, localizando por fim o ponto onde Burt completara o trabalho sobre o sangue artificial da GeneDyne e começara a lançar as bases de trabalho do X-FLU. A história desenvolvia-se por entradas concisas e metódicas: um cientista brilhante, acabado de triunfar num projeto, lançando de imediato o projeto seguinte. Burt usara o seu próprio processo de filtragem — um processo que o tornou famoso dentro da GeneDyne — para sintetizar o PurBlood, e o seu otimismo e entusiasmo transpareciam claramente. Neutralizar o vírus X-FLU e avançar para o teste em humanos parecera afinal uma tarefa bastante simples.

Dia após dia, Burt trabalhou ângulos diferentes do problema: modelando em computador o revestimento de proteína; utilizando várias enzimas, tratamentos térmicos, e químicos; avançando de um ângulo de ataque para outro com rapidez. Liberalmente espalhados ao longo das notas, havia comentários de Scopes, que parecia ter examinado o trabalho de Burt várias vezes por semana. O computador reteve também muitas conversações por escrito, em linha, entre Scopes e Burt. Ao ler aquelas trocas de impressões, Carson deu por si a admirar Scopes pela sua compreensão dos aspectos técnicos da atividade, e a invejar o familiar à-vontade de Burt com o administrador executivo da GeneDyne.

Contudo, apesar da energia sem fim e do brilhante ataque de Burt, nada parecia funcionar. Alterar a cápsula de proteína em volta do próprio vírus era uma coisa quase trivial. De cada vez, o revestimento permanecia estável *in vitro* e Burt avançava para um teste *in vivo* — injetando o vírus alterado em chimpanzés. De cada vez, os animais viviam durante algum tempo sem qualquer sintoma óbvio, depois, subitamente, morriam hediondamente.

Carson rolou página atrás de página, nas quais um Burt cada vez mais exasperado registava fracassos contínuos e inexplicáveis. Ao fim de algum tempo, as entradas pareciam perder o tom desapaixonado e sucinto e tornar-se mais divagantes e pessoais. Começaram a surgir comentários ásperos sobre os cientistas com quem Burt trabalhava — especialmente sobre Rosalind Brandon-Smith, que ele detestava.

Os poemas começaram cerca de três semanas antes de Burt deixar Mount Dragon. Habitualmente em dez linhas, ou menos, centravam-se na beleza oculta e obscura da ciência: a estrutura quaternária de uma proteína de globulina, o brilho azulado da radiação de Cherenkov. Eram líricos e evocativos, ainda que Carson os achasse arrepiantes, aparecendo de repente entre as colunas com resultados de testes, sem terem sido convidados, como visitantes de outro mundo.

Um dos poemas, «Carbono», começava assim:

*O mais belo dos elementos.
Que infindável variedade,
Cadeias, anéis, ramificações, fulerenos, grupos laterais,
aromáticos.
O teu índice de refração mata xás e especuladores.
Carbono.
Estiveste connosco nas ruas de Saigão,
Estiveste em todos em toda a parte, flutuando no ar
Invisível no medo e no suor,
O napalm.*

*Sem ti não somos nada.
Somos carbono e em carbono nos tornaremos.*

As entradas depressa se tornaram mais esporádicas e desconexas à medida que o fim se aproximava. Carson teve uma dificuldade crescente para seguir a lógica de Burt de um pensamento para outro. Scopes fora, do princípio ao fim, uma constante presença de fundo; agora os seus comentários e sugestões tornavam-se mais críticos e sarcásticos. As conversas atingiam o claro limite do confronto: Scopes agressivo, Burt evasivo, quase penitente.

Onde esteve ontem, Burt?

Tirei o dia e fui caminhar para fora do perímetro.

Cada dia em que o problema não é resolvido custa à GeneDyne um milhão de dólares. Por isso o Dr. Burt resolve tirar o dia para dar um passeio de um milhão de dólares. Encantador. Está toda a gente à sua espera, ainda se lembra? Todo o projeto está à sua espera.

Brent, não consigo continuar dia após dia. Tenho de ter tempo para pensar e estar sozinho.

Então, sobre o que pensou?

Pensei na minha primeira mulher.

Cristo, ele pensou na primeira mulher. Um milhão de dólares, Frank, para pensar na porra da primeira mulher. Poderia matá-lo, a sério que poderia.

Ontem não conseguia trabalhar, pura e simplesmente não conseguia. Tentei tudo, incluindo vetores virais recombinantes. O problema não tem solução.

Frank, detesto-o só pelo facto de ter pensado isso. Nenhum problema é insolúvel. Foi isso que você disse em relação ao sangue, lembra-se? E depois arranjou uma solução. Fê-lo, Frank, pense nisso! E eu adoro-o por esse facto, a sério. E sei que é capaz de voltar a fazê-lo. Com isso haverá um Prémio Nobel à sua espera, prometo.

Tentar-me com a glória não vai ajudar, Brent. O dinheiro também não. Nada vai tornar possível um problema impossível.

Não diga isso, Frank. Por favor. Magoa-me ouvi-lo dizer essa palavra, porque é sempre uma mentira. «Impossível» é uma mentira. O universo é estranho e vasto, e tudo é possível. Faz-me lembrar a Alice no País das Maravilhas. Lembra-se daquele diálogo entre Alice e a Rainha sobre este mesmo assunto?

Não, não me lembro. E não acho que a Alice no País das Maravilhas me vá ajudar a acreditar no impossível.

Seu filho da puta, se ouço essa palavra outra vez, vou aí e mato-o com as minhas próprias mãos. Olhe, dei-lhe tudo o que você precisa. Por favor, Frank, volte lá para dentro de novo e faça o que tem a fazer. Tenho fé em que consegue fazê-lo. Olhe, porque não começa do princípio? Comece com outro hospedeiro qualquer, alguma coisa verdadeiramente improvável, como um vírus novo, um macrófago. Ou um reovírus. Algo que permita que você aborde a coisa de um prisma completamente diferente. Está bem?

Está bem, Brent.

Passaram vários dias sem quaisquer entradas. Depois, a 29 de junho — apenas quinze dias antes — surgia uma vaga de escrita, cheia de imagens apocalípticas e divagações ominosas. Burt mencionava, por diversas vezes, um «fator-chave», nunca explicando qual ele era. Carson abanou a cabeça. O seu predecessor entrara obviamente em delírio, imaginando soluções que a sua mente racional não fora capaz de descobrir.

Carson recostou-se, sentindo o suor, entalado, a acumular-se entre as omoplatas e na dobra dos braços. Pela primeira vez, sentiu uma pontada de medo. Como poderia ele ser bem-sucedido, quando um homem como Burt fracassara — não só fracassara, mas perdera o juízo pelo caminho? Levantou os olhos e deparou com de Vaca a olhar para si.

— Leu isto? — perguntou ele.

Ela assentiu.

— Como... quer dizer, como esperam que eu assumo o controlo disto?

— Isso é problema seu — respondeu ela calmamente. — Não fui eu que tirei cursos em Harvard e no MIT.

...

Carson passou o resto do dia a reler as experiências iniciais, permanecendo afastado das convoluções dispersantes das notas laboratoriais de Burt. Mais para o final do dia, começou a sentir-se mais animado. Havia uma nova técnica com ADN recombinante com que ele trabalhara no MIT, que Burt desconhecia. Carson elaborou um diagrama do problema, dividindo-o em partes que, por sua vez, dividiu noutras partes até estarem separadas em partes irreduzíveis.

Quando o dia se aproximava do fim, Carson começou a esboçar um protocolo experimental da sua lavra. Havia ainda, percebia ele, uma porção de coisas com que trabalhar. Levantou-se, esticou-se, e ficou a olhar enquanto de Vaca ligava o portátil dela à ficha de rede.

— Não se esqueça de carregar — disse ela. — Estou certa de que o Big Brother vai querer verificar o seu trabalho esta noite.

— Obrigado — disse Carson, troçando intimamente da ideia de que Scopes iria perder tempo a olhar para as suas notas. Scopes e Burt tinham claramente sido amigos, mas Carson era apenas um técnico de terceiro grau do edifício Edison. Carregou a informação daquele dia, guardou o computador no cubículo para ali ficar durante a noite, depois seguiu de Vaca na longa e lenta viagem de saída do Tanque da Febre.

De regresso à sala de preparação, Carson desafivelou o visor e estava a abrir os fechos da parte inferior do fato de proteção biológica quando olhou de relance para a sua assistente. Ela armazenara já o fato e sacudia o cabelo de modo a soltá-lo, e Carson ficou surpreendido por ver, não a *señorita* roliça que ele imaginara existir debaixo do fato azul, mas uma jovem esguia e extremamente bela, com longos cabelos negros, pele castanha e um rosto régio com dois fundos olhos púrpura.

Ela virou-se e surpreendeu o olhar dele.

— Guarde os olhos para si, *cabrón* — disse ela — se não quer que eles acabem como os daqueles chimpanzés lá de dentro.

Atirou a alça da sua carteira sobre o ombro e avançou a passos largos em direção à saída, enquanto os outros que estavam na sala de preparação rompiam em gargalhadas.

h

A sala era octogonal. Cada uma das suas oito paredes erguia-se gravemente em direção a um teto abobadado que se suspendia quinze metros acima, suavemente iluminado por lâmpadas invisíveis. Sete das paredes estavam cobertas por enormes ecrãs de computador planos, apagados naquele mo-

mento. A oitava parede continha uma porta, embutida na parede, pequena, mas extremamente grossa para garantir a insonorização da sala. Embora a sala ficasse no sexagésimo piso acima do porto de Boston, não havia quaisquer janelas nem vistas. O chão estava coberto de uma rara ardósia *mbanga* tanzaniana. As cores constituíam um espectro de cinzentos esbatidos, cinzentos carregados e outros acastanhados.

A parte exterior da porta era feita de uma liga de metal grossa e disposta em faixas. Em vez de um manípulo, havia um identificador de retina *EyeIdentify* e um leitor da geometria da mão *FingerMatrix*. Junto à porta, por baixo de uma luz ultravioleta de esterilização, estava uma fiada de chinelos com sola de espuma, cujos tamanhos estavam impressos em grandes números na parte dos dedos. Debaixo de uma câmara, no alto, que girava incessantemente para cá e para lá, um grande letreiro dizia: FALE SEMPRE EM TOM BAIXO.

Mais para lá ficava um longo corredor mal iluminado que levava até um posto de segurança e um conjunto de elevadores. De cada um dos lados do corredor, uma série de portas fechadas dava para os gabinetes dos seguranças, cozinhas, enfermaria, filtros de ar eletrostáticos, e aposentos para os criados necessários para preencher os diversos requisitos do ocupante da sala octogonal.

A porta mais próxima do Octógono estava aberta. O interior da sala era forrado a cereja, com uma lareira de mármore, um chão de parquê coberto por um tapete persa, e várias pinturas grandes da Hudson River School na parede. No centro da sala estava uma magnífica secretária de mogno e o único mecanismo eletrônico que havia sobre ela era um velho telefone de disco. Uma figura de fato e gravata estava sentada à secretária a escrever numa folha de papel.

No interior da enorme sala octogonal, havia um foco de luz colocado no fecho da abóbada do teto que deixava cair um fio de pura luz branca no centro geométrico da sala. Alinhado com o charco de luz estava um velho sofá ao estilo dos anos de 1970. Os braços estavam enegrecidos pelo uso e pedaços de enchimento saíam para fora do tecido puído. A borda da parte da frente estava segura com fita adesiva prateada. Feio e desgastado como estava, o sofá tinha uma única qualidade essencial: era extremamente confortável.

Duas mesas de apoio baratas e a imitar o antigo montavam guarda de cada lado do sofá. Um grande telefone e diversos dispositivos eletrônicos dentro de caixas de metal polido estavam colocados sobre uma das mesas de apoio, e uma câmara de vídeo, fixada numa das extremidades, estava dirigida ao sofá. A outra mesa estava vazia, mas exibia o legado de inúmeras caixas de piza gordurosas e latas de *Coca-Cola* peganhentas.

Em frente do sofá havia uma grande mesa de trabalho. Cortava a respiração de tão bela, em contraste com o resto do mobiliário. O tampo de madeira de bordo olho-de-perdiz, polida e envernizada fazia ressaltar a sua perfeição fractal. Era cercado por uma orla de pau-santo, negra e pesada, na qual estava embutida uma faixa de noqueira bege fazendo um complexo padrão geométrico. Este padrão mostrava o *naadaa*, o milho sagrado, que estava no centro da religião dos antigos índios Anasazi. As sementes deste milho tinham feito o ocupante da sala um homem muito rico. Havia um único teclado de computador sobre a mesa com uma pequena antena que se projetava do seu flanco.

O resto da vasta sala era clinicamente estéril e vazio, sendo a única exceção um grande instrumento musical, empoleirado na periferia do círculo de luz. Era um pianoforte de seis oitavas e cordas quádruplas, supostamente construído para Beethoven, em 1820, pela firma de Hamburgo de Otto Schachter. A lira e o contorno da caixa de ressonância do piano, de pau-rosa, eram ornamentados com uma cena rococó de ninfas e deuses da água.

Curvada sobre o piano estava uma figura de t-shirt preta, calças de ganga, e chinelos de contas sioux, de cabeça caída e dedos imóveis sobre as teclas de marfim. Ao longo de vários minutos, tudo permaneceu quieto. Depois, o profundo silêncio foi quebrado por um massivo acorde de sétima diminuta, *sforzando*, que se resolveu num melancólico Dó menor: os compassos iniciais da última sonata para piano de Beethoven, Opus 111. O *maestoso* da introdução ergueu-se nas alturas do grande espaço abobadado. A introdução evoluiu para o *allegro con brio ed appassionato*, as primeiras notas do motivo encheram a sala de som, abafando o sinal de chamada de uma ligação por vídeo. O movimento continuou, a figura franzina corcovada sobre o teclado sacudindo o cabelo sujo com o esforço. O sinal soou novamente, sem ter sido ouvido, e, por fim, um enorme ecrã da parede iluminou-se, revelando um rosto manchado de lama e salpicado de chuva.

As notas pararam subitamente e o som do piano rapidamente se desvaneceu. A figura levantou-se, praguejando, batendo com força a tampa do teclado.

— Brent — chamou o rosto. — Estás aí?

Scopes caminhou até ao sofá velho, sentou-se cruzando as pernas e arrastou o teclado do computador para o colo. Digitou alguns comandos, depois levantou os olhos para a enorme imagem no ecrã.

O rosto enlameado pertencia a um homem sentado dentro de um *Range Rover*. Para além da janela molhada pela chuva do veículo ficava uma clareira verde, um corte recente no flanco da selva camaronesa circundante. A clareira era um mar de lama remexida por botas e pneus que lhe

tinham imprimido um aspeto lunar. Troncos escoriados estavam puxados sobre a orla da clareira. A alguns metros do *Range Rover*, várias dezenas de jaulas feitas de tubos e arames estavam amontoadas em frágeis pilhas. Mãos peludas e dedos de pés projetavam-se para fora do arame cruzado, e miseráveis olhos infantis espiavam o mundo lá fora.

— Como tens passado, Rod? — disse Scopes num tom fatigado, virando-se para ficar de frente para a câmara, na extremidade da mesa.

— O tempo está horrível.

— Aqui também está a chover — disse Scopes.

— Sim, sim, mas não se sabe o que é chuva até...

— Há três dias que espero notícias tuas, Falfa — interrompeu Scopes. — Que diabo se está a passar?

O rosto abriu-se num sorriso que procurava agradar.

— Tivemos dificuldades em arranjar combustível para os camiões. Tenho tido uma aldeia inteira por conta, na selva, a um dólar por dia por pessoa, durante as últimas duas semanas. Agora, estão todos ricos e nós temos cinquenta e seis chimpanzés bebés. — Arreganhou um sorriso e limpou o nariz, o que serviu apenas para lhe espalhar mais lama pela cara. Ou talvez não fosse lama.

Scopes afastou o olhar.

— Quero-os no Novo México dentro de seis semanas. Sem uma taxa de mortalidade superior a cinquenta por cento.

— Cinquenta por cento! Isso vai ser difícil — disse Falfa. — Habitualmente...

— Ei, Falfa!

— Perdão?

— Achas que é difícil? Vais ver o que acontece a Rodney P. Falfa se chegarem ao Novo México mais cadáveres do que corpos vivos. Olha para eles, aí sentados debaixo dessa maldita chuva.

Houve um silêncio. Falfa buzinou e um rosto africano surgiu à janela. Falfa entreabriu o vidro uns centímetros, e Scopes ouviu a gritaria desgraçada dos animais que estavam lá atrás.

— Homens caçadores! — dizia Falfa em crioulo. — Tapem-me essa carne, ‘tão a ouvir? Cada carne qui ele deixa morrer, homem caçador fica menos um shilling.

— É quê qui diz? — ouviu-se responder do lado de fora do *Range Rover*. — Patrão jura qui tira...

— Trata do assunto. — Falfa fechou o vidro, deixando as queixas do homem do lado de fora, e virou-se para Scopes com um novo sorriso arreganhado. — Que tal esta ação pronta?

Scopes olhou-o com frieza.

— Patético. Não achas que esses chimpanzés também precisam de ser alimentados?

— Certo. — Falfa buzinou de novo. Scopes carregou num botão, cortando a comunicação vídeo, e recostou-se no sofá. Digitou mais alguns comandos, depois parou. De súbito, praguejando novamente, fez voar o teclado pelos ares. O teclado bateu na parede com um agudo estalo. Uma tecla, solta, matraqueou ao longo do chão polido. Scopes enterrou-se novamente no sofá, imóvel.

Pouco depois, a porta abriu-se com um silvo e um homem alto, talvez na casa dos sessenta, apareceu. Vestia um fato cinzento-escuro, com uma camisa branca engomada, sapatos pontiagudos, e gravata de seda azul. Entre as têmporas grisalhas, dois belos olhos cinzentos enquadravam um pequeno nariz modelado.

— Está tudo bem, Sr. Scopes? — perguntou a figura.

Scopes fez um gesto na direção do teclado.

— O teclado está partido.

A figura sorriu ironicamente.

— Assumo que o Sr. Falfa deu finalmente sinal de vida.

Scopes riu-se, alisando o cabelo desobediente.

— Correto. Aqueles coletores de animais são a forma de vida mais inferior que já encontrei. É uma vergonha que o apetite de Mount Dragon por chimpanzés pareça insaciável.

Spencer Fairley inclinou a cabeça.

— Espero que deixe outra pessoa tratar desses detalhes. Eles parecem perturbá-lo imenso.

Scopes abanou a cabeça.

— Este projeto é demasiado importante.

— Se assim o diz. Posso trazer-lhe alguma coisa, para além de um teclado novo?

Scopes fez um aceno distraído com a mão. Quando Fairley se virou para sair, Scopes repentinamente falou de novo.

— Espere. Afinal, há duas coisas. Viu as notícias no Canal Sete ontem à noite?

— Como sabe, não ligo à televisão, nem a computadores.

— Seu fóssil rabugento de Beacon Hill — disse Scopes afetuosamente. Fairley era a única pessoa da empresa a quem Scopes permitiria que o tratasse por «Sir». — Que faria eu sem si para ver como vive a metade eletronicamente analfabeta? De qualquer forma, ontem à noite no Canal Sete discutiram sobre uma rapariguinha de doze anos que tem leucemia. Ela queria ir à Disneylândia antes de morrer. A porcaria habitual que nos dão no noticiário da noite. Esqueci-me do nome dela. De qualquer modo, arranje maneira

de ela e a família irem à Disneylândia, no jato privado, tudo pago, os melhores hotéis, limusina, tudo isso? E, por favor, mantenha isto estritamente anónimo. Não quero o filho da mãe do Levine a troçar de mim novamente, transformando isto naquilo que não é. Dê-lhes algum dinheiro para ajudar às despesas médicas, digamos, uns cinquenta mil. Parecia gente boa. Deve ser um inferno ter um miúdo a morrer de leucemia. Nem posso imaginar.

— Sim, senhor. É muita bondade sua.

— Lembre-se do que disse Samuel Johnson: «É melhor viver rico do que morrer rico». E lembre-se: é para ser *anónimo*. Nem sequer quero que eles saibam quem fez isto. Certo?

— Compreendido.

— E outra coisa. Ontem, quando estive em Nova Iorque, o cabrão de um táxi quase me passou por cima no cruzamento de Park Avenue com a Quinta.

A expressão de Fairley era inescrutável.

— Isso teria sido uma infelicidade.

— Spencer, sabe o que eu gosto em si? Você é tão peculiar que não consigo dizer se me está a insultar ou a cumprimentar. De qualquer modo, o número do táxi no tejadilho era quatro-A-cinco-seis. Faça com que lhe seja retirada a licença, pode ser? Não quero que o filho da puta passe por cima de alguma avozinha.

— Sim, senhor. — Quando a pequena porta se fechou com um estalido abafado, Scopes levantou-se e, pensativamente, caminhou de novo em direção ao piano.

h

Ao ouvir um sinal sonoro no interior do capacete, Carson, em frente ao ecrã do seu terminal, foi sacudido por um sobressalto. Depois, relaxou de novo. Era apenas o seu terceiro dia no local; presumiu que, um dia, se habituaria ao lembrete das 6 da tarde. Esticou-se, olhando para o laboratório em volta. De Vaca estava na Patologia; ele poderia também dar por terminado o trabalho do dia. Escreveu alguns parágrafos no portátil, detalhando os acontecimentos do dia. Quando ligou o portátil à rede e carregou os ficheiros, não conseguiu reprimir uma sensação de orgulho. Dois dias de trabalho de laboratório e já sabia exatamente o que tinha de ser feito. A familiaridade com as últimas técnicas laboratoriais era a vantagem de que precisara. Agora, restava levar as coisas por diante.

Depois, hesitou. Ao fundo da página, havia um sinal de mensagem a piscar.

John Singer@Exec.Dragon está a chamar.
Prima a tecla de comando para conversar.

Apressadamente, Carson ligou o modo de conversação e chamou Singer. Não ligara à rede durante todo o dia; não havia maneira de saber quando é que Singer pedira para falar com ele.

John Singer@Exec.Dragon está pronto para conversar.
Prima a tecla de comando para continuar.

Como está, Guy?, foram as palavras que surgiram no monitor de Carson.

Bem, escreveu Carson. Acabei de ver a sua chamada.

Deve habituar-se a deixar o portátil ligado à rede durante todo o tempo que estiver no laboratório. Pode referir isso também à Susana. Pode dispensar-me alguns instantes depois do jantar? Há um assunto que precisamos de discutir.

É só dizer a hora e o local, escreveu Carson.

Que tal às nove, na cantina? Até lá.

Interrogando-se sobre o que queria Singer, Carson fez menção de desligar a rede. O computador respondeu:

Existe uma mensagem nova não lida.
Quer lê-la agora (S/N)?

Carson mudou para o sistema de mensagens eletrónicas da GeneDyne e fez aparecer a mensagem. *Provavelmente é uma mensagem anterior de Singer, perguntando-se sobre onde estou*, pensou ele.

*Olá, Guy. Estou contente por vê-lo no seu lugar e a trabalhar. Gosto do que fez com o protocolo. Tem o sabor de um triunfo. Mas lembre-se de uma coisa: Frank Burt foi o melhor cientista que alguma vez conheci, e este problema levou a melhor sobre ele. Por isso, não se arme em convencido, está bem? Sei que vai conseguir, para bem da GeneDyne, Guy.
Brent.*

h

Uns minutos depois das nove, Carson serviu-se de um copo de *Jim Beam* da cantina do bar e atravessou as portas de vidro até à plataforma de observação que ficava para além dela. Ao princípio da noite, a cantina — com a sua atmosfera confortável de café e os tabuleiros de gamão e xadrez — era o paradeiro favorito das pessoas que trabalhavam nos laboratórios. Mas agora estava quase deserta. O vento acalmara e o calor do dia abrandara. A plataforma estava vazia, e ele escolheu um lugar longe da branca imensidão do edifício. Saboreou o travo fumado do *bourbon* — bebido sem gelo, um gosto que desenvolvera deste os tempos em que bebia o coquetel do jantar de uma garrafa de bolso diante de uma fogueira, no rancho — e observou os restos do pôr-do-sol sobre as longínquas Montanhas de San Cristóbal. Para nordeste e para este, o céu ainda apresentava vestígios de uma sumptuosa tonalidade rosa-pérola.

Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos por um momento, inspirando o aroma acre do ar do deserto, arrefecido pelo pôr-do-sol: um misto de chaparraís, poeira e sal. Antes de ter ido para leste, apenas dera conta desse odor depois de uma chuvada. Mas agora era como algo de novo para ele. Abriu novamente os olhos e olhou para a vasta cúpula de céu noturno, manchado do brilho das estrelas já visíveis por cima da sua cabeça: Escorpião, nítido e brilhante, a sul, o Cisne mesmo por cima de si, a Via Látea formando um arco sobre tudo o resto.

A fragrância cativante da noite do deserto, combinada com as estrelas familiares, trazia-lhe à mente um cento de recordações. Sorveu a bebida, pensativamente. Afastou os pensamentos quando ouviu o som de passos. Vinham de um dos caminhos para além da cantina e Carson presumiu que fosse Singer a aproximar-se, vindo do complexo residencial. Mas a figura que surgiu silenciosamente das sombras não era baixa nem atarracada, mas teria mais de um metro e oitenta e estava impecavelmente vestida de fato. Trazia um chapéu colonial incongruentemente pousado sobre o cabelo, que parecia ser cinzento-metálico à luz fria das lâmpadas de sódio do caminho. Um rabo-de-cavalo caía entre as suas omoplatas. Se o homem viu Carson, não deu nenhum sinal disso, continuando para lá do varandim formado pela plataforma, em direção à praça central de pedra calcária.

Ouviu um baque atrás de si e depois Carson escutou a voz de Singer.

— Belo pôr-do-sol, não é? — disse o diretor. — Por mais que odeie isto durante o dia, a noite compensa. Quase. — Avançou com uma caneca de café fumegante numa mão.

— Quem é aquela? — Carson indicou com um aceno de cabeça a figura que desaparecia.

Singer perscrutou a noite e troçou.

— *Aquele* é Nye, o diretor da segurança.

— Então aquele é Nye — disse Carson. — Que história é a dele? Quer dizer, ele parece um pouco deslocado aqui, com aquele atavio de fato-e-chapéu-de-safari.

— Deslocado não é a palavra certa. Acho que ele parece ridículo. Mas aconselho-o a não arranjar complicações com ele. — Singer puxou uma cadeira para junto de Carson e sentou-se. — Ele trabalhava no Complexo Nuclear de Windermere, no Reino Unido. Lembra-se desse acidente? Falou-se numa sabotagem feita por um funcionário e, de algum modo, Nye, como diretor da segurança, tornou-se o bode expiatório. Ninguém lhe queria tocar depois disso e teve de arranjar emprego algures no Médio Oriente. Mas Brent tem ideias muito peculiares sobre as pessoas. Calculou que o homem, sempre muito rigoroso, seria hipercuidadoso depois do que aconteceu, pelo que o contratou para a GeneDyne Britânica. Demonstrou ser um fanático tão grande em matéria de segurança que Brent trouxe-o para cá logo no início. Está aqui desde sempre. Nunca sai. Bem, isso não é exatamente verdade. Aos fins de semana, desaparece frequentemente para fazer longas viagens pelo deserto. Por vezes, até fica fora de um dia para o outro, uma verdadeira impossibilidade por estes sítios. Scopes sabe, claro, mas não parece importar-se.

— Talvez goste da paisagem — disse Carson.

— Francamente, ele assusta-me. Durante a semana, todo o pessoal da segurança morre de medo dele. Exceto Mike Marr, o seu assistente. Parecem ser amigos. Mas suponho que instalações como as nossas precisem de um Capitão Bligh como diretor da segurança.

Olhou para Carson por um instante.

— Acho que irritou Rosalind Brandon-Smith um bom bocado.

Carson olhou para Singer. O diretor estava de novo a sorrir e havia um brilho bem-humorado nos seus olhos.

— Carreguei no botão errado do intercomunicador — disse Carson.

— Foi o que eu percebi. Ela apresentou uma queixa.

Carson endireitou-se na cadeira.

— Uma queixa?

— Não se preocupe — disse Singer, baixando o tom de voz. — Acabou de entrar num clube que me inclui a mim e a quase todos os outros que aqui estão. Mas a formalidade exige que a discutamos. Esta é a minha versão de uma repreensão. Mais uma bebida? — Piscou um olho. — Devo referir, porém, que Brent valoriza muito a harmonia na equipa. Poderá querer pedir desculpa.

— Eu? — Carson sentiu a mostarda subir-lhe ao nariz. — Eu é que deveria apresentar uma queixa.

Singer riu-se e levantou uma mão.

— Mostre primeiro provas, depois pode apresentar as queixas que quiser. — Pôs-se de pé e foi até à balaustrada. — Calculo que já tenha passado os olhos pelo registo diário de Burt.

— Ontem de manhã — disse Carson. — É uma leitura tremenda.

— Sim, é — disse Singer. — Uma leitura com um final trágico. Mas espero que lhe tenha dado uma indicação sobre o género de homem que ele era. Éramos muito chegados. Li aquelas anotações depois de ele ter saído, tentando perceber o que acontecera. — Carson sentiu uma tristeza autêntica na sua voz.

Singer bebericou mais um pouco de café e olhou para a imensidão do deserto.

— Isto não é um lugar normal, nós não somos pessoas normais e este não é um projeto normal. Temos aqui geneticistas de nível mundial a trabalhar num projeto de valor científico incalculável. Pensar-se-ia que as pessoas estão preocupadas com coisas elevadas. Não é assim. Não acreditaria no género de mesquinhez absoluta que pode existir aqui. Burt era capaz de se elevar acima disso. Espero que você também seja.

— Farei todos os possíveis. — Carson pensou no seu temperamento; teria de o controlar se queria sobreviver em Mount Dragon. Sem querer, fizera já dois inimigos.

— Teve notícias de Brent? — perguntou Singer, quase casualmente.

Carson hesitou, perguntando-se se Singer vira o *e-mail* que lhe fora enviado.

— Sim — disse ele.

— Que disse ele?

— Deu-me palavras de encorajamento, avisando-me para não ser convencido.

— É mesmo coisa de Brent. Ele é um administrador executivo que mete as mãos na massa, e o X-FLU é o seu projeto de estimação. Espero que goste de trabalhar numa casa com paredes de vidro. — Tomou mais um gole de café. — E o problema do revestimento de proteína?

— Acho que estou quase lá.

Singer virou-se e olhou-o inquisitivamente.

— Que quer dizer com isso?

Carson levantou-se e juntou-se ao diretor na balaustrada.

— Bem, passei a tarde de ontem a fazer as minhas próprias extrapolações das notas do Dr. Burt. Foi muito mais fácil ver os padrões de sucesso e de fracasso assim que os separei do resto dos escritos dele. O Dr. Burt,

antes de ter perdido a esperança e ter começado a desinteressar-se, esteve muito perto. Descobriu os recetores ativos do vírus X-FLU que o tornavam letal, e descobriu também a combinação de genes que codifica os polipeptídeos causadores da sobreprodução do líquido cefalorraquidiano. O trabalho difícil estava todo feito. Há uma técnica do ADN recombinante que desenvolvi para a minha dissertação que utiliza um certo comprimento de onda de luz ultravioleta distante. A única coisa que temos de fazer é eliminar as sequências do gene letal com uma enzima especial que é ativada pela luz ultravioleta, recombinar o ADN, e está feito. Todas as gerações seguintes do vírus serão inofensivas.

— Mas ainda não está feito — disse Singer.

— Fi-lo pelo menos um cento de vezes. Não neste vírus, claro, mas noutros. O Dr. Burt não teve acesso a esta técnica. Estava a usar um método de colagem de genes mais antigo que era um pouco grosseiro, em comparação.

— Quem tem conhecimento disto?

— Ninguém. Apenas esbocei o protocolo, nem realmente o testei ainda. Mas não consigo pensar em nenhuma razão para ele não funcionar.

O diretor fitava-o, imóvel. Depois, repentinamente, avançou para ele, tomou a mão direita de Carson entre as suas e esmagou-a num entusiástico aperto.

— Isso é fantástico! — disse ele com excitação. — Parabéns.

Carson retrocedeu um passo e encostou-se à balastrada, um pouco embaraçado.

— É ainda muito cedo para isso — disse ele. Começou a perguntar-se se deveria ter mencionado o seu otimismo a Singer tão cedo.

Mas Singer não lhe estava a dar ouvidos.

— Tenho de enviar imediatamente um *e-mail* a Brent para lhe dar a novidade — disse ele.

Carson abriu a boca para protestar, depois fechou-a outra vez. Ainda nessa mesma tarde, Scopes o avisara para não ser convencido. Mas sabia, por instinto, que o procedimento funcionaria. A sua pesquisa para a dissertação provara-o inúmeras vezes. E o entusiasmo de Singer era uma mudança agradável em relação ao sarcasmo de Brandon-Smith e ao profissionalismo brusco de de Vaca. Carson deu por si a simpatizar com Singer, com aquele professor californiano, calvo, gordo e bem-humorado. Não era nada burocrata e era tão franco, para variar. Bebeu outro gole de *bourbon* e olhou em volta, o olhar iluminado ao ver a velha guitarra *Martin* de Singer.

— Toca? — perguntou ele.

— Tendo — disse Singer. — Sobretudo *bluegrass*.

— Então foi por isso que me perguntou sobre o banjo — disse Carson. — Fiquei vidrado a ouvir tocar nos cafés de Cambridge. Toco bastante mal, mas divirto-me a assassinar as obras sagradas de Scruggs, Reno, Keith e outros deuses do banjo.

— Raios me partam! — disse Singer, abrindo-se num sorriso. — Também ando às voltas com as primeiras coisas de Flatt e Scruggs. Sabe, «Shuckin' the Corn», «Foggy Mountain Special», esse tipo de coisas. Havemos de as massacrar em conjunto. Às vezes sento-me aqui fora quando o Sol se põe e vou tocando. Para consternação de toda a gente, claro. É uma das razões pela qual a cantina está tão deserta a esta hora da noite.

Os dois homens ergueram-se. A noite ficara mais escura e o fresco instalara-se no ar. Para lá da balaustrada, Carson ouvia os ruídos que vinham dos lados do complexo residencial: passos, pedaços de conversa dispersos, risos ocasionais.

Entraram na cantina, um casulo de luz e calor na noite do vasto deserto.

h

Charles Levine deteve-se em frente do Ritz Carlton com o tubo de escape do seu *Ford Festiva* de 1980 a matraquear ao reduzir as mudanças junto da larga escadaria do hotel. O porteiro aproximou-se com uma lentidão insolente, mostrando claramente que achava o carro — e quem estivesse dentro dele — detestável.

Sem prestar atenção, Charles Levine saiu, parando sobre os degraus atapetados de vermelho para tirar uma quantidade generosa de pelos de cão do seu smoking. O cão morrera havia dois meses, mas os pelos continuavam por todo o lado no carro.

Levine subiu os degraus. Um outro porteiro abriu as portas de vidro douradas e o som de um quarteto de cordas veio graciosamente a flutuar ao seu encontro. Levine entrou e ficou por um momento a pestanejar sob as luzes brilhantes do átrio do hotel. Depois, subitamente, um grupo de repórteres juntou-se à sua volta e uma barragem de flashes explodiu de todos os lados.

— Que é isto? — perguntou Levine.

Localizando-o com o olhar, Toni Wheeler, a consultora de comunicação da fundação de Levine, aproximou-se apressadamente. Afastando um repórter do caminho com uma cotovelada, pegou no braço de Levine. Wheeler

tinha um cabelo castanho rigorosamente penteado e um fato saia e casaco extremamente modelado, com todo o ar de uma profissional de relações públicas: cheia de atitude, graciosa e implacável.

— Desculpe, Charles — disse ela rapidamente. — Quis dizer-lhe, mas não o conseguimos encontrar em lado nenhum. Há novidades extremamente importantes. A GeneDyne...

Levine vislumbrou um repórter que reconheceu e o rosto abriu-se-lhe num grande sorriso.

— Boa-noite, Artie! — gritou ele, libertando-se de Wheeler e erguendo as mãos. — Gosto de ver o Quarto Estado tão ativo. Um de cada vez, por favor! E, Toni, diga-lhes para pararem a música por um instante.

— Charles — urgiu Wheeler. — Escute, por favor. Acabei de saber que...

Foi abafada pelas perguntas dos repórteres.

— Professor Levine! — começou um deles a dizer. — É verdade que...

— *Eu* escolho quem faz as perguntas — interrompeu Levine. — Agora, peço silêncio a todos. Você — disse ele, apontando para uma mulher que estava à sua frente. — Começa você.

— Professor Levine — chamou a repórter. — Pode falar sobre as acusações feitas à GeneDyne no último número de *Política Genética*? Diz-se que o senhor tem uma guerra pessoal com Brentwood Scopes...

De repente, Wheeler falou, com uma voz cortante e gelada.

— Um momento — disse ela com vivacidade. — Esta conferência de imprensa é sobre o prémio em Memória do Holocausto que o Professor Levine está prestes a receber e não sobre a controvérsia sobre a GeneDyne.

— Por favor, professor! — gritou um repórter, sem prestar atenção.

Levine apontou para outra pessoa.

— Você, Stephen, você rapou aquele magnífico bigode. Foi um engano de ordem estética da sua parte.

Uma onda de gargalhadas sacudiu a multidão.

— A mulher não gostava dele, professor. Fazia cócegas na...

— Já ouvi o suficiente, muito obrigado. — Houve mais risos. Levine ergueu uma mão.

— Qual é a sua pergunta?

— Scopes chamou-lhe, e cito, «um fanático perigoso, uma inquisição de um só homem contra o milagre médico da engenharia genética». Quer comentar?

Levine sorriu.

— Sim. O Sr. Scopes sempre teve jeito para as palavras. Mas isso é

tudo. Palavras, cheias de som e de fúria... Todos sabem como essa frase termina¹¹.

— Ele disse também que o senhor está a tentar privar inúmeras pessoas dos benefícios médicos desta nova ciência. Como a cura para a doença de Tay-Sachs, por exemplo.

Levine ergueu de novo a mão no ar.

— Isso é uma acusação mais grave. Não sou necessariamente contra a engenharia genética. Estou é contra a *terapia com células estaminais*. Sabem que o corpo tem dois tipos de células, células somáticas e células estaminais ou germinativas. As células somáticas morrem com o corpo. As células estaminais, as células reprodutivas, vivem para sempre.

— Não tenho a certeza de ter compreendido...

— Deixe-me terminar. Com a engenharia genética, se alterarmos o ADN das células somáticas de uma pessoa, a alteração morre com o corpo. Mas se alterarmos o ADN das células estaminais de alguém, por outras palavras, o óvulo ou os espermatozoides, a alteração vai ser herdada pelos filhos dessa pessoa. *Ter-se-á alterado o ADN da raça humana para sempre*. Compreende o que isso significa? As alterações das células estaminais são passadas às gerações futuras. Isso é uma tentativa de alterar aquilo que faz de nós humanos. E há relatórios que dizem que isso é o que a GeneDyne está a fazer nas suas instalações de Mount Dragon.

— Professor, ainda não estou certo de que compreendo por que razão isso seria assim tão mau...

Levine lançou as mãos ao ar, fazendo com que o laço ficasse seriamente torto.

— É o eugenismo de Hitler de novo! Esta noite, vou receber um prémio pelo trabalho que fiz para manter viva a memória do Holocausto. Nasci num campo de concentração. O meu pai morreu vítima das experiências cruéis de Mengele. Conheço, em primeira mão, os malefícios da má ciência. Estou a tentar impedir que todos vós os conheçam também em primeira mão. Escutem, uma coisa é descobrir a cura para a Tay-Sachs ou a hemofilia. Mas a GeneDyne está a ir mais longe. Estão empenhados em «melhorar» a raça humana. Vão arranjar forma de nos tornar mais esper-tos, mais altos, mais bonitos. Não conseguem ver o mal que há nisto? Isto é pisar onde a humanidade nunca deveria pisar. É profundamente errado.

— Mas, professor!

Levine riu entre dentes e apontou.

¹¹ William Shakespeare, *Macbeth*, Ato V, Cena V: «A tale / Told by an idiot, full of sound and fury, / Signifying nothing» (uma história / contada por um idiota, cheia de som e de fúria, / que nada significa). [N. do T.]

— Fred, é melhor deixá-lo colocar uma questão antes que fique com uma cãibra no braço.

— Dr. Levine, está sempre a dizer que não existe suficiente regulamentação governamental no campo de engenharia genética. E a FDA¹²?

Levine franziu o sobrolho com impaciência, abanando a cabeça.

— A FDA nem sequer exige a aprovação da maior parte dos produtos geneticamente modificados. Nas prateleiras dos nossos supermercados existe tomate, leite, morangos e, claro, milho X-RUST, todos eles geneticamente modificados. Com que cuidados supõe que eles foram testados? Não é melhor no campo da investigação médica. Empresas como a GeneDyne podem fazer praticamente o que lhes apetece. Estas empresas de engenharia genética estão a colocar genes *humanos* em porcos, em ratos e até em bactérias! Estão a misturar o ADN de plantas e animais, criando novas formas de vida monstruosas. A qualquer momento, poderão, acidentalmente — ou deliberadamente — criar um novo vírus patogénico capaz de erradicar a raça humana. A engenharia genética é de longe a coisa mais perigosa que a humanidade jamais fez. Isto é infinitamente mais perigoso do que armas nucleares. E ninguém está a dar importância.

Os gritos recomeçaram e Levine apontou para um repórter junto à linha da frente da multidão.

— Só mais uma pergunta. Você, Murray, adorei o seu artigo sobre a NASA no *Globe* da semana passada.

— Tenho uma pergunta cuja resposta tenho a certeza todos estarão à espera de ouvir. Qual é a sensação?

— Qual é a sensação?

— De o senhor e Harvard terem sido processados pela GeneDyne em que esta pede duzentos milhões de dólares e exige a revogação do alvará da sua fundação.

Seguiu-se um curto e súbito silêncio. Levine pestanejou duas vezes e todos compreenderam que Levine não tomara conhecimento daquele desenvolvimento.

— Duzentos milhões? — perguntou ele, um pouco debilmente.

Toni Wheeler adiantou-se.

— Dr. Levine — sussurrou ela. — Era isto que eu estava...

Levine fitou-a por instantes, colocando-lhe a mão no ombro para ela parar.

— Talvez seja altura de dizer tudo, afinal — disse ele baixinho. Depois, virou-se de novo para o ajuntamento. — Deixem-me dizer-lhes umas quantas coisas que não sabem sobre Brent Scopes e a GeneDyne.

¹² *Food and Drug Administration*. [N. do T.]

Provavelmente, sabem todos a história de como o Sr. Scopes construiu o seu império farmacêutico. Ele e eu éramos estudantes da Universidade da Califórnia, Irvine. Éramos... — Fez uma pausa. — Amigos chegados. Numas férias ele foi sozinho à boleia ao Parque Nacional dos Desfiladeiros. Regressou com uma mancheia de sementes de milho que descobrira numas ruínas anasazi. Consegui que germinassem com êxito. Depois descobriu que aquelas sementes pré-históricas eram imunes à doença devastadora conhecida como ferrugem do milho. Isolou com êxito o gene da imunidade e colou-o numa semente moderna a que chamou X-RUST. É uma história lendária; tenho a certeza que a podem ler na *Forbes*.

»Mas essa história não se passou bem assim. Compreendem, Brent Scopes não fez tudo isso sozinho. *Fizemo-lo em conjunto*. Eu ajudei-o a isolar o gene e a colá-lo no híbrido moderno. Foi uma realização conjunta, e submetemos junto a patente.

»Mas então tivemos uma querela. Brent Scopes queria explorar a patente, fazer dinheiro com ela. Eu, por outro lado, queria dá-la ao mundo gratuitamente. Nós... bem, vamos dizer apenas que Scopes ganhou.

— Como? — urgiu uma voz.

— Isso não é importante — disse muito bruscamente Levine. — A questão é que Scopes abandonou a faculdade e utilizou os rendimentos dos direitos para fundar a GeneDyne. Eu recusei ter alguma coisa a ver com isso: com o dinheiro, a empresa, tudo. A mim sempre me pareceu uma exploração da pior espécie.

»Mas, dentro de menos de três meses, a patente do híbrido X-RUST vai expirar. Para que a GeneDyne a mantenha, a renovação tem de ser assinada por duas pessoas; eu próprio e o Sr. Scopes. Eu não assinarei a renovação da patente. Nenhum montante de suborno ou de ameaças mudará o meu espírito. Quando ela expirar, o milho resistente à ferrugem cairá no domínio público. Tornar-se-á propriedade do mundo. Os vultuosos direitos que a GeneDyne recebe todos os anos terminarão. O Sr. Scopes sabe disto, mas não estou certo de que os mercados financeiros saibam. Talvez seja tempo de os analistas darem uma vista de olhos pelo rácio P/L das ações da GeneDyne. Em qualquer caso, creio que este processo legal tenha realmente a ver com o meu recente artigo na *Política Genética*. É a forma de Brent me pressionar para assinar aquela renovação da patente.

Houve um breve silêncio, e um súbito tumulto de vozes.

— Mas, Dr. Levine! — disse uma voz, soando por cima da multidão. — Ainda não disse o que planeia fazer em relação ao processo.

Por um instante, Levine não disse nada. Depois, abriu a boca e desatou a rir; um riso com vontade, cheio, que chegava ao outro lado do átrio.

Finalmente, abanou a cabeça como quem não acredita, tirou um lenço e assoou-se.

— Qual é a resposta, professor? — instou o repórter.

— Acabei de lhe dar a minha resposta — disse Levine, guardando o lenço. — E, agora, creio que tenho um prémio para receber. — Acenou aos repórteres com um último sorriso, tomou o braço de Toni Wheeler, e atravessou o átrio em direção às portas abertas da sala de banquetes.

h

Carson estava junto de uma mesa de bioprofilaxia, no Laboratório C. O laboratório era estreito, atravancado, e a iluminação era quase dolorosa de tão brilhante. Ele estava a aprender muito rapidamente os inúmeros incómodos, pequenos e grandes, de trabalhar num ambiente contra riscos biológicos: as assaduras que apareciam onde o interior do fato raspava na pele nua; a incapacidade de se sentar confortavelmente; a tensão muscular que surgia após horas de movimentos lentos e cautelosos.

O pior de tudo era a crescente sensação de claustrofobia. Sempre tivera um pouco dessa sensação — presumia que ter crescido em espaços abertos, no deserto, o tornara suscetível — e aquele era o género de ambiente comprimido que não conseguia suportar. Enquanto trabalhava, a recordação da sua primeira viagem aterradora num elevador do hospital de Sacramento não parava de lhe vir à memória, em conjunto com as três horas que uma vez passara num comboio de metropolitano avariado por baixo de Boylston Street. Os exercícios relativos aos procedimentos de segurança do Tanque da Febre constituíam um lembrete regular de quão perigoso era aquele meio, assim como os rumores frequentes acerca de uma «trapalhice terminal»: o temido acidente que um dia poderia contaminar o laboratório e todos os que lá trabalhavam. Pelo menos, pensava Carson, ele não estaria confinado ao Tanque da Febre durante muito mais tempo. Desde que, claro, a colagem do gene funcionasse.

E ela funcionara perfeitamente. Fizera-a muitas vezes, no MIT, mas isso fora diferente. Aquilo não era uma qualquer experiência para uma dissertação; estava envolvido num projeto que poderia salvar inúmeras vidas e, talvez, lhes valesse o Prémio Nobel. E tinha acesso a equipamento muito melhor do que até no mais bem equipado laboratório do MIT.

Fora fácil. De facto, fora um estalar de dedos.

Murmurou algumas palavras a de Vaca e ela colocou um único tubo de ensaio na câmara bioprofilática. No fundo do tubo, o vírus X-FLU

cristalizado formou uma crosta branca. Apesar das complicadas medidas de segurança que constroem todos os seus movimentos, Carson ainda tinha dificuldade em compreender que aquela película fina de uma substância branca era terrivelmente letal. Fazendo deslizar as mãos para o interior da câmara através das aberturas de borracha, pegou numa seringa, encheu-a com uma medida de transporte viral média, e girou o tubo com suavidade. A massa cristalizada quebrou-se suavemente e dissolveu-se, formando uma solução turva de partículas vivas de vírus.

— Dê uma olhadela — disse ele a de Vaca. — Isto vai tornar-nos famosos a todos.

— Pois sim — disse de Vaca. — Se não nos matar primeiro.

— Isso é ridículo. Este é o laboratório mais seguro do mundo.

De Vaca abanou a cabeça.

— Tenho maus pressentimentos por trabalhar com um vírus tão letal como este. Os acidentes podem acontecer em qualquer sítio.

— Como o quê?

— Como por exemplo se Burt se tivesse tornado homicida em vez de ficar stressado? Poderia ter roubado uma proveta com esta merda e... bem, não estaríamos aqui hoje, posso garantir.

Carson olhou-a por um momento, pensou numa resposta, depois arquivou-a. Estava rapidamente a aprender que gastar argumentos com de Vaca era sempre uma perda de tempo. Desconectou a mangueira de ar.

— Vamos levar isto ao Zoo.

Carson alertou o técnico médico e Fillson, o tratador dos animais, pelo intercomunicador global, e iniciaram a lenta viagem pelo corredor estreito.

Fillson recebeu-os fora da zona de clausura, fitando Carson demoradamente através do visor como se estivesse aborrecido por o fazerem trabalhar. Quando a porta se abriu, os animais começaram a sua penosa gritaria e batida, e os dedos castanhos cheios de pelo encaracolavam-se para fora da rede metálicas das jaulas.

Fillson caminhou ao longo da fila de jaulas com uma vara, batendo nos dedos à vista. A gritaria aumentou, mas a ação da vara teve o efeito desejado e os dedos desapareceram todos no interior das jaulas.

— Ui — disse de Vaca.

Fillson parou e olhou para ela.

— Perdão? — perguntou ele.

— Disse «ui». Você bateu com toda a força naqueles dedos.

Aha, pensou Carson, *cá vamos nós*.

Fillson fixou-a por uns instantes, com o seu húmido lábio inferior a mover-se ligeiramente por trás do visor. Depois afastou-se. Entrou

no gabinete e retirou de lá o mesmo pulverizador que Carson o vira usar anteriormente, arrastou-se até uma jaula e dirigiu o *spray* lá para dentro. Esperou uns minutos para que o sedativo fizesse efeito, depois destrancou a porta da jaula e removeu cuidadosamente o atordoado ocupante.

Carson avançou para ver. Era uma jovem fêmea. Deu um guincho e olhou para Carson mal conseguindo abrir os olhos atarrados, semiparalisada pela droga. Fillson prendeu-a a uma pequena maca e empurrou-a até uma câmara adjacente. Carson fez um aceno de cabeça a de Vaca, que entregou o tubo de ensaio ao técnico, dentro de um invólucro *Mylar*, à prova de choque.

— Os habituais dez centímetros cúbicos? — perguntou o técnico.

— Sim — disse Carson. Era a primeira vez que dirigia uma inoculação e sentiu um misto estranho de antecipação, remorso e culpa. Indo até à câmara seguinte, observou, enquanto o técnico rapava uma pequena área no antebraço do animal e a esfregava vigorosamente com *Betadine*. O chimpanzé observou o processo sonolentamente, depois virou-se e pestanejou para Carson. Carson desviou o olhar.

Silenciosamente, Rosalind Brandon-Smith juntou-se-lhes, fazendo um largo sorriso a Fillson antes de se virar, com cara de pau, para Carson. Uma das suas responsabilidades era seguir os chimpanzés inoculados e autopsiar os que morriam com edema. Até ali, tanto quanto Carson sabia, o rácio entre inoculações e mortes era 1:1.

O chimpanzé não se esquivou quando a agulha deslizou.

— Tem a noção de que precisa de inocular dois chimpanzés — disse a voz de Brandon-Smith, soando nos auscultadores de Carson. — Macho e fêmea.

Carson assentiu sem olhar para ela. O chimpanzé fêmea foi transportado de novo para o Zoo e Fillson em breve voltou com um macho. Era ainda mais pequeno, ainda mais novo, com uma curiosa cara de mocho.

— Jesus Cristo — disse de Vaca. — Não é preciso mais para nos partir o coração, não é?

Fillson olhou para ela penetrantemente.

— Não antropomorfize. São apenas animais.

— Apenas animais — murmurou de Vaca. — Também nós somos, Sr. Fillson.

— Estes dois vão viver — disse Carson. — Tenho a certeza disso.

— Desculpe desapontá-lo, Carson — disse Brandon-Smith, com um ronco. — Mesmo se o seu vírus neutralizado funcionar, serão mortos e autopsiados na mesma. — Cruzou os braços e olhou para Carson, que retribuiu com um sorriso.

Carson olhou para de Vaca de relance. Viu um rubor de ira a formar-se-lhe no rosto — um ar que se estava a tornar demasiado familiar para ele. Mas ela permaneceu em silêncio.

O técnico fez deslizar a agulha no braço do chimpanzé macho e, suavemente, injetou-lhe os dez centímetros cúbicos do vírus X-FLU. Retirou a agulha, comprimiu um pedaço de algodão sobre o local, depois prendeu o algodão ao braço com fita adesiva.

— Quando saberemos? — perguntou Carson.

— Os chimpanzés podem levar até duas semanas a desenvolverem sintomas — disse Brandon-Smith — embora muitas vezes aconteça mais depressa. Tiramos sangue de doze em doze horas, e os anticorpos normalmente aparecem no prazo de uma semana. Os chimpanzés infetados vão diretamente para a zona de quarentena animal, por trás do Zoo.

Carson assentiu.

— Mantém-me informado? — perguntou ele.

— Certamente — disse Brandon-Smith. — Mas se fosse a si, não ficaria à espera dos resultados. Assumiria que foi um fracasso e agiria em conformidade. De outro modo, vai perder uma porção de tempo.

Abandonou a sala. Carson e de Vaca desprenderam as mangueiras e seguiram-na pela comporta de volta à sua zona.

— Meu Deus, que idiota — disse de Vaca quando entraram no Laboratório C.

— Qual deles? — perguntou Carson. Ver a inoculação e ouvir o sarcasmo de Brandon-Smith deixaram-no com uma disposição irritadiça.

— Não estou certa de termos direito a tratar os animais assim — disse de Vaca. — Pergunto-me se aquelas jaulas minúsculas cumprem as regulamentações federais.

— Poderá não ser agradável — disse Carson — mas vai salvar milhões de vidas. É um mal necessário.

— Pergunto-me se Scopes estará realmente interessado em salvar vidas. Parece-me a mim que ele está mais interessado em *dinero*. *Mucho dinero*. — Esfregou os dedos enluvados uns nos outros.

Carson ignorou-a. Se ela queria conversar daquela maneira por um canal de comunicação monitorizado e fazer com que a despedissem, era com ela. Talvez a assistente seguinte fosse um pouco mais amigável.

Abriu a imagem de um polipéptido de X-FLU e fê-la rodar no monitor do computador, tentando pensar noutras formas de o poder neutralizar. Mas era difícil concentrar-se quando estava convencido de que já resolvera o problema.

De Vaca abriu uma autoclave e começou a tirar provetas e tubos de ensaio, arrumando-os na outra extremidade do laboratório. Carson

examinou mais profundamente a estrutura terciária do polipéptido, feito de milhares de aminoácidos. *Se eu conseguisse cortar estas ligações sulfurosas, ali*, pensou ele, *poderíamos desenrolar o grupo lateral ativo, tornando o vírus inofensivo*. Mas Burt também teria pensado nisso. Limpou o monitor e abriu a informação dos seus testes de difração por raios-X do invólucro de proteína. Não havia mais nada que pudesse ser feito. Permitiu-se pensar, apenas por breves instantes, nos elogios; na promoção; na admiração de Scopes.

— Scopes é esperto — continuou de Vaca — dando-nos ações da empresa a todos. Abafa as discordâncias. Joga com a ganância das pessoas. Toda a gente quer ficar rica. Sempre que deparamos com uma grande corporação multinacional como esta...

Com a sua fantasia tão rudemente esvaziada, Carson virou-se para ela.

— Se está tão contra isto — vociferou ele pelo intercomunicador — por que raio de razão está aqui?

— Para começar, não sabia onde me iriam pôr a trabalhar. Supostamente, deveria estar adstrita à parte médica, mas transferiram-me quando a assistente de Burt se foi embora. Depois, estou a colocar dinheiro numa clínica de saúde mental que quero começar em Albuquerque. No *barrio*.

Sublinhou a palavra *barrio*, fazendo rolar os «rr» na língua no seu bom espanhol do México, o que Carson achou ainda mais irritante, como se ela estivesse a exibir a sua capacidade de falar as duas línguas. Ele poderia falar razoavelmente um espanhol *pochó*¹³, mas não estava disposto a tentar, dando-lhe a ela uma oportunidade para o ridicularizar.

— Que sabe sobre saúde mental? — perguntou ele.

— Frequentei medicina durante dois anos — disse de Vaca. — Andei a estudar para ser psiquiatra.

— Que aconteceu?

— Tive de abandonar. Não conseguia aguentar financeiramente.

Carson pensou naquilo por um momento. Era tempo de chamar aquela cabra à pedra.

— Tretas — disse ele.

Houve um silêncio carregado de eletricidade.

— Tretas, *cabrón*? — Ela aproximou-se.

— Sim, tretas. Com um nome como Cabeza de Vaca, poderia ter arranjado até uma bolsa. Alguma vez ouviu falar de atitude de afirmação?

¹³ Termo que designa, de forma depreciativa, o espanhol dos Hispânicos, nomeadamente Mexicanos, que deixaram de ser fluentes na língua, introduzindo-lhe muitas palavras e expressões inglesas. [N. do T.]

Houve um longo silêncio.

— Pus o meu marido a frequentar medicina — disse de Vaca ferozmente. — E quando chegou a minha vez, ele divorciou-se de mim, o *canalla*. Perdi mais do que um semestre, e quando se anda em medicina... — Ela interrompeu-se. — Não sei porque me dou ao trabalho de me defender perante si.

Carson estava em silêncio, já arrependido de se ter permitido, uma vez mais, deixar-se arrastar para uma discussão.

— Sim, sim, poderia ter arranjado uma bolsa, mas não por causa do meu nome. Porque tive quinze em cada uma das três secções do meu exame de admissão à Faculdade de Medicina. Idiota.

Carson não acreditou em notas tão certas e perfeitas, mas lutou para se manter de boca fechada.

— Então pensa que eu sou apenas uma pobre *chola*¹⁴ estúpida que precisa de um apelido espanhol para entrar na Faculdade de Medicina?

Merda, pensou Carson, *por que raio comecei eu isto?* Virou-se novamente para o seu terminal, esperando que, ao ignorá-la, ela se iria embora.

De súbito, sentiu uma mão apertar-lhe o fato, torcendo uma mancha de borracha numa bola.

— Responde-me, *cabrón*.

Carson ergueu um braço em protesto quando a pressão dentro do seu fato azul aumentou.

A figura enorme de Brandon-Smith avolumou-se na ombreira da comporta e uma áspera risada soou como o ladrar de um cão através do intercomunicador.

— Perdoem-me por interromper os dois pombinhos, mas queria apenas que soubessem que aqueles chimpanzés A-vinte-e-dois e Z-nove estão de volta às respetivas jaulas, vivos de novo e aparentemente de saúde. Por agora, de qualquer modo. — Virou-se abruptamente e saiu a bambolear.

De Vaca abriu a boca como se fosse responder. Mas, então, abrandou a compressão no fato, retrocedeu, e sorriu.

— Carson, você pareceu um pouco nervoso aí, por um momento.

Ele devolveu-lhe o olhar, lutando por manter presente que a tensão e a sordidez que assaltavam as pessoas ali em baixo, no Tanque da Febre, faziam parte do trabalho. Começava a ver o que enlouquecera Burt. Se ele pudesse manter a mente fixada no objetivo último... em seis meses, de uma forma ou de outra, tudo estaria terminado.

Voltou à molécula, fazendo-a girar cento e vinte graus, à procura de vulnerabilidades. De Vaca regressou à tarefa de guardar o equipamento saído

¹⁴ Resultante de uma mistura de raças, mestiça. [N. do T.]

da autoclave. A calma voltou a instalar-se no laboratório. Carson perguntou-se, por breves instantes, o que teria acontecido ao marido de de Vaca.

h

Carson acordou mesmo antes do nascer do Sol. Dirigiu um olhar turvo ao calendário eletrônico colocado na parede, ao lado da cama: sábado, o dia do Piquenique da Bomba anual. Como Singer explicara, a tradição do Piquenique da Bomba remontava aos dias em que o laboratório fazia investigação militar. Uma vez por ano, era organizada uma peregrinação ao velho sítio em Trinity, onde a primeira bomba atômica fora feita explodir, em 1945.

Carson levantou-se e preparou-se para fazer uma chávena de café. Gostava da quietude das manhãs do deserto e a última coisa que lhe apetecia era fazer conversa de circunstância na sala das refeições. Deixara de beber o café insípido da cafetaria ao fim de três dias.

Abriu um aparador e tirou uma cafeteira de esmalte, desgastada por anos de utilização. Juntamente com o seu velho conjunto de esporas, a cafeteira fora uma das poucas coisas que levara para Cambridge, e era um dos únicos bens que lhe restavam depois de o banco ter leiloado o rancho. Fora a sua companheira de muitas fogueiras matinais e ele afeiçoara-se-lhe quase supersticiosamente. Fê-la rodar entre as mãos. A porta de fora era completamente negra, coberta com uma crosta de fuligem endurecida pelo fogo que uma faca de mato não conseguiria remover. O interior era ainda alegremente esmaltado de azul-escuro pintalgado de branco, com uma grande amolgadela de lado, feita pelo seu velho cavalo, *Weaver*, que, uma manhã, a tirara do fogo com um coice. A pega estava amolgada, de novo por culpa de *Weaver*, e Carson recordou o dia insuportavelmente quente em que o cavalo rolara pelo rio Wash com ambos os alforges em cima. Abanou a cabeça. *Weaver* fora-se com o rancho, era apenas um vulgar cavalo mexicano com garupa de ganso, que não valia mais de duas notas de cem, no máximo. Provavelmente, foi logo parar com os ossos ao matadouro.

Carson encheu a cafeteira com água do lavatório da casa de banho, despejou lá para dentro duas mancheias de grãos de café, e colocou-a sobre uma chapa elétrica encastrada numa bancada próxima. Observou-a com toda a atenção. Mesmo antes de começar a ferver, tirou-a do calor, deitou um pouco de água fria para assentar os grãos, e voltou a colocá-la na chapa para terminar. Era a melhor forma de fazer café — muito melhor do que os filtros ridículos, que saquetas, que as máquinas expresso de quinhentos

dólares que toda a gente usava em Cambridge. E aquele café tinha energia. Lembra-se de o seu pai dizer que o café não estava pronto até se conseguir pôr uma ferradura a flutuar nele.

Quando estava a servir o café, parou, vendo o seu reflexo no espelho que havia sobre a sua secretária. Franziu o sobrolho, lembrando-se de quão duvidosa de Vaca parecera quando ele insistira que era anglo. Em Cambridge, as mulheres tinham muitas vezes achado exóticos os seus olhos negros e o nariz aquilino. Ocasionalmente, falara-lhes no seu antepassado, Kit Carson. Mas nunca mencionara que, do lado da mãe, os seus antepassados eram Ute do Sul. Aborrecia-o o facto de ainda manter segredo sobre isso, tantos anos depois de ter passado o tempo em que lhe chamavam «mestiço» no recreio da escola.

Lembrou-se do seu tio-avô Charley. Apesar de ser meio branco, o seu aspeto era cem por cento índio e até falava ute. Charley morrera quando Carson tinha nove anos e recordava-o como um homem muito magro sentado numa cadeira de baloiço, junto à lareira, rindo entre dentes para si mesmo, fumando cigarros e cuspidos pedaços de tabaco ao longo da língua para o lume. Contava uma porção de histórias dos Índios, a maior parte delas sobre seguir a pista de cavalos perdidos e roubar gado aos sempre injuriados Navajos. Carson apenas podia ouvir as suas histórias quando os pais não estavam por perto; de outro modo, eles enxotavam-no e censuravam o velho por encher a cabeça do miúdo com mentiras e disparates. O pai de Carson não gostava de Charley, e fazia frequentes comentários acerca do comprimento do seu cabelo, que o velho recusava cortar, dizendo que isso iria diminuir a queda de chuva. Carson também se lembrava de ouvir sem querer o seu pai dizer à sua mãe que Deus dera ao filho «mais que o seu quinhão de sangue ute».

Sorveu o seu café e olhou pela janela aberta, esfregando distraidamente as costas. O quarto era no segundo andar do edifício residencial e proporcionava um panorama sobre os estábulos, as oficinas e a cerca do perímetro. Para lá da cerca, começava o deserto sem fim.

Fez uma careta quando os dedos atingiram um ponto sensível na base das costas onde tinham feito uma punção lombar na noite anterior. Outro aborrecimento de trabalhar em instalações de Nível-5, descobrira ele, eram os exames físicos semanais obrigatórios. Mais uma forma de lembrar a preocupação constante com as contaminações que afligia quem trabalhava em Mount Dragon.

O Piquenique da Bomba era a sua primeira folga desde que chegara ao laboratório. Descobrira que a inoculação dos chimpanzés com o vírus neutralizado era apenas o início da sua missão. Embora Carson tivesse explicado que aquele novo protocolo era a única solução possível, Scopes

insistira em dois conjuntos adicionais de inoculações, para minimizar qualquer hipótese de resultados erróneos. Seis chimpanzés estavam agora inoculados com X-FLU. Se sobrevivessem às inoculações, o teste seguinte seria ver se tinham adquirido imunidade à gripe.

Carson olhou pela janela enquanto dois trabalhadores rolavam um grande tanque galvanizado para cima de uma carrinha *Ford 350* e começaram a debater-se para o colocarem no lugar. O camião da água chegara cedo e o condutor estava a preguiçar no parque de veículos, demasiado indolente para desligar o motor, que emitia nuvens de fumo de *diesel*. O céu estava limpo — as chuvas do final do verão não começariam senão dentro de mais algumas semanas — e, à luz da manhã, as montanhas distantes tinham um brilho de ametista.

Terminando o seu café e descendo as escadas, encontrou Singer junto da carrinha, gritando ordens aos trabalhadores. Estava de sandálias de praia e bermudas. Uma camisa extravagante de cor pastel cobria o seu generoso diafragma.

— Vejo que está pronto — disse Carson.

Singer olhou para ele através dos seus velhos *Ray-Ban*.

— Anseio por isto durante o ano inteiro — disse ele. — Onde está o seu fato de banho?

— Por baixo das calças de ganga.

— Entre no espírito, Guy! Parece que vai reunir gado, não passar o dia na praia. — Virou-se de novo para os trabalhadores. — Partimos às oito horas em ponto, por isso vamos a mexer. Tragam os *Hummers* e carreguem-nos.

Outros cientistas, técnicos e trabalhadores vinham na direção da zona dos veículos, carregados com sacos de praia, toalhas e cadeiras de fechar.

— Quando é que esta coisa começou? — perguntou Carson, olhando para eles.

— Não consigo lembrar-me de quem foi a ideia — disse Singer. — O governo abre o Trinity ao público uma vez por ano. A certa altura, perguntámos se poderíamos visitar o local por nossa conta, e disseram que sim. Então, alguém sugeriu um piquenique, e mais alguém sugeriu voleibol e cerveja fresca. Depois, alguém fez notar que era uma pena que não pudéssemos juntar o oceano a isto. E foi quando surgiu a ideia do bebedouro do gado. Foi um golpe de génio.

— As pessoas não estão preocupadas com a radiação? — perguntou Carson.

Singer riu-se entre dentes.

— Já não há radiação nenhuma. Mas levamos contadores Geiger connosco na mesma, para tranquilizar os mais nervosos. — Levantou os

olhos quando ouviu o som de motores a aproximarem-se. — Vamos, pode viajar comigo.

Em breve, uma dúzia de *Hummers*, sem tejadilho, acotovelavam-se num ténue caminho de terra que apontava, como uma flecha, na direção do horizonte. O camião da água era o último, seguindo uma tempestade de pó.

Uma hora depois de condução sem sobressaltos, Singer parou o *Hummer* da frente.

— Zona de impacto — disse ele a Carson.

— Como sabe? — perguntou Carson, olhando em redor pelo deserto. A Sierra Oscura erguia-se para ocidente: montanhas desérticas, secas, estéreis, percorridas pelo recorte de afloramentos sedimentários. Era um local desolado, mas não mais desolado do que o resto do Jornada.

Singer apontou para uma barra ferrugenta, retorcendo-se a poucos metros acima do solo.

— Aquilo é o que resta da torre que segurou a bomba original. Se olhar com atenção, verá que estamos numa depressão pouco profunda escavada pela explosão. Ali... — Singer apontou para um monte e algumas casamatas em ruínas — era um dos postos de observação de instrumentos.

— É aqui que fazemos o piquenique? — perguntou Carson um pouco duvidoso.

— Não — disse Singer. — Continuamos por mais um quilómetro. O cenário é mais simpático lá. De qualquer forma, um pouco mais simpático.

Os *Hummers* pararam num banco de areia desprovido de arbustos ou catos. Uma única duna, fixada por um grupo de iúcas, elevava-se acima da vastidão plana do deserto. Enquanto os trabalhadores se debatiam para tirar o tanque da carrinha, os cientistas começaram a demarcar posições na areia, colocando cadeiras, chapéus de sol e geleiras. Para um dos lados, foi levantada uma rede de voleibol. Uma escada de madeira foi empurrada de encontro ao tanque; depois, o camião da água manobrou até ficar junto da sua borda e começou a enchê-lo com água. Melodias dos Beach Boys retumbaram de um estéreo portátil.

Carson ficou de lado, observando os procedimentos. Passara a maior parte das horas em que estava acordado no Laboratório C, e ainda não conhecia muitas das pessoas pelo nome. A maioria dos cientistas estava quase no fim das suas comissões e trabalhava junta havia perto de seis meses. Olhando em volta, deu-se conta com alívio de que Brandon-Smith aparentemente ficara no ar condicionado do complexo. Na tarde anterior, passara pelo escritório dela para atualizar a informação sobre os chimpanzés e ela quase lhe arrancara a cabeça quando, acidentalmente, desarrumara as

bugigangas que ela obsessivamente arrumara ao longo da borda da secretária. *Por mim, ainda bem*, pensou ele, quando a imagem indesejável da cientista de fato de banho se intrometeu na sua imaginação.

Singer avistou-o e acenou-lhe. Dois cientistas veteranos que Carson mal conhecia estavam sentados perto dele.

— Já conhece George Harper? — perguntou Singer a Carson.

Harper sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Já esbarrámos um com o outro no Tanque da Febre — disse ele. — Literalmente. Dois fatos biológicos a passar pela noite. E, claro, ouvi a sua atraente descrição da Dr.^a Brandon-Smith. — Harper era esguio, tinha cabelo castanho, que começava a rarear, e um proeminente nariz adunco. Esparramou-se na sua cadeira de descanso.

Carson piscou um olho.

— Estava só a testar o funcionamento geral do meu intercomunicador.

Harper riu-se.

— O trabalho parou todo durante cinco minutos enquanto toda a gente desligava o seu intercomunicador para, aa... — Olhou para Singer. — Tossir.

— Ora, George. — Singer sorriu. Indicou o outro cientista. — Este é Andrew Vanderwagon.

Vanderwagon vestia um fato de banho conservador e o seu peito pálido e fundo pareceu perigosamente exposto à luz do Sol. Levantou-se com dificuldade, tirando os óculos de sol.

— Como está? — disse ele, de pé, apertando a mão a Carson. Era baixo, magro, direito, e fastidioso, com os seus olhos azuis tornados cor de ganga ruça pela luz do deserto. Carson reparara nele em Mount Dragon por usar casaco e gravata e sapatos pretos de engraxar.

— Sou do Texas — disse Harper, fazendo um sotaque forte — por isso não tenho de me levantar. Nós não temos maneiras. Aqui o Andrew é do Connecticut.

Vanderwagon assentiu em resposta.

— Harper só se levanta quando um boi deposita uma bosta aos seus pés.

— Não, que diabo — disse Harper. — Nós apenas a tiramos do caminho com a ponta da bota.

Carson instalou-se numa cadeira de descanso fornecida por Singer. O sol era brutal. Ouviu diversos gritos, depois o espadanar na água; as pessoas subiam pelas escadas e saltavam para a água. Quando olhava em redor, viu Nye, o diretor da segurança, sentado bem longe, de um dos lados, a ler o *New York Times* debaixo de um chapéu de sol de golfe.

— É esquisito como uma vitela castrada — disse Harper, seguindo

o olhar de Carson. — Olhem para ele, ali, com o seu maldito fato de Savile Row, e já devem estar uns quarenta graus.

— Porque veio ele? — perguntou Carson.

— Para nos vigiar — disse Vandewagon.

— Que podemos nós fazer que seja perigoso, exatamente? — perguntou Carson.

Harper riu-se.

— Ora, Guy, não sabe? A qualquer momento um de nós pode roubar um *Hummer*, ir até Radium Springs e pulverizar um pouco de X-FLU no Rio Grande. Apenas para infernizar isto um pouco.

Singer franziu o cenho.

— Esse tipo de conversa não tem graça, George.

— Ele é como um daqueles tipos do KGB, sempre a pairar — disse Vanderwagon. — Não saiu daqui desde 1986, e suponho que isso o tornou esquisito. Não ficaria surpreendido se ele tivesse microfones nos nossos quartos.

— Não tem amigos por aqui? — perguntou Carson.

— Amigos? — disse Vanderwagon, erguendo as sobrancelhas. — Não que eu conheça. A menos que conte com Mike Marr. Também não tem família.

— O que faz ele durante o dia todo?

— Pavoneia-se para trás e para a frente com aquele chapéu colonial e o rabo-de-cavalo — disse Harper. — Devia ver o pessoal da segurança quando Nye está presente, cheio de vénias, curvando-se como um porco sobre uma noz.

Vanderwagon e Singer riram-se. Carson estava um pouco surpreendido por ver o diretor de Mount Dragon a fazer coro com os que troçavam do seu próprio diretor da segurança.

Harper recostou-se, atirando as mãos para trás da cabeça, e suspirou.

— Então você é destes lados? — disse ele, indicando Guy com os olhos semicerrados. — Talvez nos possa dizer mais sobre o ouro de Mondragón.

Vanderwagon gemeu.

— O quê? — perguntou Carson.

Os três viraram-se todos para o fitarem, surpreendidos.

— Não sabe a história? — perguntou Singer. — Você, que é do Novo México! — Mergulhou ambas as mãos na geleira e puxou uma mancheia de cervejas. — Isto requer uma bebida — disse ele, passando-as em volta.

— Oh, não. Não vamos ouvir essa lenda *outra vez* — disse Vanderwagon.

— Aqui o Carson nunca a ouviu — protestou Harper.

— Como a lenda conta — começou Singer, deitando um olhar

mal-humorado a Vandewagon — um rico comerciante chamado Mondragón viveu nos arrabaldes da antiga Santa Fé, nos finais do século XVII. Foi acusado de feitiçaria pela Inquisição e posto na prisão. Mondragón sabia que a punição seria a morte e arranjou maneira de escapar, com a ajuda do seu criado, Estevánico. Este Mondragón possuía umas minas nas Montanhas Sangre de Cristo, que funcionavam com trabalho escravo índio. Minas ricas, dizem, provavelmente de ouro. Assim, quando escapou da Inquisição, regressou sorrateiramente à sua *hacienda*, desenterrou o ouro, carregou uma mula e fugiu com o criado pelo Camino Real. Noventa quilos de ouro, tudo o que conseguiria transportar em segurança numa só mula. Uns dias depois, no deserto Jornada del Muerto, os dois homens ficaram sem água. Então, Mondragón enviou Estevánico à frente com a cabaça para reabastecer a sua provisão, enquanto ele ficava para trás com um cavalo e a mula. O criado encontrou água numa nascente que ficava uns dias mais para a frente, depois regressou a galope. Mas, quando regressou ao ponto onde deixara Mondragón, o homem desaparecera.

Harper continuou a história.

— Quando a Inquisição ficou a saber do que acontecera, começaram a procurar-lhe o rasto. Cerca de cinco semanas depois, encontraram um cavalo, mesmo no sopé de Mount Dragon, atado a uma estaca, morto. Era o cavalo de Mondragón.

— Em Mount Dragon? — perguntou Carson.

Singer assentiu.

— O Camino Real, a Rota Espanhola, passava mesmo pelos terrenos do laboratório e em redor do sopé de Mount Dragon.

— De qualquer forma — continuou Harper — procuraram em todo o lado por sinais de Mondragón. A cerca de cinquenta metros do cavalo morto, encontraram o seu precioso gibão estendido no chão. Mas por mais que procurassem, nunca encontraram o corpo de Mondragón ou a mula carregada de ouro. Um padre espargiu o sopé de Mount Dragon com água benta para limpar o lugar do mal de Mondragón, e ergueram uma cruz no cimo da encosta. O sítio chama-se *La Cruz de Mondragón*. Mais tarde, quando os comerciantes americanos desceram a Rota Espanhola, simplificaram o nome do sítio para Mount Dragon. — Terminou a sua cerveja e exalou um bafo de satisfação.

— Ouvi uma porção de histórias em miúdo sobre tesouros enterrados — disse Carson. — Eram tão comuns como pintas azuis em pastores de pelo vermelho. E todas igualmente falsas.

Harper riu-se.

— Pintas azuis em pastores de pelo vermelho! Há mais alguém aqui com sentido de humor.

— O que é um pastor de pelo vermelho? — perguntou Vanderwagon. Harper riu-se ainda mais sonoramente.

— Ora, Andrew, és um pobre diabo de um ianque ignorante, é um tipo de cão pastor utilizado para guardar gado. São conhecidos por andarem sempre no encaço das reses. Como quando se quer laçar um vitelo com uma corda. — Mimou o rodopiar do laço; depois olhou para Carson. — Ainda bem que há alguém por aqui que não é apenas mais um novato.

Carson sorriu.

— Quando eu era miúdo, costumávamos sair em busca das Escavações Perdidas de Adams. Este Estado tem, supostamente, mais ouro enterrado do que o Forte Knox. Isto é, se se acreditar nessas histórias.

Vanderwagon bufou.

— Essa é a chave: se se acreditar nas histórias. O Harper é do Texas, onde a indústria mais avançada é a do fabrico e distribuição de tretas. E, agora, acho que é altura de nadar um pouco. — Torceu a garrafa de cerveja para a meter na areia, e pôs-se de pé.

— Eu também vou — disse Harper.

— Venha daí, Carson! — chamou Singer ao seguir os cientistas até ao tanque, tirando a camisa à medida que caminhava.

— Só um minuto — disse Carson, vendo-os fazer fila na escada de madeira e saltar para dentro de água, acotovelando-se uns aos outros enquanto o faziam. Terminou a sua cerveja e pôs a garrafa de parte. Parecia-lhe surreal estar no meio do deserto Jornada del Muerto, a pouco mais de um quilómetro da zona de impacto, observando vários dos mais brilhantes biólogos do mundo chapinharem na água dentro de um tanque para os animais beberem. Mas a própria irrealidade do lugar era como uma droga. Aquilo era, verdadeiramente, o modo como se teria sentido a trabalhar no Projeto Manhattan. Tirou as calças e a camisa e deitou-se de barriga para cima apenas com os calções de banho, fechando os olhos e sentindo-se relaxado pela primeira vez em vários dias.

Vários minutos depois, o calor implacável fê-lo erguer-se e sentar-se, escavando na geleira à procura de outra cerveja. Quando a abria, ouviu o riso de de Vaca erguer-se acima da dispersão das conversas. Estava de pé na extremidade mais longínqua do tanque, afastando os longos cabelos do rosto e falando com alguns dos técnicos, e o seu biquíni branco fazia um forte contraste com a sua pele bronzeada. Se viu Carson, não mostrou nenhum sinal disso.

Enquanto observava, Carson viu outra pessoa juntar-se ao grupo onde estava de Vaca. O arrastar estranho na forma de andar era familiar, e Carson percebeu que era Mike Marr, o número dois da segurança. Marr começou a falar com de Vaca, de cabeça atirada para trás e o largo sorriso

langoroso claramente visível. Subitamente, aproximou-se, murmurando qualquer coisa ao ouvido de de Vaca. Logo de seguida, a expressão de de Vaca ensombrou-se e afastou-se bruscamente. Marr disse mais alguma coisa e, de imediato, de Vaca esbofeteou-o com força. O som agudo chegou até Carson por sobre as areias do deserto. Marr cambaleou para trás e o seu chapéu preto de vaqueiro caiu sobre o pó. Quando ele se inclinou para o recuperar, de Vaca falou depressa, com um trejeito trocista nos lábios. Embora Carson não pudesse distinguir exatamente o que ela estava a dizer a Marr, o grupo de técnicos desatou às gargalhadas.

Porém, o aspeto que o rosto de Marr tomou era alarmante. Os olhos semicerraram-se, e a sua expressão descontrainda e amável desapareceu do seu semblante num instante. Com grande deliberação, voltou a pôr o chapéu na cabeça, sem tirar os olhos de de Vaca. Depois, deu meia-volta rapidamente e afastou-se a passos largos do grupo.

— Ela é fogo, não é? — Singer riu-se entre dentes quando voltava com os outros e notou a direção do olhar de Carson. Este percebeu que Singer na verdade não assistira à pequena cena que acabara de se desenrolar. — Sabe, ela originalmente veio para cá para trabalhar no departamento médico, uma semana antes de você chegar. Mas, depois, Myra Resnick, a assistente de Burt, foi-se embora. Tendo em conta os conhecimentos dela, pensei que ela daria uma boa assistente para si. Espero não me ter enganado. — Atirou um pequeno seixo para o colo de Carson.

— Que é isto? — A pedra era verde e um pouco transparente.

— Vidro atômico — disse Singer. — A bomba de Trinity fundiu a areia junto da zona de impacto, deixando uma crosta deste material. A maior parte desapareceu, mas de vez em quando ainda se consegue encontrar um pedaço.

— É radioativo? — perguntou Carson, pegando-lhe cuidadosamente.

— Nem por isso.

Harper deu uma gargalhada.

— Nem *por isso* — repetiu ele, desentupindo um ouvido cheio de água com a ponta do dedo mindinho. — Se estiver nos seus planos ter filhos, Carson, seria melhor afastar essa coisa das suas gónadas.

Vanderwagon abanou a cabeça.

— Você é um sacana ordinário, Harper.

Singer virou-se para Carson.

— São o melhor amigo um do outro, mas nunca se sabe.

— Como é que começou a trabalhar na GeneDyne? — perguntou Carson, devolvendo o seixo a Singer.

— Era Professor Morton de Biologia na CalTech. Pensava que

atingira o topo da profissão. Então, Brent Scopes apareceu e fez-me uma proposta. — Singer abanou a cabeça ao recordar-se. — Mount Dragon ia passar para o mundo civil e Brent queria que eu assumisse o controlo.

— Uma grande mudança em relação à academia — disse Carson.

— Demorei algum tempo a adaptar-me — disse Singer. — Sempre olhei com desdém para a indústria privada. Mas cedo me apercebi do poder do mercado. Estamos a fazer um trabalho extraordinário aqui, não porque somos mais espertos, mas porque temos muito mais dinheiro. Nenhuma universidade conseguiria sustentar Mount Dragon. E o potencial retorno é muito maior. Quando estava na CalTech, fazia uma obscura investigação sobre conjugação entre bactérias. Agora estou a fazer trabalho de ponta que tem o potencial de salvar milhões de vidas. — Esvaziou a cerveja. — Fui convertido.

— Eu fui convertido — disse Harper — quando vi o género de ordenado que um professor assistente ganha.

— Trinta mil — disse Vanderwagon — depois de seis ou oito anos de ensino superior. Dá para acreditar?

— Lembro-me de quando estava em Berkeley — disse Harper. — Todas as minhas propostas de investigação tinham de passar pelo burocrata decrépito que era o diretor do departamento. O filho da puta fossilizado estava sempre a lamentar-se com as despesas.

— Trabalhar para Brent — disse Vanderwagon — é como a noite e o dia. Ele compreende como a ciência funciona. E como os cientistas trabalham. Não tenho de explicar ou justificar nada. Se preciso de alguma coisa, envio-lhe um *e-mail* e a coisa acontece. Temos sorte de estar a trabalhar para ele.

Harper assentiu.

— Muita sorte.

Pelo menos, estão de acordo em relação a alguma coisa, pensou Carson.

— Estamos felizes por tê-lo connosco, Guy — disse por fim Singer, assentindo e erguendo a cerveja numa saúde. Os outros imitaram-no.

— Obrigado. — Carson fez um largo sorriso, pensando sobre o capricho do destino que, subitamente, o fizera aterrar entre o orgulho da GeneDyne.